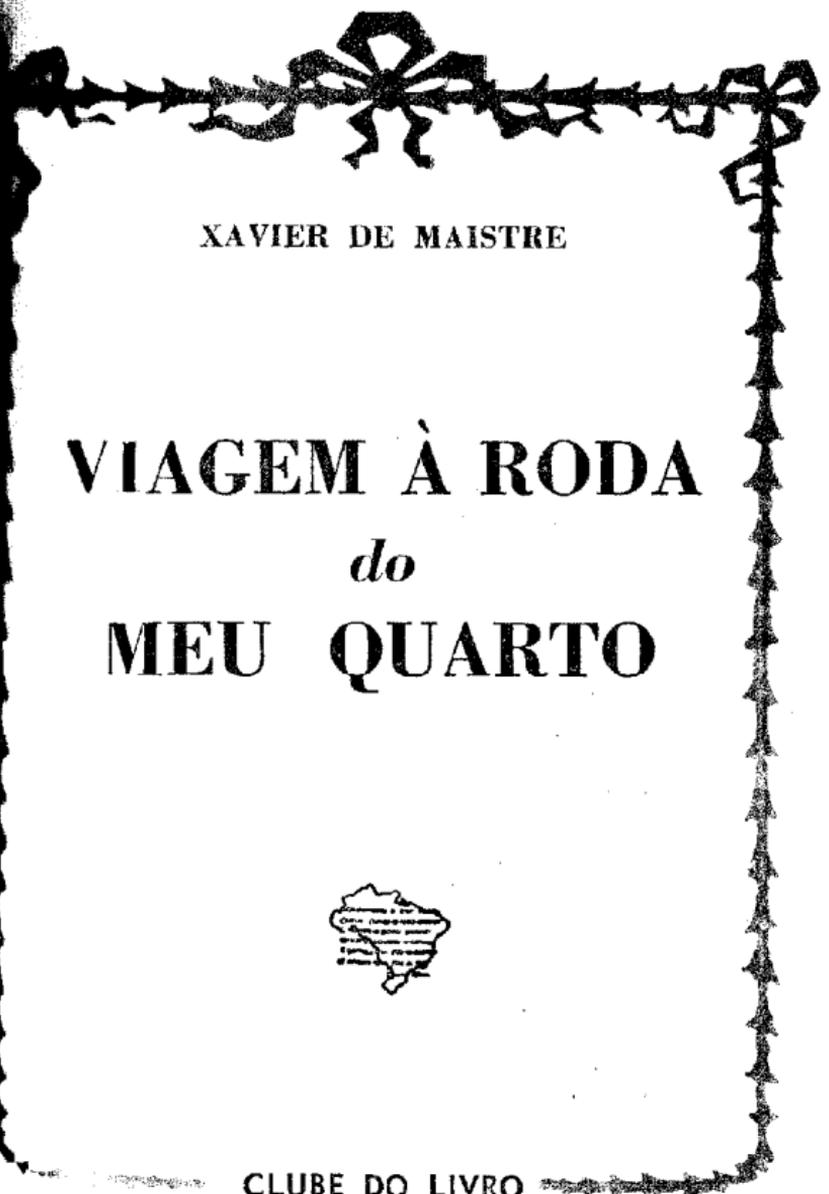


O! Benedito o que tem de
furos, furos à mão aberta
E manda o povo pensar,
O furo caído n'alma,
Esperme que faz a palma,
E cobra que faz o mar!
Castro Alves



XAVIER DE MAISTRE

VIAGEM À RODA
do
MEU QUARTO



CLUBE DO LIVRO
SÃO PAULO
1946

O próximo lançamento do

CLUBE DO LIVRO

será a majestosa, a empolgante, a célebre obra de Victor Hugo.

OS HOMENS DO MAR

em que o imortal escritor francês cria um mundo, descreve tempestades, narra a insídia do oceano, o sofrimento do abandono, as peripécias da fome, os horrores da sede, o esforço da luta, tudo para fazer ressaltar, diante de tanta grandeza, a grandeza de uma coisa pequenina e infinita: o coração humano.



Aguardem

OS HOMENS DO MAR

o lançamento de dezembro do

CLUBE DO LIVRO

CLUBE DO LIVRO

DIRETORES

Mario Gracioti — Luiz L. Reid — Waldemar Luiz Rocha

CONSELHO DE SELEÇÃO

Afonso Schmidt — Nuto Sant'Anna — Raul de Polillo — Silveira Buena

1.º — Para favorecer o gosto pela leitura e a formação de bibliotecas econômicas, selecionadas e padronizadas, existe, em São Paulo, o CLUBE DO LIVRO.

2.º — Mensalmente, desde julho de 1943, o CLUBE DO LIVRO vem editando um livro de notório merecimento, a exemplo deste, escolhido pelo seu Conselho de Seleção, e o envia ao seu sócio, que, mediante o pagamento de SEIS cruzeiros, se torna proprietário do mesmo livro.

3.º — A fim de tornar-se sócio do CLUBE DO LIVRO, para o fim especial de receber o livro mensal por SEIS cruzeiros, é bastante o interessado enviar uma carta ao CLUBE DO LIVRO, que mantém permanentemente aberta a inscrição de novas adesões. A carta, pedindo inscrição, deverá conter nome, endereço e assinatura do candidato a sócio. Para as pessoas residentes no interior de São Paulo, ou em outras cidades do Brasil ou no Exterior, procede-se na forma dos itens 5.º ou 6.º.

4.º — Além do pagamento de SEIS cruzeiros correspondentes à obtenção do livro, não há taxa de inscrição, nem jôia ou outra despesa qualquer.

5.º — Fora da Capital de S. Paulo, o preço do livro é acrescido da importância de 50 centavos: o pagamento é feito ao nosso representante no ato da entrega do livro. — No Exterior do País, o livro é vendido por 7 cruzeiros.

6.º — O CLUBE DO LIVRO mantém Serviço de Assinatura Semestral ou Anual. Se o interessado enviar uma carta ao CLUBE DO LIVRO, acompanhada de um vale postal ou cheque, em nome da Editôra Clube do Livro Ltda., S. Paulo, na importância de 36 ou 72 cruzeiros, receberá, sob registro postal, sem outras despesas, no endereço indicado, SEIS ou DOZE livros consecutivos, à razão de um por mês, começando a assinatura em qualquer mês. Assim sendo, o assinante terá o abono de 50 centavos por livro.

7.º — Pede-se ao sócio, havendo mudança de endereço, comunicar imediatamente ao CLUBE DO LIVRO, a fim de não interromper-se a entrega mensal do livro, indicando sempre o endereço anterior.

8.º — Se o associado transferir a sua residência para qualquer cidade do Brasil, o livro continuará a ser-lhe entregue pelo nosso representante, se na localidade existir, ou pelo serviço de assinatura semestral ou anual, na forma do item 6.º.



EDITORA CLUBE DO LIVRO LTDA.

Rua Conselheiro Crispiniano, 404 — Salas 802 e 803 — Fone 4-3621
Caixa Postal 153-B — SÃO PAULO — Estados Unidos do Brasil



XAVIER DE MAISTRE

VIAGEM À RODA
do
MEU QUARTO



CLUBE DO LIVRO

SÃO PAULO

1946

VIAGEM À RODA
DO MEU QUARTO

Nota explicativa

Depois de Hamilton e de Voltaire, Xavier de Maistre é um dos mais destacados mestres contistas da literatura francesa. Tem a malícia de Voltaire sem a maldade deste. A zombaria amarga e mordente do autor de "Cândido" é substituída nêle por uma risonha bonomia. Como Hamilton, tem o espírito gracioso e ligeiro; é simples sem pretensão; a sua narrativa corre sem esforço, rolando na sua onda límpida pensamentos finos, sentimentos delicados, observações e reflexões de uma filosofia consoladora e suave.

À maneira de um diário, o escritor aborda todos os assuntos que o preocupavam nessa distante época e que, salvo o ambiente, são os mesmos que preocupam o homem contemporâneo. Suprimida a côr

local, estas páginas, enfrentando temas universais e eternos, palpitam de tal frescura que se diria terem sido escritas hoje



Xavier de Maistre, nascido na Saboya, em Chambéry, morreu em Petrogrado, com 89 anos de idade.

Quando a Saboya foi reunida à França, em 1792, Xavier de Maistre era oficial e expatriou-se por não querer adotar a nacionalidade francesa. Não deixou, por isso, de pertencer à literatura dêsse grande povo, tanto pelo idioma em que escreveu tôdas as suas obras, como pelo lugar distinto que nela soube ocupar em virtude da novidade de seu estilo e originalidade de suas obras.

Depois de ter combatido em 1799 no exército austro-russo na Itália, dirigiu-se à Rússia no séquito do General Souwarow. Tendo êste General caído no desfavor do Czar, viu-se obrigado Xavier de Maistre a

viver da sua pintura, para a qual tinha pendores especiais. A chegada de seu irmão, José Maria, Conde de Maistre, a S. Petersburgo (hoje Petrogrado) como enviado extraordinário da França, mudou a sua situação. Entrou primeiro na administração da Marinha e em 1805 foi nomeado diretor da biblioteca e do museu do Almirantado. Tendo passado em seguida para o estado-maior, fêz a campanha do Cáucaso, onde ganhou a graduação de General. Foi só em 1825 que tornou a ver a Saboya. Residiu muitos anos em Nápoles, regressando em 1839 a Petrogrado, onde faleceu.

Cinco obras classificam Xavier de Maistre entre os escritores mais delicados da literatura francesa. Houve quem observasse que êle forma de algum modo a transição entre Bernardin de Saint-Pierre e os mais amáveis autores de contos do nosso tempo. Tem alguma coisa do primeiro, efetivamente, pela graça, pela leveza, pela verdade dos cambiantes e pelo patético: foi para os segundos o primeiro

modelo na França dêsse “humour” à *Sterne*, que êles reproduziram com talentos e resultados diversos.

Foi apenas uma vez a Paris, em idade muito avançada e ficou muito admirado de ser ali tão conhecido e de ver as suas obras tão apreciadas. Havia escrito na idade de 26 anos esta “Viagem à roda de meu quarto”, a qual revelava um contista cheio de finura e de “humour”, um escritor gracioso, natural e delicado.

Esta deliciosa palestra, cheia de espírito jocosos, de observações judiciosas, de uma filosofia meiga com a qual se entremeciam em proporções discretas a divagação e o devancio, torna-se mais encantadora ainda por um estilo leve, engenhoso, de nitidez por assim dizer transparente.

“Relendo esta agradável “Viagem” — diz *Saint-Beuve*, que conheceu pessoalmente Xavier de Maistre, “aprende-se a conhecer o autor melhor do que êle se nos confessasse diretamente: porque, em verdade, ella é uma espécie de confissão sob o

seu manto de ironia. Os divórcios, arrufos e conciliações da Alma e da “Outra” fornecem ao amável humorista uma quantidade de reflexões filosóficas tão finas e tão profundas como a poltrona psicológica nunca pôde inspirar com todo o seu aparato melódico aos analistas de profissão.

Ninguém espera que eu compare Xavier de Maistre a *Mérimée*: são, contudo, os dois mais perfeitos novelistas que possuímos, os dois mais hábeis, um em copiar o verdadeiro, outro em figurá-lo”.

Além dêsste livro, deixou as seguintes obras: “*O Leproso da cidade de Aosta*”, “*A Jovem Siberiana*”, “*Prisioneiros do Cáucaso*” e “*Expedição noturna à roda de meu quarto*”, que forma a segunda parte do volume que hoje apresentamos aos nossos leitores. É um verdadeiro “pendant” da “*Viagem à roda do meu quarto*”, escrita trinta anos antes. Nesta “*Expedição*”, observamos os resultados de um engenho amadurecido pela expe

riência do mundo e pelo estudo da filosofia, tornando-se uma obra-prima merecedora de entrar em confronto com a primeira.

As "Obras completas" de Xavier de Maistre têm tido inúmeras edições, encartando-se vitoriosamente entre os grandes livros da literatura universal, que resistem a tôdas as inovações e a tôdas as modas literárias.

São Paulo, 1.º de Novembro de 1946

CLUBE DO LIVRO

CAPÍTULO I

Como é glorioso abrir uma carreira nova e aparecer de repente no mundo sábio, com um livro de descobertas na mão, à semelhança de um cometa inesperado que de repente cintila no espaço!

Não, não continuarei mais a conservar o meu livro *in petto*; aqui o têm, meus senhores, leiam-no. Empreendi e executei uma viagem de quarenta e dois dias à roda do meu quarto. As interessantes observações que fiz e o prazer contínuo que experimentei ao longo do caminho faziam-me nascer o desejo de o tornar público; a certeza de ser útil foi o que me decidiu.

Meu coração sente uma inexprimível alegria, quando penso no número infinito de infelizes a quem ofereço um recurso certo contra o tédio e um conforto suavizador para os males que sofrem. O prazer que a gente tem em viajar no seu quarto está ao abrigo do ciúme inquieto dos homens; é independente da fortuna.

E haverá, com efeito, algum ente tão infeliz, tão abandonado, que não tenha um abrigo para onde pos-

sa retirar-se e onde consiga esconder-se de todos? Ora aí estão todos os preparativos da viagem.

Estou certo de que todo homem sensato há de adotar o meu sistema, qualquer que seja o seu caráter e qualquer que seja o seu temperamento; quer seja avaro ou pródigo, rico ou pobre, novo ou velho, nascido sob a zona tórrida ou nas proximidades do polo, poderá viajar como eu; finalmente, na imensa família dos homens que formigam na superfície da terra, não há um único, — não, um único (refiro-me aos que moram em quarto) que possa, depois de ter lido este livro, recusar a sua aprovação ao novo modo de viajar que eu introduzo no mundo.

CAPÍTULO II

Poderia eu começar o elogio da minha viagem por dizer que nada me custou; este artigo merece atenção. Ei-la princiramente celebrada, festejada pelas pessoas de mediócrees posses; há ainda outra classe de homens perante os quais o mesmo artigo tem ainda mais certeza de grande êxito, pela mesma razão da nenhuma despesa. Mas, então, perante quem? O quê? Ainda o perguntam? perante as pessoas ricas. Em primeiro lugar, de que proveito não será para os doentes este modo de viajar! Não terão que recear a in-

tempérie do ar e das estações. Para os poltrões, pô-los-á ao abrigo dos salteadores; não encontrarão precipícios, nem ribanceiras. Milhares de pessoas, que antes de mim não tinham ousado, outras que não tinham podido, outras finalmente que não tinham sonhado em viajar, vão agora resolver-se com o meu exemplo. O indivíduo mais indolente que haja hesitará por ventura em pôr-se a caminho comigo para alcançar um prazer que lhe não custará nem incômodo, nem dinheiro? Coragem, pois; partamos. Segui-me, vós todos a quem uma mortificação do amor, uma negligência da amizade, vos retêm no vosso quarto, longe da pequenez e da perfídia dos homens. Sigam-me todos os infelizes, todos os doentes, todos os aborrecidos do universo! Levantem-se em massa todos os preguiçosos! E vós todos que arquitetais no vosso espírito sinistros projetos de reforma ou de retirada por qualquer infidelidade, vós que, numa alcova, renunciáis ao mundo por tôda a vida; amáveis anacoretas de uma noite, vinde também: abandonai, crêde-me, essas negras idéias; estais perdendo um instante para o prazer sem ganhar nenhum para a sabedoria: condescendei em acompanhar-me na minha viagem; seguiremos por pequenas jornadas, rindo ao longo do caminho, dos viajantes que têm visto Paris e Roma; nenhum obstáculo poderá deter-nos; e, entregando-nos jovialmente à nossa imaginação, seguí-la-emos por tôda parte, por onde ela se compraza em conduzir-nos.

CAPÍTULO III

Há tanta gente curiosa por êsse mundo! Estou convencido que quereriam saber porque foi que a minha viagem à roda do meu quarto durou quarenta e dois dias em lugar de quarenta e três, ou de qualquer outro espaço de tempo; mas, como hei-de explicá-lo ao leitor, se eu próprio o não sei? Tudo o que posso afirmar é que se a obra para seu gôsto é extremamente comprida, de mim não dependeu torná-la mais breve; pondo de parte tôda a vaidade de viajante, ter-me-ia contentado com um capítulo. Verdade seja que eu estava no meu quarto com todo o prazer e tôda a comodidade possíveis, mas, ah! não era senhor de sair dêle à minha vontade, quando quisesse; creio mesmo que, sem a intervenção de certas pessoas poderosas que se interessam por mim, e para as quais o meu reconhecimento é inextinguível, eu teria tempo até de dar um *in-folio* ao público, tal era a disposição com que estavam em meu favor os protetores que me faziam viajar no quarto em que eu estava recluso.

E, contudo, leitores razoáveis, vêde quão pouca razão tinham êsses homens, e apossai-vos bem, se perderdes, da lógica que passo a expor-vos.

Haverá alguma coisa mais natural e mais justa do que ter um desafio com alguém que vos pisa por inad-

vertência, ou que solta algum têrmo picante num momento de despeito, de que a vossa imprudência foi causa, ou finalmente que teve o infortúnio de agradar à vossa amante?

Vai-se para um campo, e aí procura-se fazer o que Nicole fazia com o Burguês Gentilhomem; e, para que a vingança seja segura e completa, apresentamos-lhe o nosso peito a descoberto, correndo a gente o risco de se fazer matar pelo seu inimigo para se vingar d'êle. Vê-se que não há nada mais consequente, e, no entanto, encontram-se pessoas que desaprovam êste louvável costumel Mas, o que é tão consequente como tudo o mais é que essas mesmas pessoas que desaprovam e que querem que seja considerado como uma falta grave, tratariam ainda pior aquêle que recusasse cometê-lo. Mais de um infeliz, para se conformar com o parecer dessas pessoas, tem perdido a sua reputação e o seu emprêgo; de modo que quando se tem o infortúnio de ter o que se chama uma pendência, não se faria mal em tirar à sorte para se saber se convém terminá-la, segundo as leis ou segundo o costume, e como as leis e o costume são contraditórios, os juizes poderiam também jogar a dados a sua sentença. E provavelmente também é a uma decisão dêste gênero que convém recorrer para explicar porque e como a minha viagem durou quarenta e dois dias certos.

CAPÍTULO IV

O meu quarto está situado sob o quadragésimo quinto grau de latitude, conforme as medições do *P. Beccaria*; a sua direção é do levante para o poente; forma um paralelogramo que tem trinta e seis passos de perímetro rasando a parede muito de perto. Todavia, a minha viagem há-de conter mais; porque hei-de atravessá-lo muitas vêzes no comprimento e na largura, ou então diagonalmente, sem seguir regra, nem método. Hei-de até fazer zigue-zague, e percorrerei tôdas as linhas possíveis em geometria se a necessidade o exigir. Não me agradam as pessoas que são tão donas dos seus passos e da suas idéias, que dizem: *“Hoje hei-de fazer três visitas, hei-de escrever quatro cartas, hei-de acabar esta obra que principiei”*. A minha alma é de tal modo aberta a tôda espécie de idéias, de gostos e de sentimentos; recebe tão àvidamente tudo o que se apresenta! . . . E por que havia ela de recusar os gozos que estão dispersos pelo difícil caminho da vida? Êstes são tão raros, tão disseminados, que era preciso ser louco para não parar, para não sair até um pouco fora do caminho, a fim de colhêr todos os que estiverem ao nosso alcance. Não há nenhum mais atraente, no meu entender, do que o de seguir a pista

das suas idéias, como o caçador segue a caça, sem procurar caminho certo. Por isso, quando viajo no meu quarto, raras vêzes percorro uma linha reta; vou da minha mesa até a um quadro colocado num canto; daí, parto obliquamente para ir até à porta; mas, embora ao partir a minha intenção fôsse essa, se no caminho encontro a minha poltrona, não faço cerimônia, e acomodo-me nela imediatamente. É um excelente móvel uma poltrona; é sobretudo da maior utilidade para todo o homem meditativo. Nas longas noites de inverno, é algumas vêzes deleitoso e sempre prudente o recostarmo-nos nela cômodamente, longe do ruído das assembléias numerosas. Um bom fogo, livros, penas; quantos recursos contra o aborrecimento! E, que prazer, também, esquecer as penas e os livros para atizar o fogo, entregue nesse meio tempo a alguma doce meditação, ou arrançando algumas rimas para deleite dos amigos! As horas então deslizam por cima de nós, e caem em silêncio na eternidade sem nos fazer sentir a sua triste passagem.

CAPÍTULO V

Depois da minha poltrona, caminhando para o norte, encontra-se o meu leito, que está colocado ao

fundo do meu quarto, e que apresenta a mais agradável perspectiva. Está colocado do modo mais feliz: os primeiros raios de sol vêm iluminar-lhe os cortinados. Vejo-os, nos formosos dias de verão, avançarem ao longo da parede branca, à medida que o sol vai subindo: os olmeiros que estão defronte da minha janela dividem-nos de mil maneiras, e os fazem balouçar sobre o meu leito, côr de rosa e branco, que espalha para todos os lados um tom de luz delicioso pela sua reflexão. Ouço o gorjear confuso das andorinhas que se apoderaram do telhado da casa, e o dos outros pássaros que povoam os olmeiros: então, ocupam-me o espírito mil idéias risonhas; e, em todo o universo, ninguém tem um despertar tão agradável, tão pacífico como o meu.

Confesso que me deleito em gozar êstes agradáveis momentos, e que prolongo sempre, tanto quanto é possível, o prazer que acho em estar meditando no doce calor da minha cama. Que teatro fala mais à imaginação e desperta idéias mais ternas do que o móvel em que me esqueço da realidade tantas vêzes? Leitor modesto, não te assustes; mas, não me será permitido falar da felicidade de um amante que aperta pela vez primeira nos braços uma espôsa virtuosa? Prazer inefável, que o meu mau destino me condena a não gozar jamais! Não é no leito que uma mãe, extática de alegria com o nascimento de um filho, esquece as suas

dores? É aí que nos vêm agitar os prazeres fantásticos, *frutos da imaginação e da esperança*. Finalmente, é nesse móvel delicioso que esquecemos, durante metade da vida, os dissabores da outra metade. Mas que multidão de pensamentos agradáveis e tristes se agitam ao mesmo tempo no meu cérebro! Misto admirável de situações terríveis e deliciosas!

Uma cama nos vê nascer e nos vê morrer; é o teatro variável onde o gênero humano desempenha alternadamente dramas interessantes, farças risíveis e tragédias espantosas. É um berço guarnecido de flores; é o trono do amor; é um sepulcro.

CAPÍTULO VI

Este capítulo não é absolutamente senão para os metafísicos. Vai derramar a maior claridade sobre a natureza do homem; é o prisma com o qual se poderá analisar e decompor as faculdades do homem, separando o poder animal dos raios puros da inteligência.

Ser-me-ia impossível explicar como e porque queimei os dedos aos primeiros passos que dei começando a minha viagem, sem explicar, com toda minuciosidade, ao leitor, o meu sistema da alma e da bête. Esta descoberta metafísica influi de mais a

mais tanto e de tal modo nas minhas idéias e nas minhas ações, que seria muito difícil compreender êste livro, não dando a chave dêle logo no comêço.

Percebi, por diversas observações, que o homem é composto de uma alma e de uma bêtea. Êstes dois sêres são absolutamente distintos, mas de tal modo encaixados um no outro, ou um sôbre o outro, que é preciso que a alma tenha uma certa superioridade sôbre a bêtea para se encontrar no estado de distinguir.

Aprendi com um velho professor (é o mais remoto que me lembra) que Platão chamava à matéria a *outra*. Era bem chamada; mas eu gostaria mais de dar êste nome por excelência à bêtea que está junto à nossa alma. É realmente esta substância que é a *outra*, e que nos importuna de modo tão estranho. Percebe-se bem pelo alto que o homem é duplo; mas é, diz-se, por ser composto de uma alma e de um corpo; e acusa-se êste corpo de não sei quantas coisas; mas seguramente muito mal a propósito pois que êle é tão incapaz de sentir como de pensar. É da bêtea que nos devemos queixar, dêsse sêr sensível, perfeitamente distinto da alma, verdadeiro *indivíduo*, que tem a sua existência separada, os seus gostos, as suas inclinações, a sua vontade, e que não está acima dos outros animais senão por ser melhor educado e provido de órgãos mais perfeitos.

Meus senhores e minhas senhoras, tende tanto orgulho da vossa inteligência quanto vos aprouber; mas desconfiai muito da outra, sobretudo quando estiverdes juntos!

Tenho feito não sei quantas experiências sôbre a união destas duas criaturas heterogêneas. Por exemplo: reconheci claramente que a alma pode fazer-se obedecer pela bêsta, e que por uma desastrosa compensação, esta obriga muitas vêzes a alma a proceder contra a sua vontade. Em regra, uma tem o poder legislativo e outra o poder executivo; mas êstes dois poderes contrariam-se muitas vêzes. A grande arte de um homem de gênio é saber educar bem a sua bêsta, a fim dela poder seguir sòzinha, enquanto a alma, livre desta penosa companhia, possa elevar-se até ao céu.

Mas, é preciso esclarecer isto com um exemplo.

Quando estás lendo um livro, meu caro leitor, e uma idéia mais agradável entra de repente na tua imaginação, a tua alma prende-se-lhe imediatamente e esquece o livro, ao passo que os teus olhos seguem maquinalmente as palavras e as linhas; acabas a página sem a compreender e sem te lembrar do que lêste. Provém isto de que a tua alma, tendo ordenado à sua companheira que continuasse a leitura, não a advertiu da pequena ausência que ia ter; de modo que a

outra continuou a leitura que a tua alma já não ouviu.

CAPÍTULO VII

Não vos parece isto claro? Aqui tendes outro exemplo:

Um dia do verão passado, tomei o caminho da côrte. Tinha estado a pintar tôda a manhã, e a minha alma, comprazendo-se em meditar sôbre a pintura, deixou à bêsta o cuidado de me transportar ao palácio do rei.

Como a pintura é uma arte sublime! pensava a minha alma; ditoso aquêle a quem o espetáculo da natureza comoveu, aquêle que não é obrigado a fazer quadros para viver, que não pinta unicamente por passa-tempo, mas que, impressionado pela majestade de uma bela fisionomia e pelos jogos admiráveis da luz que se funde em mil tons sôbre o rosto humano, procura aproximar-se nas suas obras dos efeitos sublimes da natureza! Ditoso também o pintor a quem o amor da paisagem arrasta a passeios solitários, que sabe exprimir sôbre a tela o sentimento de tristeza que lhe inspira um bosque sombrio ou campo deserto! As suas produções imitam e reproduzem a natureza; cria mares novos e negras cavernas desconhe-

cidas do sol; por sua ordem, saem do nada bosques verdes e reflete-se nos seus quadros o azul do céu; conhece a arte de enevoar os ares e de fazer rugir as tempestades. Outras vèzes, apresenta aos olhares do espectador encantado as campinas deliciosas da antiga Sicília: vêm-se ninfas desvariadas fugindo, por entre os canaviaes, às perseguições de um sátiro; templos de majestosa arquitetura erguem o seu frontespício soberbo por cima da floresta sagrada que os rodeia: a imaginação perde-se nas estradas silenciosas dêste país ideal; longínquos horizontes azulados confundem-se com o céu, e a paisagem tôda, repetindo-se nas águas de um rio tranquilo, forma um espectáculo que nenhuma língua pode descrever. Enquanto a minha alma fazia estas reflexões, a outra ia seguindo o seu caminho, e Deus sabe para onde ela ia! Em vez de se dirigir à côrte, conforme a ordem que lhe tinha dado, derivou de tal modo para a esquerda, que no momento em que a minha alma a encontrou, estava ela à porta de *Madame de Hautcastel*, a meia milha do palácio real.

Imagine o leitor o que teria sucedido se ela tivesse entrado inteiramente só em casa de uma senhora tão formosa.

CAPÍTULO VIII

Se é útil e agradável ter uma alma desembaraçada da matéria a ponto de a fazer viajar sòzinha quando se entende conveniente, esta faculdade tem também as suas desvantagens. A ela devo, por exemplo, a queimadura de que falei nos capítulos precedentes. Dou ordinariamente à minha bêsta o cuidado do preparo do meu almoço; é ela quem me torrá o pão e quem o corta em fatias. Faz maravilhosamente o café e até muitas vêzes o toma sem a minha alma se meter nisso, a não ser quando esta se diverte, vendo-a trabalhar; mas, isso é raro e muito difícil de executar! porque é fácil, quando se faz qualquer operação mecânica, pensar em outra coisa muito diferente; mas, é extremamente difícil estar-se a ver a si próprio trabalhar, por assim dizer; ou, para me explicar segundo o meu sistema, empregar a alma em examinar a marcha da bêsta e em vê-la trabalhar, sem nisso tomar parte. É a mais admirável habilidade metafísica que o homem possa executar.

Eu tinha colocado a tenaz sôbre o fogareiro para nela torrar o pão; e, algum tempo depois, enquanto a minha alma viajava, descaiu, rolando, uma cêpa

acesa: a minha pobre bêsta levou a mão à tenaz, e eu queimei os dedos.

CAPÍTULO IX

Espero ter suficientemente desenvolvido as minhas idéias nos capítulos precedentes para dar que pensar ao leitor, e para o pôr em condições de fazer descobertas nesta brilhante carreira: não terá senão que ficar satisfeito de si, se um dia conseguir saber o modo de fazer viajar a sua alma completamente sòzinha; os prazeres que esta faculdade lhe há-de procurar compensarão de certo os quiproquós daí resultantes. Pode haver gôzo mais lisongeiro do que o de dilatar assim a sua existência, de ocupar ao mesmo tempo a terra e os céus, e de duplicar, por assim dizer, o próprio ser? O desejo eterno e nunca satisfeito do homem não é o de aumentar o seu poder e as suas faculdades, o de querer estar onde não está, o de recordar o passado e o de viver no futuro? Quer comandar exércitos, presidir academias, quer ser adorado das formosas, e, se possui tudo isto, tem então saudade dos campos e da tranquilidade, e tem inveja da cabana dos pastores; os seus projetos, as suas esperanças sossobram incessantemente de encontro às desgraças

reais inerentes à natureza humana; não lhe é possível encontrar a felicidade. Um quarto de hora de viagem comigo vai mostrar-lhe o caminho dela.

Então, por quê não deixa êle à outra êstes miseráveis cuidados, esta ambição que o atormenta? Vem, pobre infeliz! faze um esforço para saires da tua prisão, e, do alto do céu zonde te vou conduzir, do meio dos orbes do empíreo, — olha a bête lançada pelo mundo, correndo sòzinha pela carreira da fortuna e das honras; vê com que gravidade ela caminha por entre os homens: a multidão afasta-se com respeito, e, crê-me, ninguém perceberá que ela vai só: o menor cuidado da turbamulta no meio da qual passeia é o de saber se ela tem uma alma ou não tem, se ela pensa, ou não. Mil mulheres sentimentais ama-la-ão com fúria sem perceberem a diferença: e poderá mesmo elevar-se, sem o socorro da tua alma, ao mais alto favor e à maior fortuna. Finalmente, eu não me espantaria nada se, quando voltássemos do empíreo, a tua alma, entrando na sua casa, se achasse na bête de um grande senhor.

CAPÍTULO X

Não vá ninguém imaginar que em vez de cumprir a minha palavra, dando a descrição da minha via-

gem à roda do meu quarto, ando divagando para me livrar de dificuldades: quem tal imaginasse enganar-se-ia redondamente, porque a minha viagem continua na realidade; e enquanto a minha alma, concentrando-se em si mesma, percorria, no capítulo precedente, as veredas tortuosas da metafísica, eu estava na minha poltrona, todo deitado para trás, de maneira que os dois pés dianteiros dela se tinham levantado duas polegadas do chão e balouçando-me para a direita e para a esquerda, e ganhando terreno, tinha chegado, insensivelmente, mesmo ao pé da parede. É a minha maneira de viajar, quando não tenho pressa. Ali a minha mão pegara maquinalmente no retrato de *madame de Hautcastel* e a outra entretinha-se a sacudi-lo da poeira que o cobria. Esta ocupação dava-lhe um prazer tranquilo, e êste prazer fazia-se sentir à minha alma, embora ela andasse perdida pelas vastas planícies do céu; porque é bom observar que, quando o espírito viaja assim no espaço, fica sempre prêso aos sentidos por não sei que laço secreto; de modo que, sem se distrair das suas ocupações, pode tomar parte nos gozos pacíficos da *outra*; mas, se êste prazer aumenta até certo ponto, ou se a alma é impressionada por algum espetáculo inesperado, então retoma ela imediatamente o seu lugar com a velocidade do relâmpago.

Foi o que me sucedeu, enquanto estava limpando o retrato.

À medida que o lenço tirava a poeira e fazia aparecer anéis de cabelos louros e a grinalda de rosas que os touca, a minha alma, de lá do sol para onde se tinha transportado, sentiu um ligeiro estremecimento de coração, e compartilhou simpaticamente o gôzo d'ele. Esse gôzo tornou-se menos confuso e mais vivo quando o lenço, de uma só vez, descobriu a fronte brilhante desta encantadora fisionomia; a minha alma esteve a ponto de deixar os céus para gozar do espetáculo. Mas, estivesse ela nos Campos Elíseos, estivesse assistindo a um concerto de querubins, que não teria lá ficado nem mais meio segundo, quando a sua companheira, tomando de cada vez mais interêsse na obra que estava fazendo, se lembrou de pegar numa esponja molhada que lhe apresentavam e de a passar de repente por cima das sobrancelhas e dos olhos, por cima do nariz, por cima das faces, por cima daquela bôca; ah! meu Deus! como me bate o coração: por cima do queixo, por cima do peito: foi questão de um momento: todo o retrato pareceu renascer e sair do nada. A minha alma precipitou-se do céu como uma estrela cadente; achou a *outra* num êxtase arrebatador, e conseguiu aumentá-lo, compartilhando-o. Esta situação singular e imprevista fêz desaparecer para mim o espaço e o tempo. Existi por um instante no passado, e remocei contra a ordem da natureza. Sim,

ci-la, essa mulher adorada, é ela mesma, vejo-a sorrir; vai falar para me dizer quanto me ama. Que olhar! vem, deixa-me apertar-te contra o meu peito, alma da minha vida, minha segunda existência! vem participar da minha embriaguez e da minha felicidade! Este momento foi breve, mas foi deslumbrante: a fria razão recuperou logo o seu império, e, num abrir e fechar de olhos, envelheci um ano inteiro; meu coração tornou-se frio, gelado, e achei-me de nível com a multidão dos indiferentes, que pesam sôbre o globo.

CAPÍTULO XI

Não convém antecipar os acontecimentos: a pressa de comunicar ao leitor o meu sistema da alma e da bête fêz-me abandonar a descrição da minha cama mais cedo do que devia; quando a tiver terminado, retomarei a minha viagem no ponto em que a interrompi no capítulo precedente. Peço-vos, apenas, que vos lembreis que deixamos *a metade de mim mesmo*, pegando no retrato de *madame de Hautcastel*, mesmo junto à parede, a quatro passos da minha secretária. Tinha-me esquecido, quando falei da minha cama, de aconselhar a tôdas as pessoas que possam fazê-lo, a ter uma cama côr de rosa e branca; é certo que

as côres influem sôbre nós a ponto de nos alegrarem ou de nos entristecerem, segundo os seus tons. O côr de rosa e o branco são duas côres consagradas ao prazer e à felicidade. A natureza, dando-as à rosa, deu-lhe a coroa do império da Flora; e quando o céu quer anunciar ao mundo um formoso dia, pinta as nuvens com essa tinta encantadora ao nascer do sol.

Um dia, subíamos com dificuldade ao longo de um carreiro aprumado: a amável Rosália caminhava adiante: a sua agilidade dava-lhe asas: não podíamos segui-la. De repente, chegando ao cume de um outeiro, voltou-se para nós, tomando a respiração, e sorrindo do nosso vagar. Talvez que nunca as duas côres que tenho estado elogiando tivessem um triunfo assim. As suas faces afogueadas, os seus lábios de coral, os seus dentes brilhantes, o seu pescoço de alabastro, sôbre um fundo de verdura, impressionaram todos os olhares. Foi-nos preciso parar para contemplá-lo: não digo nada dos seus olhos azuis, nem do olhar que nos lançou, porque sairia do meu assunto e além disso porque é uma coisa em que não penso nunca senão o menos possível. Basta-me ter dado o mais belo exemplo imaginável da superioridade destas duas côres sôbre tôdas as outras, e da sua influência sôbre a felicidade dos homens.

Não seguirei mais adiante hoje. Que assunto poderia tratar agora que não fôsse insípido? Que

idéia que não fôsse desvanecida por aquela idéia? Não sei mesmo quando poderei recommençar o trabalho. Se eu o continuar, e se o leitor lhe desejar ver o fim, dirija-se ao anjo distribuidor dos pensamentos, e peça-lhe que nunca mais envolva a imagem daquele outeiro entre a multidão de pensamentos desligados que me distribui a todo o instante.

Sem esta precaução, adeus minha viagem.

CAPÍTULO XII

.....
.....
..... O outeiro
.....
.....

CAPÍTULO XIII

São baldados os esforços; é preciso abandonar a partida e descansar aqui bem contra a vontade: é um alto militar.

CAPITULO XIV

Disse que gostava singularmente de meditar, no doce calor da minha cama, e que a sua côr agradável contribui muito para o prazer que ali encontro.

Para me dar a mim próprio êsse prazer, o meu criado recebeu ordem de entrar no quarto meia hora antes daquela em que resolvi levantar-me. Ouço-o andar devagarinho e dar voltas no quarto com discreção, e êsse rumor dá-me o deleite de me sentir dormir: prazer delicado e desconhecido a muita gente.

Está-se suficientemente acordado para se perceber que ainda se não está inteiramente e para calcular de um modo confuso que a hora dos negócios e das coisas aborrecidas ainda está na ampulheta do tempo. Insensivelmente, o homem torna-se mais barulhento; é tão difícil o constranger-se! E demais, êle bem sabe que se aproxima a hora fatal. Pega no meu relógio para ver as horas e faz barulho com a cadeira e com os berloques para me avisar; mas faço ouvidos de mercador; e para alongar mais esta hora deliciosa, não há picardia que eu não faça àquele pobre infeliz. Tenho sempre cem ordens preliminares a dar-lhe para ganhar tempo. Êle sabe perfeitamente que essas ordens, dadas tôdas de mau humor, são ape-

nas pretextos para ficar na cama sem parecer desejá-lo. Não dá mostras de o perceber e eu fico-lhe vivamente reconhecido.

Por fim, quando tenho esgotado todos os recursos, avança até ao meio do quarto e perfila-se ali de braços cruzados, na mais perfeita imobilidade.

Hão-de convir que não é possível desaprovar o meu pensamento com mais espírito e discreção; por isso, nunca resisto a êste convite tácito: estendo os braços para lhe testemunhar que entendi, e eis-me sentado.

Se o leitor refletir sôbre a conduta do meu criado, poderá convencer-se que, em certos assuntos delicados, do gênero dêste, a simplicidade e o bom senso valem infinitamente mais do que o espírito mais hábil. Atrevo-me a assegurar que o discurso mais estudado sôbre os inconvenientes da preguiça me não decidiria a sair com tanta presteza da minha cama como a censura muda de *Joannetti*.

É a honestidade em pessoa êste *Joannetti*, e ao mesmo tempo é de todos os homens o que mais me convinha a um viajante como eu. Está acostumado às frequentes viagens da minha alma, e não ri nunca das inconseqüências da *outra*; dirige-a mesmo algumas vêzes, quando ela está só; de modo que então poderia dizer-se que ela é conduzida por duas almas;

quando se veste, por exemplo, adverto-me por um sinal que ela está a ponto de calçar as meias do avêso ou de vestir a casaca antes do colête. A minha alma tem-se divertido muitas vêzes a ver o pobre *Joannetti* correr atrás da louca até aos fossos da cidadela, para a advertir, umas vêzes que lhe esqueceu o chapéu, outras que lhe esqueceu o lenço.

Um dia (como hei-de confessá-lo?) sem êste fiel criado que a foi agarrar ainda ao fundo da escada, a estonteada encaminhava-se para a côrte sem espadim, tão desembaraçadamente como o grão-mestre das cerimônias, quando leva o seu augusto bastão.

CAPÍTULO XV

“Toma lá, *Joannetti*, disse-lhe eu, torna a dependurar êste retrato”. Tinha-me ajudado a limpá-lo, e fazia tanta idéia de tudo o que produziu o capítulo do retrato, como do que se passa na lua. Fôra êle quem, por impulso próprio, me tinha apresentado a esponja molhada, e que, por êste movimento, na aparência indiferente, tinha feito percorrer à minha alma cem milhões de léguas num instante. Em vez de o pôr logo no seu lugar, demorou-se a enxugá-lo. Uma dificuldade, um problema a resolver, dava-lhe um ar de curiosidade que eu notei. “Então, disse-lhe eu,

que tens tu que dizer a êsse retrato?" "Oh! nada, senhor". "Mas, então?" Pô-lo em pé numa das estantes da minha secretária; em seguida, afastando-se alguns passos, disse: "Gostaria que o senhor me explicasse porque é que êste retrato olha sempre para mim, qualquer que seja o lugar do quarto em que eu esteja. Pela manhã, quando faço a cama, a cara está voltada para mim, e, se vou à janela, está voltada para mim do mesmo modo e segue-me com os olhos durante o caminho". "De modo, *Joannetti*, disse-lhe eu, que se o quarto estivesse cheio de gente, esta formosa senhora olharia para todos os lados e para tôdas as pessoas ao mesmo tempo?" "Com tôda a certeza." E havia de sorrir para os que entrassem e para os que saíssem tal qual como para mim?" *Joannetti* não respondeu nada. Estendi-me na minha poltrona, e, baixando a cabeça, entreguei-me às mais sérias meditações. Que raio de luz! Pobre amante! enquanto te mortificas longe da tua amada, junto da qual já estás talvez substituído, enquanto fixas àvidamente os teus olhos no seu retrato e imaginas (pelo menos em pintura) ser o único para quem ela olha, a pérfida efigie, tão infiel como o original, fixa os seus olhares em tudo o que a rodcia, e sorri para tôda gente.

Eis uma semelhança moral entre certos retratos e o seu modelo, que nenhum filósofo, nenhum pintor, nenhum observador tinha ainda percebido.

Caminho de descobertas em descobertas.

CAPÍTULO XVI

Joannetti conservava-se na mesma atitude à espera da explicação que me tinha pedido. Fiz sair a cabeça para fora das dobras do meu roupão de viagem, onde a tinha metido para meditar à minha vontade e para me tranquilizar das tristes reflexões que acabava de fazer. “Pois não vês tu, *Joannetti*, disse-lhe eu, depois de um momento de silêncio, e voltando a poltrona para o lado dêle, não vês que sendo um quadro uma superfície plana, os raios de luz que partem de cada ponto dessa superfície. . . . ?”

Joannetti, com estas explicações, abriu de tal maneira os olhos, que se lhes viam as pupilas inteiras; tinha, além disso, a bôca entre-aberta: êstes dois movimentos que no rosto humano anunciam, segundo o famoso Le Brun, o período mais elevado da admiração. Era, sem dúvida, a minha hêsta que tinha empreendido uma tal dissertação; a minha alma sabia perfeitamente que *Joannetti* ignorava o que fôsse uma superfície plana, e mais ainda o que fôsem raios de luz: como a prodigiosa dilatação das suas pálpebras me fizesse cair em mim mesmo, tornei a meter a cabeça para dentro da gola do roupão e de tal maneira a encolhi que ficou quase escondida de tudo.

Resolvi almoçar naquele mesmo lugar; a manhã muito adiantada, e mais um passo que eu desse no quarto ficava-me o almôço para a noite. Deixei-me escorregar até à borda da poltrona, e, pondo os dois pés sôbre o fogão, esperei o almôço pacientemente. É uma atitude deliciosa, esta: creio que seria bastante difícil achar outra que reuna tantas vantagens, e que seja tão cômoda para os descansos inevitáveis numa longa viagem.

Rosina, minha cadelinha fiel, nunca deixa de vir então puxar-me pelas pontas do roupão, para eu a pegar e pô-la no colo; acha aí uma cama feita por sua natureza e da maior comodidade, no vértice do ângulo formado pelas duas partes do meu corpo: um V consoante representa maravilhosamente a minha situação. *Rosina* salta para cima de mim, se não a pego logo tão depressa como deseja. Muitas vêzes, encontro-a já acomodada sem saber como ali apareceu. As minhas mãos colocam-se por si próprias do modo mais favorável ao seu bem-estar, quer haja uma simpatia entre esta amável bête e a minha, quer seja só o acaso que decida; mas eu não acredito no acaso, nesse triste sistema, nessa palavra que nada significa. Acreditaria mais facilmente no magnetismo; acreditaria antes no martinismo. Não, não acreditarei nêle nunca (1).

(1) Sistema filosófico assim intitulado com o nome do seu autor, Martini, professor de filosofia em Wuttemberg, na primeira metade do

Há tal realidade nas relações que existem entre estes dois animais, que, quando ponho os dois pés sobre o fogão, por mero descuido, e a hora do almoço está ainda muito afastada, e eu não penso de nenhum modo ficar assim, *Rosina* pressente este movimento, denuncia o prazer que sente agitando ligeiramente a cauda; a discreção retém-na no seu lugar, e a *outra*, que a percebe, fica-lhe agradecida; apesar de incapazes de raciocinarem sobre a causa que o produz, estabelece-se assim entre elas um diálogo mudo, uma relação de sensação muito agradável, e que não poderia de nenhum modo ser atribuída ao acaso.

século XVII. E' na sua obra: *Jacobi Martini miscellaneorum disputationum libri quatuor*, Wuttemberg, 1608, é que aparece o capítulo relativo às idéias representativas, ou, para melhor nos exprimirmos, às representações internas das coisas do exterior. Martini não admite que a percepção possa ser explicada sem a hipótese das *espécies impressas* e compara estas espécies, recolhidas no tesouro da memória, com as imagens formadas pelos escultores, pelos pintores. Acrescenta que essas imagens, substitutas dos objetos ausentes, tornam-se em seguida a matéria de todos os atos intellectuais. Esta doutrina foi combatida por Ockam e na Universidade de Paris; todos os dias apparecia algum novo inimigo das *espécies*, algum partidário resolutu da percepção immediata. Segundo se vê da frase que estamos anotando, Xavier de Maistre também era um adversário implacável do *martinismo*. — (Nota do tradutor).

CAPÍTULO XVII

Não me censurem por ser prolixo nos pormenores; é costume dos viajantes. Quando se parte para subir ao Monte Branco, quando se vai visitar a larga abertura do túmulo d'Empedocles, não se deixa nunca de descrever com exatidão as menores circunstâncias: o número das pessoas, o das mulas, a qualidade das provisões, o excelente apetite dos viajantes, tudo enfim, até as tropeçadas das cavalgadas é cuidadosamente registrado no jornal, para instrução do universo sedentário. Sobre êste princípio, resolvi falar da minha querida *Rosina*, animal muito amável que amo com verdadeira afeição, e consagrar-lhe um capítulo inteiro.

No decurso de seis anos que vivemos juntos ainda entre nós não houve o menor resfriamento; ou, se se têm levantado entre mim e ela algumas pequenas altercações, confesso de boa fé que a maior culpa tem sido sempre do meu lado, e que *Rosina* deu sempre os primeiros passos para a reconciliação.

À noite, quando a tenho ralhado, retira-se com tristeza e sem murmurar: no dia seguinte, ao romper da manhã, está ao pé da minha cama, numa atitude respeitosa, e ao menor movimento do seu dono, ao menor sinal de acordar, anuncia a sua presença por

meio de pancadas precipitadas da cauda contra a minha mesinha de cabeceira.

E por quê haveria eu de recusar a minha afeição a este ente acariciador que nunca me deixou de amar desde a época em que principiamos a viver juntos? A minha memória não seria suficiente para fazer a enumeração das pessoas que se têm interessado por mim e que me esqueceram. Tive alguns amigos, várias amantes, uma quantidade de ligações, e ainda mais conhecimentos; e agora não sou nada para toda essa gente, que até esqueceu o meu nome.

Quantos protestos, quantos oferecimentos de serviços! Eu podia contar até com os seus haveres, com uma amizade eterna e sem reserva, diziam-me!

A minha querida *Rosina*, que me não ofereceu serviços, presta-me o maior serviço que se possa prestar à humanidade; amava-me dantes e ama-me ainda hoje. Por isso, não receio dizê-lo, amo-a com uma porção do mesmo sentimento que consagro aos meus amigos.

Digam o que quiserem.

CAPÍTULO XVIII

Deixamos *Joannetti* na atitude do espanto, imóvel diante de mim, esperando pelo final da sublime explicação que eu tinha principiado.

Quando me viu enterrar de repente a cabeça na gola do roupão, e acabar por êsse modo a explicação, não duvidou um momento de que eu me não tivesse calado por falta de boas razões, e de que me não tivesse êle metido pelo chão abaixo com a dificuldade que me havia proposto.

Apesar da superioridade que adquiria sôbre mim, não senti o menor movimento de orgulho, e não procurou tirar partido da sua vantagem. Depois de um pequeno momento de silêncio, pegou no retrato, tornou a pô-lo no seu lugar, e retirou-se ligeiramente na ponta dos pés. Percebia bem que a sua presença era uma espécie de humilhação para mim, e a sua delicadeza sugeriu-lhe o retirar-se sem mo deixar perceber. A sua conduta, nesta ocasião, interessou-me muito, e fê-lo penetrar mais fundo no meu coração. Terá sem dúvida um lugar também no do leitor; e se houver algum bastante insensível para lho recusar depois de ter lido o capítulo seguinte, é que o céu lhe deu sem dúvida um coração de mármore.

CAPÍTULO XIX

“Sai! disse-lhe eu um dia, já é a terceira vez que te mando comprar uma escôval! Que cabeça! que ani-

mal!” Não respondeu nem palavra; já na véspera não tinha respondido nada a outra descompostura igual. “Ele é tão exato sempre!” dizia eu; e, por mais que discorresse, não entendia nada do que se passava. “Vá buscar um pano para me limpar os sapatos”, disse-lhe eu furioso. Enquanto ele ia cumprir a minha ordem, fiquei a arrepende-me de o ter maltratado. A minha ira passou completamente, quando vi o cuidado com que ele procurava tirar a poeira dos meus sapatos sem me tocar nas meias: apoiiei a minha mão em cima d’ele, em sinal de reconciliação. “O que! disse então comigo mesmo, há homens que limpam os sapatos dos outros por dinheiro?” Esta palavra dinheiro foi um raio de luz que me iluminou. Lembrei-me de repente que havia muito tempo que o não dava ao meu criado. “*Joannetti*, disse-lhe eu retirando o pé, tu tens dinheiro?” Um meio sorriso de justificação appareceu-lhe nos lábios a esta pergunta. “Não, senhor; há oito dias que não tenho nada: gastei tudo o que era meu nestas pequenas compras”. “E a escôva? Foi sem dúvida, por motivo disso...?” Tornou a sorrir. Ele podia ter dito a seu amo: “Não, eu não sou uma cabeça ôca, um animal, como o senhor teve a crueldade de chamar ao seu fiel criado. Pague-me o dinheiro que me deve e eu lhe comprarei a escôva”. Antes quis deixar-se maltratar injustamente do que expor seu amo a ter de envergonhar-se de uma ira injusta.

O céu o abençoê! Filósofos! cristãos! leram?

“Aqui tens, *Joannetti*, toma lá, disse-lhe eu; vai já comprar a escôva”. “Mas, então, senhor, quer ficar assim com um sapato branco e outro preto?”

“Vai, já te disse, vai já comprar a escôva; deixa, deixa lá essa pocira no meu sapato”. Saíu; e eu peguei no pano e limpei deliciosamente o meu sapato esquerdo, sôbre o qual deixei cair uma lágrima de arrependimento.

CAPÍTULO XX

As paredes do meu quarto estão guarnecidas de estampas e de quadros que o embelezam singularmente. Desejava de todo o coração fazê-los examinar ao leitor uns após outros, para o divertir e para o distrair ao longo do caminho que ainda devemos percorrer para chegar à minha secretária; mas, é tão impossível explicar claramente um quadro como fazer retrato parecido ouvindo uma descrição.

Que emoção não experimentaria o leitor, por exemplo, contemplando a primeira estampa que se apresenta à vista! Veria a infeliz *Carlota*, enxugando lentamente e com mão trêmula as armas de *Alberto*. Negros pressentimentos e tôdas as angústias do amor

sem esperança e sem consolação se vêm impressos na sua fisionomia, enquanto o frio *Alberto*, cercado de montes de processos e de papéis velhos de tôda espécie, se volta friamente para desejar boa viagem ao seu amigo. Quantas vêzes, não tenho tido a tentação de quebrar o vidro que cobre essa estampa, para arrancar aquêlê *Alberto* da sua mesa, para o fazer em pedaços, e pisá-lo aos pés! Mas, há-de sempre haver *Albertos* demais neste mundo. Qual é o homem sensível que não tem o seu, com quem é obrigado a viver; e contra o qual as expansões da alma, as doces emoções do coração e os transportes da imaginação se vão quebrar como as ondas contra os rochedos? Feliz aquêlê que encontra um amigo cujo coração e cujo espirito se harmonizam com os seus; um amigo que se lhe une por uma infinidade de gostos, de sentimentos e de conhecimentos: um amigo que não seja atormentado pela ambição ou pelo interêsse; que prefira a sombra de uma árvore à pompa de uma côrte! Feliz daquele que possui um amigo!

CAPÍTULO XXI

Eu tinha um: a morte levou-mo: derrubou-o no comêço da sua carreira, no momento em que a sua

amizade se tinha tornado uma necessidade indispensável para o meu coração. Amparávamo-nos mutuamente nos trabalhos penosos da guerra; tínhamos um só cachimbo para os dois; bebíamos no mesmo copo; dormíamos sob a mesma barraca, e, nas circunstâncias infelizes em que estávamos, o lugar em que vivíamos juntos era para nós uma nova pátria: vi-o em luta com todos os perigos da guerra, e de uma guerra desastrosa. A morte parecia poupar-nos um para o outro: mil vêzes, esgotou os seus dardos em tôrno dêle sem o alcançar, mas, era para me tornar a sua perda mais sensível. O tumulto das armas, o entusiasmo que se apodera da alma ao aspecto do perigo teriam talvez impedido que os seus gritos chegassem até ao meu coração. A sua morte teria sido útil ao seu país e funesta aos inimigos; eu tê-lo-ia lastimado menos. Mas perdê-lo no meio das delícias de um quartel de inverno! vê-lo expirar nos meus braços no momento em que êle parecia transbordar de saúde; no momento em que a nossa ligação se apertava ainda no repouso e na tranquillidade! Ah! não posso consolar-me nunca! Contudo, a sua memória não vive já senão no meu coração; não existe já entre aquêles que o rodeavam e que o substituíram; esta idéia torna-me mais penoso o sentimento da sua perda. A natureza, indiferente do mesmo modo à sorte dos indivíduos, enverga de novo

o seu vestido brilhante da primavera e adorna-se com tôda a sua beleza em tôrno do cemitério, onde êle repousa. As árvores cobrem-se de fôlhas e entrelaçam os seus ramos; as aves cantam sob a folhagem; as moscas zumbem entre as flôres; tudo respira alegria e vida na morada da morte: e à noite, enquanto a lua brilha no céu, e eu medito próximo dêsse triste lugar, ouço o grilo prosseguir alegremente o seu canto infatigável, oculto debaixo da erva que cobre o túmulo silencioso do meu amigo. A destruição insensível dos sêres e tôdas as desgraças da humanidade nem se contam no grande todo. A morte de um homem sensível que expira no meio dos seus amigos desolados, e a de uma borboleta que o ar frio da manhã faz morrer no cálice de uma flor, são duas épocas semelhantes no curso da natureza. O homem não é mais que um fantasma, uma sombra, um vapor que se dissipa nos ares...

Mas, a alva matinal começa a branquear o céu; as idéias negras que me agitavam desvanecem-se com a noite, e a esperança renasce no meu coração. Não, aquêle que inunda assim o oriente de luz não a fêz brilhar aos meus olhos para me mergulhar dentro em breve na noite do nada. Aquêle que estendeu êste horizonte incomensurável, aquêle que elevou estas massas enormes, de que o sol doura os cimos gelados, é também aquêle que ordenou ao meu coração que batesse e ao meu espírito que pensasse.

Não, o meu amigo não entrou no nada; qualquer que seja a barreira que nos separe, hei-de tornar a vê-lo. Não é num silogismo que fundo a minha esperança. O vôo de um inseto que atravessa os ares basta para me persuadir; e muitas vêzes o aspecto do campo, o perfume dos ares, e não sei que encanto derramado em tôrno de mim, elevam de tal modo os meus pensamentos, que uma prova invencível da immortalidade entra com violência na minha alma e a occupa tôda inteira.

CAPÍTULO XXII

Havia muito tempo que se apresentava à pena o capítulo que acabo de escrever, e sempre o tinha rejeitado. Tinha prometido a mim mesmo não deixar ver neste livro senão a face risonha da minha alma; mas, êste projeto falhou-me como tantos outros; espero que o leitor sensível me há-de perdoar ter-lhe pedido algumas lágrimas; e se alguém achar que em verdade eu poderia ter cortado êste capítulo, pode rasgá-lo no seu exemplar, ou mesmo atirar o livro para o fogo.

Basta-me que tu o aches segundo o teu coração, minha querida Jení, tu, a melhor e a mais amada das mulheres: tu, a melhor e a mais amada das irmãs; é a ti que dedico a minha obra; se tiver a tua aprovação,

terá a de todos os corações sensíveis e delicados; e se tu perdoares as loucuras que algumas vêzes me escapam a meu pesar, desafio todos os censores do universo.

CAPÍTULO XXIII

Direi apenas uma palavra da estampa seguinte:

É a família do infeliz *Ugolino* morrendo de fome: em tórno dêle, um de seus filhos está estendido sem movimento a seus pés; os outros estendem-lhe os braços enfraquecidos e pedem-lhe pão, enquanto o infeliz pai, encostado a uma coluna da prisão, de olhar fixo e espantado, com o rosto imóvel, na horrível tranquillidade que dá o último período do desespero, morre ao mesmo tempo da sua própria morte e da de todos os seus filhos, e sofre tudo quanto a natureza pode sofrer.

Bravo cavalheiro de *Assas*, eis-te expirando debaixo de cem baionetas, por um esforço de coragem, por um heroísmo que já não se conhece nos nossos dias!

E tu que choras debaixo dessas palmeiras, infeliz negra! tu a quem um bárbaro, que sem dúvida não era inglês, traiu e abandonou; que digo? tu que êle teve a crueldade de vender como uma escrava vil, apesar do teu amor e dos teus serviços, apesar do fruto da sua ternura que trazes no teu seio, não passarei diante da tua imagem sem te prestar o culto que é devido à tua sensibilidade e às tuas desgraças!

Paremos um instante diante dêste outro quadro; é uma pastorinha que está guardando sòzinha o seu rebanho no cimo dos Alpes: está sentada num velho tronco de pinheiro derrubado e embranquecido pelos invernos; os seus pés estão cobertos pelas largas fôlhas de uma moita de *cacalia*, cujas flôres roxas se elevam acima da sua cabeça. A alfazema, o tomilho, a anêmona, a centáurea, flôres de tôda espécie, que se cultivam a custo nas nossas estufas e nos nossos jardins, e que nascem sôbre os Alpes em tôda a sua beleza primitiva, formam o tapête brilhante sôbre o qual vagueiam as suas ovelhas. Amável pastora, dize-me onde se encontra o feliz canto da terra que habitas? De que longínquo redil partiste esta manhã ao romper da aurora? Não poderei ir para lá viver contigo? Mas, ah! não tardará a desvanecer-se a doce tranquillidade de que hoje gozas: o demônio da guerra, não contente de assaltar as cidades, vai em breve levar o tumulto e o espanto até ao teu retiro solitário. Já os soldados avançam; vejo-os subirem de montanhas para montanhas e aproximarem-se das nuvens. Faz-se ouvir o estrondo da artilharia nas altas regiões do trovão. Foge, pastora, junta o teu rebanho, esconde-te nos antros mais remotos e mais selvagens: já não há repouso nesta terra.

CAPÍTULO XXIV

Não sei como isto me acontece; há algum tempo que os meus capítulos acabam sempre num tom sinistro. Em vão, ao começá-los, fixo os meus olhares em algum objecto agradável, em vão embarco tranquillo, no meio da calmaria, porque em breve se levanta uma borrasca que me faz sossobrar. Para pôr têrmo a esta agitação, que me não deixa dono das minhas idéias, e para sossegar os embates do meu coração, que tantas imagens enternecedoras têm agitado de mais, não vejo outro remédio senão uma dissertação. Sim, quero pôr êste pedaço de gêlo sôbre o meu coração.

E esta dissertação há-de ser sôbre a pintura; porque não há meio de dissertar sôbre outro qualquer objecto. Não posso descer inteiramente do ponto onde tinha subido há pouco.

Queria dizer, de passagem, algumas palavras sôbre a questão da preeminência entre a arte encantadora da pintura e a da música: sim, quero pôr alguma coisa na balança, quando mais não seja um grão de areia, um átomo.

Diz-se a favor do pintor que êle deixa alguma coisa apôs si; os seus quadros sobrevivem-lhe e eternizam a sua memória.

Responde-se que os compositores de música deixam também óperas e concertos; mas a música está sujeita à moda, e a pintura não o está. Os trechos de músicas que enterneciam os nossos avós são ridículos para os amadores dos nossos dias, e colocam-nos nas óperas burlescas, para fazerem rir os netos daquelles a quem faziam chorar outrora.

Os quadros de *Rafael* hão-de encantar a nossa posteridade como já arrebataram os nossos antepassados.

Eis o meu grão de areia.

CAPÍTULO XXV

“Mas, que me importa, disse-me um dia *madame de Hautcastel*, que a música de *Cherubini* ou de *Cimarosa* difira da dos seus predecessores? Que me importa que a antiga música me faça rir, contanto que a nova me entorneça deliciosamente? Será, pois, necessário para a minha felicidade que os meus prazeres se assemelhem aos da minha trisavó? Que me está dizendo da pintura? De uma arte que não é estimada senão por uma classe mui pouco numerosa de pessoas, ao passo que a música encanta tudo o que respira?”

Não sei muito bem, neste momento, qual a resposta que se possa dar a esta observação, com a qual não contava, quando comecei êste capítulo.

Se a tivesse previsto, talvez não tivesse empreendido esta dissertação. E não se tome por uma partida de músico. Não o sou, palavra de honra, não, não sou músico; tomo por testemunha o céu e todos os que me têm ouvido tocar rabeca.

Mas, supondo o mérito da arte igual de uma e outra parte não deve haver pressa em concluir do mérito da arte para o mérito do artista. Vêm-se crianças tocar cravo como grandes mestres; nunca se viu um bom pintor de doze anos. A pintura, além do gosto e do sentimento, exige uma cabeça pensante, que os músicos podem dispensar. Vê-se todos os dias homens sem cabeça e sem coração tirarem duma rabeca, duma harpa, sons arrebatadores.

Pode-se educar a bête humana a tocar cravo; e quando ela é educada por um bom mestre, a alma pode viajar inteiramente à sua vontade, ao passo que os dedos vão màquinalmente tirar sons com que ela de nenhum modo se mete. Pelo contrário, não seria possível pintar a coisa mais simples do mundo sem a alma empregar aí tôdas as suas faculdades.

Se, contudo, alguém se lembrasse de distinguir entre a música de composição e a de execução, confesso que me embaraçaria um pouco. Ah! se todos os que fazem dissertações estivessem de boa fé, é assim que elas acabariam tôdas. Ao começar o exame duma questão, toma-se ordinariamente o tom dogmático, porque se está decidido no íntimo, como eu estava realmente para a pintura, apesar da minha hi-

pócrita imparcialidade; mas a discussão desperta a objeção, e tudo acaba pela dúvida.

CAPÍTULO XXVI

Agora que estou mais sossegado, vou dizer se falo sem emoção dos dois retratos que seguem o quadro da *Pastora dos Alpes*.

Rafael! o teu retrato não podia ser pintado senão por ti mesmo. Quem, senão tu, ousaria tentá-lo? O teu rosto aberto, sensível, espirituoso anuncia o teu carácter e o teu gênio.

Para ser agradável à tua sombra, coloquei ao pé de ti o retrato da tua amante, a quem todos os homens, de todos os séculos, hão-de pedir conta eternamente das obras sublimes de que a tua morte prematura privou as artes.

Quando examino o retrato de *Rafael*, sinto-me penetrado de um respeito quase religioso por êste grande homem que, na flor de seus anos, tinha excedido a antiguidade tóda, cujos quadros são a admiração e o desespêro dos artistas modernos. A minha alma, admirando-o, experimenta um movimento de indignação contra essa italiana que preferiu o seu amor ao seu amante, e que apagou no seu seio aquêle facho celeste, aquêle gênio divino.

Infeliz! não sabias que *Rafael* tinha anunciado um quadro superior ao da *Transfiguração*? Não sa-

bias que apertavas em teus braços o privilegiado da natureza, o pai do entusiasmo, um gênio sublime, um deus?

Enquanto a minha alma faz estas observações, a sua *companheira*, fixando um olhar atento sôbre a figura radiosa daquela funesta beleza, sente-se inteiramente disposta a perdoar-lhe a morte de *Rafael*.

Em vão a minha alma lhe censura a extravagante fraqueza, não é ouvida. Estabelece-se entre elas ambas, nestas espécies de ocasiões, um diálogo singular que termina quase sempre com vantagem do *mau princípio*, e de que eu guardo uma amostra para outro capítulo.

CAPÍTULO XXVII

As estampas e os quadros de que tenho falado empalidecem e desaparecem à primeira inspecção que se dá ao quadro seguinte: as obras imortais de *Rafael*, de *Corregio* e de tôda a Escola da Itália não sustentariam o paralelo. Por isso, guardo-o sempre para o fim, como peça de reserva, quando proporciono a alguns curiosos o prazer de viajarem comigo; e posso assegurar que desde que mostro êste quadro sublime aos conhecedores e aos ignorantes, às pessoas da alta sociedade, aos artistas, às mulheres e às crianças, aos animais mesmo, vi sempre os espectadores, quaisquer que fôsem, dar, cada um a seu modo, si-

nais de prazer e de admiração: de tal modo a natureza aí é admiravelmente reproduzida!

Pois que quadro poderíamos apresentar-vos, meus senhores; que espetáculo poderíamos pôr diante dos vossos olhos, minhas senhoras, mais seguro do vosso sufrágio do que a fiel representação de vós mesmos? O quadro de que estou falando é um espelho, e ninguém até agora se lembrou ainda de o criticar; é, para todos os que o fitam, um quadro perfeito no qual nada há que dizer.

Passarei em silêncio o prazer que sente o físico meditando sobre os estranhos fenômenos da luz que representa todos os objetos da natureza sobre esta superfície polida. O espelho apresenta ao viajante sedentário mil reflexões interessantes, mil observações que o tornam um objeto útil e precioso.

Vós, a quem o amor teve ou tem ainda sob o seu império, aprendei que é diante dum espelho que êle afia os seus dardos e medita as suas crueldades; é aí que êle ensaia os seus manejos, que êle estuda os seus movimentos, que êle se prepara de antemão para a forma que quer declarar; é aí que êle se exercita nos olhares meigos, nos requebros graciosos, nos arrufos preparados, como um ator se exercita em frente de si próprio antes de se apresentar em público. Sempre imparcial e verdadeiro, um espelho patenteia aos olhos do espectador as rosas da mocidade e as rugas dos anos, sem caluniar e sem lisonjear ninguém.

É entre todos os conselheiros dos grandes, o único que lhes diz constantemente a verdade.

Esta vantagem tinha-me feito desejar a invenção dum espelho moral onde todos os homens pudessem ver-se com os seus vícios e com as suas virtudes. Pensava mesmo em propor um prêmio a qualquer academia para essa descoberta, quando maduras reflexões me provaram a sua inutilidade.

Ah! é tão raro que a fealdade se reconheça e quebre o espelho! Em vão, os vidros multiplicam-se em tórno de nós, e refletem com uma exatidão geométrica a luz e a verdade: no momento em que os raios vão penetrar nos nossos olhos e pintar-nos tais quais somos, o amor próprio faz deslizar o seu prisma enganador entre nós e a nossa imagem, e apresenta-nos uma divindade.

E de todos os prismas que têm existido, desde o primeiro que saiu das mãos do imortal *Newton*, nenhum possuiu uma força de refração tão poderosa, nem produz côres tão agradáveis e tão vivas como o prisma do amor próprio.

Ora, como os espelhos comuns anunciam em vão a verdade, e como cada um está contente com a sua cara; como eles não podem fazer conhecer aos homens as suas imperfeições físicas, para que serviria o meu espelho moral? Pouca gente para êle deitaria os olhos, e ninguém se reconheceria, exceto os filósofos. Dêstes mesmos, duvido um pouco.

Tomando o espelho pelo que êle é, espero que ninguém me censure por eu o haver colocado acima de todos os quadros da Escola da Itália. As senhoras, cujo gôsto não pode ser falso, e cuja decisão deve regular tudo, lançam ordinariamente o seu primeiro olhar para êsse quadro, quando entram num quarto.

Tenho visto mil vêzes senhoras e até mesmos jovens do outro sexo esquecerem no baile os seus namorados ou as suas requestadas, a dança e todos os prazeres da festa, para contemplarem com acentuada complacência êste quadro encantador, e honrá-lo até de quando em quando com um olhar, no meio da contradança mais animada.

Quem poderia, portanto, disputar-lhe o lugar que eu lhe concedo entre as obras primas da arte de Apeles? (2)

CAPÍTULO XXVIII

Eu tinha chegado, enfim, muito perto da minha secretária: já mesmo, estendendo o braço, me seria possível tocar no ângulo mais próximo de mim, quando estive mesmo a ponto de vêr destruir o fruto de todos os meus trabalhos, e de perder a vida. Deveria passar em silêncio o acidente que me sucedeu, pa-

(2) Célebre pintor da antiguidade grega — (Nota do "Clube do Livro")

ra não desanimar os viajantes, mas é tão difícil voltar-se a diligência de que me sirvo, que devem concordar, é necessario ser feliz até ao último ponto, tão feliz como eu sou, para crer semelhante risco. Achei-me estendido no meio do chão, completamente caído e recaído, e isto tão depressa, tão inopinadamente, que eu teria tentação de pôr em dúvida a minha desdita, se um zunido na cabeça e uma violenta dor no ombro esquerdo me não tivessem demonstrado a autenticidade dela com demasiada evidência.

Isto foi ainda um mau gracejo da minha metade. Assustada pela voz de um pobre que de repente me pediu esmola à porta, e pelos latidos de *Rosina*, fêz girar bruscamente a poltrona antes da minha alma ter tempo de adverti-la de que faltava no chão um tijolo; o impulso foi tão violento, que a minha diligência se achou absolutamente fora de seu centro de gravidade e tombou por cima de mim.

Confesso que foi esta uma das ocasiões em que mais tive que me queixar da minha alma; porque em vez de ficar zangada consigo mesma pela ausência que fizera, e de corrigir a sua companheira pela grande precipitação que havia tido, transtornou-se a ponto de se deixar apossar pelo sentimento mais animal, e de maltratar de palavras aquêlê *pobre* inocente. — “*Vadio, vá trabalhar,*” disse-lhe ela (apóstrofe execranda, inventada pela riqueza avarenta e cruel!) “*Meu senhor,* disse então êle para me enternecer, *eu sou de Chambery...* — Tanto pior para você, — *Fu*

sou o Diogo; fui eu que o senhor viu lá no campo; fui eu que levei os carneiros a pastar... — E que vem você aqui fazer? A minha alma começava a arrepender-se da brutalidade das minhas primeiras palavras. Creio mesmo que se tinha arrependido um instante antes de as pronunciar. Assim sucede quando se encontra inopinadamente na carreira um fôssco ou uma poça, a gente o vê, mas já não tem tempo de evitá-lo.

Rosina acabou de me chamar ao bom senso e ao arrependimento: havia reconhecido *Diogo*, que tinha muitas vèzes repartido pão com ela, e testemunhava-lhe, pelas suas festas, a sua saudade e o seu reconhecimento.

Durante êste tempo, *Joannetti* foi reunindo os restos do meu jantar, que eram destinados ao dêle, e deu-os sem hesitação a *Diogo*.

— Pobre *Joannetti*!

E eis como, na minha viagem, vou recebendo lições de filosofia e de humanidade do meu criado e do meu cão.

CAPÍTULO XXIX

Antes de ir mais longe, quero destruir uma dúvida que poderia ter-se introduzido no espírito dos meus leitores.

Não desejava, pelas melhores coisas dêste mundo, que me suspeitassem de ter empreendido esta

viagem unicamente por não saber o que havia de fazer, e forçado de qualquer maneira pelas circunstâncias: aqui afirmo, e juro por tudo o que me é caro, que já tinha tenção de empreendê-la muito tempo antes do acontecimento que me fêz perder a liberdade durante quarenta e dois dias. Esta reclusão forçada foi apenas ocasião de me pôr a caminho mais cêdo.

Bem sei que o protesto gratuito que estou aqui fazendo há-de parecer suspeito a certas pessoas; mas sei, também, que as pessoas desconfiadas não hão-de lêr êste livro: têm bastante que fazer em suas casas e pelas casas de seus amigos; têm outras coisas de que tratar: e as pessoas de bem acreditar-me-ão.

Concordo, entretanto, que teria preferido occupar-me desta viagem em outro tempo, e que teria escolhido, para efetuá-la, a quaresma de preferência ao carnaval: todavia, algumas reflexões filosóficas, que me vieram do céu, ajudaram-me muito a suportar a privação dos prazeres que Turim apresenta nestes momentos de ruído e de agitação. É certíssimo, dizia eu comigo, que as paredes do meu quarto estão tão magnificamente adornadas como as de uma sala de baile; o silêncio do meu *beliche* não vale o ruído agradável da música e da dança; mas, entre os personagens brilhantes que se encontram nestas festas há com tôda certeza alguns mais enfasiados do que eu.

E por que hei-de aplicar à observação dos que se encontravam numa situação mais agradável, enquan-

to o mundo é um formigueiro de gente mais infeliz na situação em que está do que eu o sou na minha? Em vez de me transportar pela imaginação a êsse soberbo cassino, onde tantas belezas são eclipsadas pela jovem *Eugênia*, não preciso mais, para me julgar feliz, do que parar um momento ao longo das ruas que para lá conduzem. Uma quantidade imensa de infelizes, deitados quase nus debaixo dos pórticos daquelas residências suntuosas, parecem a ponto de expirar de frio e de miséria. Que espetáculo! Queria que esta página do meu livro fôsse conhecida de todo o universo; queria que se soubesse que, nesta cidade, onde tudo respira opulência, durante as noites mais frias do inverno, uma grande quantidade de desgraçados dormem sem abrigo, com a cabeça encostada a uma pedra ou estendidos à porta de um palácio.

Aqui, é um grupo de crianças apertadas umas contra as outras para não morrerem de frio. Acolá, é uma mulher trêmula e sem voz para se queixar. Os transeuntes passam para um e outro lado, sem se comoverem com um espetáculo a que já estão acostumados. O barulho das carruagens, a voz da intemperança, os sons arrebatadores da música, juntam-se algumas vêzes com os gritos dêsses miseráveis, e formam uma dissonância horrível.

CAPÍTULO XXX

Aquêle que tivesse pressa em julgar uma cidade pela leitura do capítulo precedente enganar-se-ia muito. Falei dos pobres que aí se encontram, dos seus queixumes lamentáveis, e da indiferença de certas pessoas a êsse respeito; mas não disse nada do grande número de homens carinhosos que dormem, enquanto os outros se divertem, e que se levantam ao romper do dia e vão socorrer o infortúnio sem testemunhas e sem ostentação. Não, não passarei isto em silêncio: quero escrevê-lo no reverso da página *que todo o universo deve lêr.*

Depois de terem assim repartido a sua fortuna com seus irmãos, depois de terem derramado o bálsamo naqueles corações atormentados pela dor, vão às igrejas, enquanto o vício fatigado dorme em fôfos leitos, oferecer a Deus as suas orações e dar-lhe graças pelos seus benefícios: a luz da lâmpada solitária combate ainda no templo a do dia que vem rompendo, e já estão prostrados ao pé dos altares; e o Eterno, irritado pela dureza e pela avareza dos homens, retém o seu raio pronto a ser despedido!

CAPÍTULO XXXI

Quis dizer alguma coisa dêstes infelizes na minha viagem, porque a idéia da sua miséria muitas

vêzes me ocupou no meu caminho. Impressionado frequentemente pela diferença entre a situação dêles e a minha, parava de repente a minha berlinda, e o meu quarto parecia-me prodigiosamente embelezado. Que luxo inútil! Seis cadeiras, duas mesas, uma secretária, um espelho — que ostentação!

Sobretudo a minha cama, a minha cama côr de rosa e branca, e os meus dois colchões, pareciam-me desafiar a magnificência e a moleza dos monarcas da Ásia. Estas reflexões tornavam-me indiferentes os prazeres que me tinham sido proibidos: e, de reflexões em reflexões, o meu acesso de filosofia tornava-se tal, que eu poderia vêr um baile no quarto próximo, que eu poderia ouvir o som das rabecas e dos clarinetes sem me mover do meu lugar; poderia ouvir com os meus dois ouvidos a voz melodiosa da *Marchesini*, essa voz que tantas vêzes me transportou para fora de mim mesmo, sim, podê-la-ia ouvir sem me comover: mais ainda, teria olhado sem a menor emoção para a mais formosa mulher de Turim, a própria *Eugénia*, enfeitada da cabeça até aos pés pelas mãos de *mademoiselle Rapous*. Isto, contudo, não é bem certo.

CAPÍTULO XXXII

Mas, permiti-me que vos pergunte, meus senhores, divertis-vos tanto outrora no baile e na comédia? Pe-

la minha parte, confesso, há algum tempo que tôdas as assembléias numerosas me inspiram um certo terror. Sou nelas assaltado por um sonho sinistro. Debalde faço todos os esforços para afugentá-lo; volta sempre, como o de *Atalia*. E talvez porque a alma, inundada hoje de idéias negras e de quadros dilacerantes, encontra por tôda parte assuntos de tristeza, como um estômago viciado converte em venenos os alimentos mais sãos. Seja como fôr, eis o meu sonho: quando estou numa dessas festas, no meio daquela multidão de homens amáveis e cheios de afaabilidade que dançam, que cantam, que choram com as tragédias, que não exprimem senão alegria, franqueza e cordialidade, digo a mim mesmo: — se nesta assembléia polida, entrasse de repente um urso branco, um filósofo, um tigre, ou qualquer outro animal dessa espécie, e que, subindo à orquestra, exclamasse com voz descompassada: — “Desgraçados humanos! escutai a verdade que vos fala pela minha bôca: sois oprimidos, tiranizados; sois infelizes; aborrecei-vos. Saí dêsse letargol”

“Vós, músicos, principiai por quebrar êsses instrumentos sôbre as vossas cabeças; armai-vos cada um dum punhal: não penseis mais em distrações e em festas; subi aos camarotes, degolai tôda gente; e as mulheres ensopem também as mãos tímidas no sangue!”

“Saí, sois *livres*; arrancai o vosso rei do seu trono, e o vosso Deus do seu santuáriol”

Pois bem, o que o tigre disse, quantos dêsses homens *cheios de afabilidade* o executarão? Quantos talvez já pensavam nisso antes dêle entrar? Quem o sabe? Pois não se dançava em Paris, há cinco anos? (3)

“*Joannetti*, fecha as portas e as janelas. Não quero tornar a vêr a luz; não quero que nenhum homem entre no meu quarto; deixa estar o meu sabre ao alcance da mão; sai também, e não tornes mais a aparecer diante de mim!”

CAPÍTULO XXXIII

“Não, não; fica, *Joannetti*; fica, pobre rapaz; e tu também, minha *Rosina*; tu que adivinhas as minhas penas e que as suavizas com as tuas festas; vem, minha *Rosina*; vem cá, e descansa.”

CAPÍTULO XXXIV

A queda da minha diligência prestou ao leitor o serviço de encurtar a minha viagem de uma boaduzia de capítulos, porque, quando me levantei es-

(3) Alusão à época do Terror.

tava eu em frente e muito perto da minha secretária, e já não havia tempo de fazer reflexões sôbre o número de estampas e de quadros que ainda tinha a percorrer, e que teriam podido alongar as minhas excursões sôbre a pintura.

Deixando, portanto, à direita os retratos de *Rafael* e da sua amante, o cavalheiro de *Assas* e a *Pastora dos Alpes*, e caminhando sôbre a esquerda para o lado da janela, descobre-se a minha secretária: é o primeiro objeto e o mais aparente que se apresenta aos olhares do viajante, seguindo o caminho que acabo de indicar.

Tem superiormente algumas prateleiras servindo de biblioteca; sendo tudo coroado por um busto que termina a pirâmide e que é o objeto que mais contribui para o embelezamento do país.

Puxando a primeira gaveta à direita, acha-se uma escrivaninha, papel de várias espécies, penas aparádas, e lacre. Isto tudo seria capaz de dar vontade de escrever à pessoa mais indolente. Tenho a certeza, minha querida Jení, que se te succedesse abrir uma gaveta por acaso, havia de responder à carta que no ano passado te escrevi. Na gaveta correspondente, jazem confusamente amontoados os materiais da interessante história da prisioneira de Pignerol, que dentro em pouco haveis de ler, meus caros amigos (4).

(4) Xavier de Maistre não cumpriu a sua palavra e se algum escrito appareceu com este título, o autor de *Viagem à roda do meu quarto* declarou que não tem nada com elle.

Entre estas duas gavetas, fica um nicho para onde atiro as cartas à medida que as recebo: ali se encontram tôdas as que tenho recebido há dez anos; as mais antigas estão atadas, segundo as datas, em vários maços: as modernas estão a granel; muitas datam da minha primeira mocidade.

Que prazer o de tornar a ver nessas cartas as situações interessantes dos nossos anos juvenis, e de sermos transportados de novo a êsses tempos felizes que nunca mais veremos!

Ah! o meu coração transborda! como goza tristemente, quando os meus olhos percorrem as linhas traçadas por um ser que já não existe! Eis os seus caracteres, foi o seu coração que lhe conduziu a mão; foi a mim que êle escreveu esta carta, e esta carta é tudo o que me resta dêle!

Quando ponho mão neste depósito, é raro que daí me afaste o dia todo. É assim que o viajante atravessa rapidamente algumas províncias da Itália, fazendo à pressa algumas observações superficiais, para se fixar em Roma durante meses inteiros. É o mais rico veio da mina que exploro. Que mudança nas minhas idéias e nos meus sentimentos! que diferença nos meus amigos! Quando os examino então e hoje, vejo-os mortalmente agitados com projetos de que nenhum caso fazem agora. Considerávamos um certo acontecimento como uma grande desgraça; mas, falta o fim da carta, e o acontecimento está esquecido

de todo: não sou capaz de saber de que se tratava. Mil preconceitos nos cercavam; o mundo e os homens eram-nos totalmente desconhecidos; mas, também, que calor nas nossas relações! que ligação íntima! que confiança sem limites!

Éramos felizes pelos nossos erros. E agora: Ah! já não é nada disso! fomos obrigados a ler, como os outros, no coração humano; e a verdade, caindo no meio de nós como uma bomba, destruiu para sempre o palácio encantado da ilusão.

CAPÍTULO XXXV

Dependia só de mim fazer um capítulo a propósito daquela rosa seca que ali está, se o assunto valesse a pena: é uma flór do carnaval do ano passado. Fui eu mesmo colhê-la nas estufas do *Valentino*, e à noite, uma hora antes do baile, cheio de esperança e com uma agradável emoção, fui oferecê-la a *madame de Hautcastel*. Aceitou-a, e colocou-a em cima do seu toucador sem olhar para ela e sem olhar para mim. Mas, como podia dar-me atenção? Estava entretida a olhar para si. Em pé, diante dum grande espelho, já penteada, dava os últimos retoques aos seus enfeites; estava tão intensamente preocupada com fitas, gazes, tules de tôda espécie amon-

toados diante dela, que eu não obtive nem mesmo um olhar, um sinal. Resignei-me: eu tinha humildemente na minha mão uns alfinêtes prontos para servir; mas a sua pregadeira estava mais a jeito, e ela tirava-os da pregadeira, e se eu estendia a mão, tirava-os da minha mão indiferentemente; e para tirá-los apalpava, sem despregar os olhos do seu espelho, com medo de se perder de vista.

Segurei algum tempo um segundo espelho por detrás dela, para melhor se vêr e ajuizar do seu apuro; e a sua fisionomia, repetindo-se de um espelho para o outro, fêz-me ver uma perspectiva de presumidas, nenhuma das quais me dava a menor atenção. Numa palavra, devo dizê-lo? tanto a minha rosa como eu fazíamos uma tristíssima figura.

Acabei por perder a paciência, e não podendo já resistir ao despeito que me devorava, larguei sôbre o toucador o espelho que tinha na mão e saí encolerizado e sem me despedir.

"*Vai-se embora?*" disse-me ela, voltando-se de lado para ver a sua figura de perfil. Não respondi nada: mas, estive escutando algum tempo à porta, para saber que efeito produzia a minha saída brusca. "*Não vês*, dizia ela à sua criada de quarto, depois de um instante de silêncio, *não vês que este corpete está largo demais para a minha cintura, principalmente em baixo, e que é preciso fazer-lhe uma prega com alfinete?*"

Como e porque se encontra ali aquella rosa sêca sôbre uma estante da minha secretária, é o que eu certamente não direi, porque já disse que uma rosa sêca não merecia um capítulo.

Repare bem, minhas senhoras, que não faço a mínima reflexão sôbre a aventura da rosa sêca. Não digo que *madame de Hautcastel* fêz bem ou mal em preferir os seus adornos, nem que eu tivesse direito a ser recebido de outro modo.

Evito ainda com mais cuidado tirar consequencias gerais sôbre a realidade, a fôrça e a duração do afeto das senhoras para com os seus apaixonados. Contento-me em atirar êste capítulo (pois que já agora o é), em atirá-lo, repito, para o mundo, com o resto da viagem, sem o dirigir a ninguém, e sem o recomendar a ninguém.

Apenas, acrescentarei um conselho para vós, meus senhores: é o de fixar bem no espírito que num dia de baile a vossa amante não vos pertence.

No momento em que principia o vestir, o amante é apenas um marido, e o baile é que se torna o amante.

E, depois, tôda gente sabe o que ganha um marido em querer fazer-se amar por fôrça, aceitai pois o vosso mal com paciência e cara alegre.

E não tenhais illusões, meu caro senhor: se vos vêm com prazer no baile, não é na vossa qualidade de

amante, porque sois um marido; é porque fazeis parte do baile, e sois, consequentemente, uma fração de sua nova conquista; sois um decimal de amante; ou, então, será talvez por que dançais bem e fazeis brilhar: finalmente, o que possa haver de mais lisonjeiro para vós no bom acolhimento que vos faça é o esperar que declarando por seu amante um homem de merecimento *como* sois, há-de excitar o ciúme das suas companheiras; sem esta consideração, nem sequer vos olharia.

Fique, pois, isto bem entendido; é forçoso que vos resigneis, esperando que passe o vosso papel de marido. Muitos conheço eu que se dariam por quites com tão pouco.

CAPÍTULO XXXVI

Prometi um diálogo entre a minha alma e a *outra*; mas, há certos capítulos que me escapam, ou antes há outros que correm da minha pena como contra a minha vontade, e que transtornam os meus projetos: deste número é o da minha biblioteca, que farei o mais curto possível. Vão acabar os quarenta e dois dias, e não seria suficiente um espaço de tempo igual a êsse para completar a descrição do rico país onde viajo tão agradavelmente.

A minha biblioteca, pois, é composta de romances, já que tenho de dizê-lo, *sim*, de romances, e de poetas escolhidos.

Como se me não fôsem suficientes aos meus males, participo, ainda voluntariamente nos de mil pessoas imaginárias, e sinto-os com tanta intensidade como os meus próprios: quantas lágrimas não derramei por motivo daquela infeliz *Clarisse* e pelo apaixonado de *Carlota*!

Mas, se procuro dêste modo aflições fingidas, encontro em compensação, nesse mundo imaginário, virtude, bondade e desinterêsse como ainda não achei reunidos no mundo real em que existo. Aí encontro uma mulher como desejo, sem caprichos, sem leviandade, sem malícia: de beleza não digo nada; podem fiar-se na minha imaginação: faço-a tão formosa, que não há nada que se lhe diga. Depois, fechando o livro, que já não corresponde às minhas idéias, pego-lhe pela mão, e percorremos juntos um país mil vêzes mais delicioso que o *Éden*. Que pintor poderia representar a paisagem encantada, onde coloquei a divindade do meu coração! e que poeta poderá descrever jamais as sensações vivas e diversas que tenho nessas regiões encantadas!

Quantas vêzes, não amaldiçoei aquêlê maldito *Cleveland*, que a todo o mundo se mete em novas desgraças, que podia perfeitamente evitar! Não posso aturar êste livro, nem êsse encadeamento de calamiti-

dades; mas, se acontece abri-lo por distração, hei-de devorá-lo até ao fim.

Como deixar êsse pobre homem entre os *Abaquis*? Que havia de ser dêle com êstes selvagens? Ainda menos me atrevo a abandoná-lo na excursão que faz para sair do cativeiro.

Finalmente, tomo tal parte nas suas penas, interesse-me tanto por êle e pela sua infeliz família, que a aparição inesperada dos ferozes *Ruintons* me faz arrepiar os cabelos: cobre-me um suor frio, quando leio essa passagem, e o meu temor é tão vivo, tão real como se eu próprio estivesse para ser assado e comido por aquela canalha.

Quando tenho chorado e amado bastante, procuro um poeta qualquer, e parto de novo para outro mundo.

CAPÍTULO XXXVII

Desde a expedição dos Argonautas até à assembleia dos Notáveis, desde o mais profundo dos infernos até à última estrêla fixa para lá da via láctea, até aos confins do universo, até às portas dos caos, eis o vasto campo por onde passeio de lado a lado, de extremo a extremo, com todo o sossêgo e muito à minha vontade; porque me não falta tempo assim como me não falta

espaço. É para ali que transporto a minha existência, atrás de *Homero*, de *Milton*, de *Virgílio*, de *Ossian*, etc.

Todos os acontecimentos que se têm dado entre estas duas épocas, todos os países, todos os mundos e todos os seres que têm existido entre estes dois termos, tudo isso é meu, tudo isso me pertence tão bem, tão legitimamente como os navios que entravam no *Pireo* pertenciam a um certo Ateniense.

Gosto, sobretudo, dos poetas que me transportam à mais alta antiguidade: a morte do ambicioso *Agamemnon*, os furores de *Orestes* e tôda a história trágica da família dos *Atridas*, perseguida pelo céu, me inspiram um terror que os acontecimentos modernos não poderiam despertar-me.

Eis a urna fatal que contém as cinzas de *Orestes*. Quem não estremeceria a este aspecto? *Eletral* infeliz irmã, tranquiliza-te; é o proprio *Orestes* quem traz a urna, e as cinzas são as dos seus inimigos.

Já se não encontram hoje margens semelhantes às do *Xanto* ou do *Scamandro*; já se não vêem planícies como as de *Hespéria* ou da *Arcádia*. Onde estão hoje as ilhas de *Lenos* e de *Creta*? Onde é o famoso labirinto? Onde é o rochedo que *Ariadna* abandonada renegava com as suas lágrimas? Já se não vêem *Teseus*, e ainda menos *Hércules*; os homens e até mesmo os heróis de hoje são pigmeus.

Quando quero dar, em seguida, a mim mesmo, uma cena de entusiasmo, e gozar de tôdas as fôrças da minha imaginação, seguro-me arrojadamente às pregas da túnica flutuante do sublime cego de Albion, no momento em que êle entra pelo céu e ousa aproximar-se do trono Eterno. Que musa pôde sustentá-lo nessa altura, aonde nenhum homem antes dêle tinha ousado levantar os seus olhares? Do deslumbrante pavimento celeste que o avarento *Mamon* encarava com olhos de inveja, passo com horror para as vastas cavernas da morada de Satanás; assisto ao conselho infernal, envolvo-me com a multidão dos espíritos rebeldes, e ouço os seus discursos.

Mas, preciso confessar aqui uma fraqueza que muitas vêzes a mim próprio tenho repreendido.

Não posso deixar de tomar certo interêsse por êsse pobre Satanás (falo do Satanás de *Milton*) depois dêle ser assim precipitado do céu. Ao mesmo tempo que censuro a teimosia do espírito rebelde, confesso que a firmeza que êle mostra no excesso da desgraça e a grandeza da sua coragem me obrigam a admirá-lo. Apesar de eu não conhecer as desgraças derivadas da funesta empresa que o levou a forçar as portas do inferno para vir perturbar o sossêgo de nossos primeiros pais, não posso, por mais que faça, desejar nem um momento vê-lo perecer no caminho, na confusão do caos. Creio até que o auxiliaria, se não fôsse a vergo-

inha que me retém. Sigo todos os seus movimentos, e acho tanto prazer em viajar com êle como se fôsse na melhor companhia. Por mais que reflita que, no fim de contas, é um diabo; que vem a caminho para perder o gênero humano; que é um verdadeiro democrata, não dos de Atenas, mas de Paris, nada disso me pode curar da minha prevenção.

Que vasto projetol e que arrôjo na sua execução!

Quando as espaçosas e triplas portas dos infernos se abriram de repente diante dêle, e o profundo fôso do nada e da noite lhe appareceu aos pés em todo o seu horror, percorreu com olhar intrépido o sombrio império do caos; e, sem hesitar, abrindo as vastas asas, que teria podido cobrir um exército inteiro, precipitou-se no abismo.

Desafio a que faça o mesmo o homem mais audacioso que haja. E isto é, no meu entender, um dos mais belos esforços da imaginação, e ao mesmo tempo uma das mais belas viagens que se têm feito — depois da viagem à roda do meu quarto.

CAPÍTULO XXXVIII

Não acabaria nunca se quisesse descrever a milésima parte dos acontecimentos singulares que me succedem, quando viajo próximo da minha biblioteca; as

viagens de *Cook* e as observações dos seus companheiros de viagem, os doutores *Banks* e *Solander*, não são nada em comparação das minhas aventuras neste único distrito: dêste modo, creio que passaria a minha vida numa espécie de arrebatamento, se não fôsse o busto de que falei, sôbre o qual os meus olhos e os meus pensamentos acabam sempre por se fixarem, qualquer que seja a situação da minha alma; e quando esta é agitada com excessiva violência, ou se abandona ao desalento, não tenho mais do que olhar para êsse busto e logo ela entra nos seus eixos normais: é o diapasão pelo qual afino a reunião variável e discordante de sensações e de percepções que forma a minha existência.

Como está parecido! São exatamente as feições que a natureza tinha dado ao mais virtuoso dos homens. Ah! se o escultor tivesse podido tornar visíveis a sua alma excelente, o seu gênio e o seu caráter! Mas, que tentei eu? É este por ventura o lugar para fazer o seu elogio? E aos homens que me cercam que o estou dirigindo? Mas, que se importam êles com isso?

Contento-me em prostrar-me diante da tua imagem querida, ó tú que foste o melhor dos pais! Ah! esta imagem é tudo quanto me resta de ti e da minha pátria: abandonaste a terra no momento em que o crime ia invadi-la; e tais são os males com que êle nos

oprime, que a tua própria família é constrangida a considerar hoje a tua perda como um benefício. Quantos males te teria feito sofrer uma mais longa vida! Ó meu pai! conhecerás tu acaso na mansão da felicidade a sorte de tua numerosa família? Saberás tu que os teus filhos estão exilados dessa pátria que tu serviste durante sessenta anos com tanto zêlo e integridade? Saberás tu que lhes é proibido visitarem a tua sepultura? Mas, a tirania não pôde tirar-lhes a parte mais preciosa da tua herança: a recordação das tuas virtudes e a força dos teus exemplos: no meio da torrente criminoso que arrastava a sua pátria e a sua fortuna para o abismo, conservam-se inalteravelmente unidos na linha que lhes havias traçado; e quando puderem algum dia prostrar-se sobre as tuas cinzas veneradas, estas sempre os reconhecerão.

CAPÍTULO XXXIX

Prometi um diálogo, cumpro a palavra. Era de manhã, ao romper do dia: os raios do sol douravam ao mesmo tempo o cimo do monte Viso e o das montanhas mais elevadas da ilha que está nos nossos antípodas; e já ela estava acordada, quer o seu despertar prematuro fôsse efeito das visões noturnas que a põem muita vez numa agitação tão fatigante como inútil, quer o carnaval, que se aproximava então do têrmo,

fôsse a causa oculta do seu despertar, por ter êsse tempo de prazer e de loucura uma influência sôbre a máquina humana como as fases da lua e da conjunção de certos planetas. Finalmente, estava ela acordada, e bem acordada, quando a minha alma se desembaraçou por si mesma dos laços do sono.

Havia muito tempo que esta partilhava confusamente das sensações da *outra*; mas, estava ainda embaraçada nos crepes da noite e do sono; e êsses crepes pareciam-lhe transformados em gazes, em cambraias, em tules. A minha pobre alma estava pois como que empacotada em todo êste aparato; e o deus do sono, para retê-la com mais fôrça no império, acrescentava aos seus liames tranças de cabelos louros em desordem, laços de fitas, colares de pérolas; daria dó a quem a visse debater-se em tais rédes.

A agitação da mais nobre parte de mim mesmo comunicava-se à *outra*, e esta por sua vez atuava poderosamente sôbre a minha alma. Eu tinha chegado todo a um estado difícil de descrever, quando por fim a minha alma, ou por sagacidade, ou por acaso, achou modo de se livrar das gazes que a sufocavam. Não sei se encontrou alguma abertura, ou se deliberou simplesmente levantá-lo, o que é mais natural; o fato é que achou a saída do labirinto. As tranças de cabelos em desordem continuavam a estar lá; mas não eram já um *obstáculo*, eram antes um meio: a minha alma agarrou-o, como um homem quando vai afogar-se se agarra às ervas das margens; mas, o colar de

pérolas partiu-se na ação, e estas, desenfando-se, rolaram sôbre o sofá e daí para o soalho do quarto de *madame de Hautcastel*; porque a minha alma, por uma extravagância que seria difficil explicar, imaginava-se em casa desta dama; um grande ramo de violetas caiu ao chão, e a minha alma, acordando então, entrou em si, levando em sua companhia a razão e a realidade. Como bem se imagina, desaprovou com energia tudo o que se havia passado na sua ausência, e, é aqui que principia o diálogo que forma o assunto dêste capítulo.

Nunca a minha alma tinha sido tão mal recebida. As censuras que ela se lembrou de fazer neste momento crítico acabaram de indispor o casal: foi uma revolta, uma insurreição declarada.

“O que! disse a minha alma, é dêste modo que durante a minha ausência, em vez de reparardes as vossas fôrças com um sono pacífico, tornando-vos dêsse modo mais própria para executar as minhas ordens, vos lembrais *insolentemente* (o têrmo era um pouco forte) de vos entregardes a transportes que a minha vontade não sancionou?”

Pouco acostumada a êste tom de altivez, a *outra* respondeu-lhe encolerizada:

“Assenta-vos perfeitamente, senhora (para afastar da discussão tôda a idéia de familiaridade), assenta-vos perfeitamente êsse ar que estais aparentando de decência e de virtude! Pois não será talvez aos

desvarios da vossa imaginação e às vossas idéias extravagantes que devo tudo quanto vos desagrada em mim? Por quê vos tinheis ausentado? Por quê haviéis de ter o direito de gozar sem mim, nas frequentes viagens que fazeis sòzinha? Desaprovei eu alguma vez as vossas sessões no empíreo ou nos Campos Elíseos, as vossas conversações com as inteligências, as vossas especulações profundas (um bocado de ironia, como se vê), os vossos castelos na Espanha, os vossos sistemas sublimes? E não havia de ter o direito, quando me abandonais assim, de gozar dos benefícios que me concede a natureza e dos prazeres que ela me apresenta!”

A minha alma, surpreendida com tanta vivacidade e eloquência, não sabia que responder. Para acomodar a questão, tentou cobrir com o véu da benevolência as censuras que ela acabava de se permitir; e a fim de não parecer que dava os primeiros passos para a reconciliação, imaginou tomar também o tom da cerimônia. “Minha senhora”, disse ela por sua vez com afetada cordialidade... — (Se o leitor achou esta palavra deslocada quando era dirigida à minha alma, que dirá êle agora, por pouco que queira lembrar-se do assunto da discussão? A minha alma não sentiu o extremo ridículo dêste modo de falar, tal é o ponto a que a paixão obscurece a inteligencial!) “Minha senhora, disse ela, pois, asseguro-vos que nada me daria tanto gôsto como vêr-vos gozar de to-

dos os prazeres de que a vossa natureza é suscetível, mesmo quando eu dêles não participasse, se êsses prazeres não fôsem nocivos e se não alterassem a harmonia que..." Aqui a minha alma foi interrompida com vivacidade: "Não, não, não me deixarei iludir por essa benevolência suposta: a permanência forçada que temos juntas neste quarto onde viajamos; a ferida que recebi que esteve a ponto de me destruir, e que ainda sangra; não é tudo isso fruto do vosso orgulho extravagante e dos vossos bárbaros preconceitos? O meu bem-estar e até a minha existência são consideradas coisas sem valor, quando as vossas paixões vos arrastam, e tendes a pretensão de que vos interessais por mim, e dizeis que as vossas censuras provém da amizade!"

A minha alma viu bem que não desempenhava o melhor papel nesta ocasião: começava, além disso, a perceber que o calor da discussão tinha suprimido a causa dela, e aproveitando a circunstância para fazer uma diversão: "*Traze-me café*", disse ela a *Joannetti*, que entrava no quarto. Como o barulho das chávenas atraíu tôda a atenção da *insurgente*, no mesmo instante ela esqueceu tudo o mais. É deste modo que mostrando um brinquedo às crianças se lhes faz esquecer os frutos nocivos que estão pedindo com teima.

Fui adormecendo insensivelmente, enquanto a água fervia. Gozava aquêlé prazer delicioso de

que já falei aos meus leitores, e que se experimenta, quando a gente se sente dormir. O barulho agradável que *Joannetti* fazia, mexendo na cafeteira, repercutia-se no meu cérebro, e fazia vibrar tôdas as minhas fibras sensitivas, como a vibração da corda de uma harpa faz ressoar as oitavas. Finalmente, vi como que uma sombra diante de mim, abri os olhos, era *Joannetti*. Ah! que perfume! que agradável surpresa! café! leite! uma pirâmide de pão torrado! Bom leitor, almoça comigo.

CAPÍTULO XL

Que rico tesouro de gozos distribuiu a boa natureza aos homens, cujo coração sabe gozar, e que variedade nesses gozos! Quem poderá contar as suas gradações inúmeras nos diversos indivíduos e nas diferentes idades da vida? A lembrança confusa dos da minha infância faz-me ainda palpitar. Tentarei pintar o que sente o homem no período da mocidade, quando o coração se lhe inflama em todos os fogos do sentimento. Nessa idade feliz, em que se ignora ainda até o nome do interêsse, da ambição, do ódio e de tôdas as paixões vergonhosas que degradam e atoimentam a humanidade; durante essa idade, ah! extremamente curta, o sol brilha com um esplendor que nunca mais se lhe encontra em todo o decurso da vida. O ar é mais puro; as fontes são mais límpidas

e mais frescas; a natureza tem aspectos, os bosques têm atalhos que nunca mais se tornam a achar na idade madura. Meu Deus! que perfumes enviam essas flôres! como aquêles frutos são deliciosos! com que brilhantes côres se adorna a aurora! Tôdas as mulheres são amáveis e fiéis; todos os homens são bons, generosos e sensíveis: por tôda parte se encontram a cordialidade, a franqueza e o desinterêsse; não existem na natureza senão flôres, virtudes e prazeres.

Pois não inundam o nosso coração de sensações tão vivas como variadas, a perturbação do amor, a esperança da felicidade?

O espetáculo da natureza e a sua contemplação no conjunto e nos pormenores abrem diante da razão uma carreira imensa de prazeres. Em breve, a imaginação, pairando sôbre êste oceano de alegrias, aumenta-lhe o número e a intensidade; unem-se as sensações diversas e combinam-se para formarem outras novas; os sonhos da glória entrelaçam-se com as palpitações do amor; a beneficência caminha ao lado do amor próprio que lhe estende a mão; a melancolia vem de tempo a tempo lançar sôbre nós o seu crepe solene, e transformar as nossas lágrimas em prazer. Finalmente, as percepções do espirito, as sensações do coração, as próprias recordações dos sentidos são para o homem fontes inesgotáveis de prazer e de felicidade. Portanto, não se admire ninguém que o barulho feito por *Joannetti*, quando batia com a cafè-

leira no fogão, e o aspecto imprevisto de uma chave-na-de-leite, tenham feito sôbre mim uma impressão tão viva e tão agradável.

CAPÍTULO XLI

Vesti imediatamente o meu *roupão de viagem*, depois de o ter examinado com um olhar complacente; e foi então que resolvi fazer um capítulo *ad hoc*, a fim de o tornar conhecido do leitor. A forma e a utilidade dêstes roupões são geralmente conhecidos e por isso tratarei com mais particularidade da influência dêles sôbre o espírito dos viajantes. O meu roupão de viagem para o inverno é feito do pano mais quente e macio que me foi possível encontrar; embrulha-me completamente desde a cabeça até aos pés; e quando estou na minha poltrona, com as mãos nos bolsos, e a cabeça mergulhada na gola do roupão, pareço a estátua de *Vichmu* sem pés e sem mãos, que se vê nos pagodes das Índias.

Dirão, talvez, que é um preconceito meu a influência que attribuo aos roupões de viagem sôbre os viajantes; o que posso dizer com certeza a êste respeito, é que me pareceria tão ridículo adiantar um só passo na minha viagem à roda do meu quarto, vestido de grande uniforme e de espada ao lado, como sair e aparecer na sociedade em roupão. Quando me vejo assim vestido, segundo todos os rigores da pragmática, não só me seria totalmente impossível continuar

a minha viagem, mas creio até que não estaria em condições de ler o que até agora tenho escrito, e menos ainda de o entender.

Mas, admira-vos isto? Não se vêem todos os dias pessoas que se imaginam doentes porque têm a barba crescida, ou porque alguém se lembra de lhes achar parecer doente e de lho dizer? O fato tem tanta influência sobre o espírito dos homens, que há valetudinários que se sentem muito melhor quando se vêem de gibão novo e cabeleira empoada; vêem-se muitos que assim enganam o público e a si mesmos com um permanente enfeite; morrem uma bela manhã barbeados e penteados, e toda gente se espanta.

Esqueciam-se algumas vêzes de avisar com muitos dias de antecedência o conde de... de que devia entrar de guarda: um cabo ia acordá-lo de manhã cedo no próprio dia do serviço e dava-lhe parte dessa triste nova; mas, a idéia de se levantar imediatamente, de calçar as polainas, e de sair assim sem o ter sabido de véspera, incomodava-o de tal modo, que preferia mandar dizer que estava doente e não sair de casa. Vestia, portanto, o seu roupão e mandava embora o cabeleireiro; isto dava-lhe um parecer abatido, doente, com que sua mulher logo se assustava e mais toda a família. Ele mesmo se achava realmente *assim não sei como* naquele dia.

Dizia-o a todos que o iam ver, um pouco por honra da firma, um pouco também porque chegava a estar convencido do que dizia, insensivelmente a in-

fluência do roupão operava: os caldos que tinha tomado, quer sim quer não, causavam-lhe náuseas, em breve os parentes e os amigos mandavam saber notícias; não era preciso tanto para o pôr decididamente na cama.

À noite, o Doutor *Ranson* achava-lhe o pulso *concentrado*, e ordenava uma sangria para o dia imediato. Se o serviço durasse mais um mês, estava pronto o doente.

Quem poderia duvidar da influência dos roupões de viagem sobre os viajantes, quando se refletir que o pobre conde de ... pensou mais duma vez que ia fazer a viagem do outro mundo por ter vestido fora de propósito o seu roupão neste?

CAPÍTULO XLII

Eu estava sentado perto da lareira, depois do jantar, embrulhado no meu *roupão de viagem*, e entregue voluntariamente a tôda a sua influência, esperando a hora da partida, quando os vapores da digestão, subindo-me ao cérebro, obstruíram de tal modo as passagens pelas quais as idéias para aí se dirigiam vindo dos sentidos, que tôdas as comunicações se achavam interceptadas; e do mesmo modo que os meus sentidos não transmitiam já nenhuma idéia ao meu cérebro, êste, por sua vez, não podia já enviar o fluido elétrico que os anima e com o qual o engenhoso Doutor *Valli* ressuscita rãs mortas.

Conceber-se-á, facilmente, depois de ter lido este preâmbulo, o motivo porque a minha cabeça me caiu sobre o peito, e como os músculos do polegar e do indicador da mão direita, não sendo já irritados por aquêle fluido, afrouxaram a ponto que um volume das obras do Marquês *Caraccioli*, que eu tinha apertado entre êsses dois dedos, deslizou por êles sem eu perceber, e foi cair no fogão.

Tinha acabado de receber umas visitas, e a minha conversa com as pessoas que tinham saído versara sobre a morte do famoso médico *Cigna*, que morrera havia pouco, e que era universalmente chorado: era sábio, laborioso, bom físico e famoso botânico. O merecimento dêsse homem hábil ocupava o meu pensamento; e, entretanto, dizia eu, se me fôsse permitido evocar as almas de todos os que êle pode ter feito passar dêste para o outro mundo, quem sabe se a sua reputação não sofreria alguma quebra?

Encaminhava-me insensivelmente para uma dissertação sobre a medicina e sobre os progressos que ela fêz depois de *Hipócrates*. Perguntava a mim mesmo se os personagens famosos da antiguidade que morreram nas suas camas, como *Péricles*, *Platão*, a célebre *Aspásia* e o próprio *Hipócrates* tinham morrido como gente vulgar, de uma febre pútrida, inflamatória ou verminosa; se tinham sido sangrados e atafalhados de remédios.

Dizer o motivo porque eu pensava nesses quatro personagens de preferência a outros, não me seria possível de nenhum modo. Quem pode explicar um sonho? Tudo o que posso dizer é que foi a minha alma que evocou o doutor de Cos, o de Turim e o famoso homem de Estado que fêz tantas coisas boas e praticou tantas faltas.

Mas, pelo que respeito à elegante amiga do mesmo estadista, confesso humildemente que foi a *outra* quem a chamou. Contudo, quando penso nisto, tenho tentação de sentir um pequeno movimento de orgulho; porque é claro que neste sonho a balança a favor da razão era de quatro contra um. É muito para um militar da minha idade.

Como quer que seja, enquanto me entregava a estas reflexões, os meus olhos acabaram de se fechar, e adormeci profundamente; mas, fechando os olhos, a imagem dos personagens nos quais tinha pensado ficou pintada naquela finíssima tela a que se chama *memória*, e essa imagem misturando-se no meu cérebro com a idéia da evocação dos mortos, fêz que eu visse dentro em pouco chegar em fila *Hipócrates*, *Platão*, *Péricles*, *Aspásia* e o Doutor *Cigna* com a sua cabeleira (1).

(1) Hipócrates, sábio grego, cognominado o Pai da Medicina; Platão, famoso filósofo grego, fundador da academia grega, onde começou o ensino filosófico do seu "platonismo", primeiro sistema de filosofia espiritualista produzido pelo pensamento humano; Péricles, ateniense notável. A sua inteligência, a sua cultura e a sua arrebatadora elo-

Vio-os todos sentarem-se em cadeiras ainda enfileiradas à roda do fogo; só *Péricles* ficou de pé para ler os jornais.

“Se as descobertas de que me falais fôsem verdadeiras, dizia *Hipócrates* ao doutor, e se tivessem sido tão úteis à medicina como pretendeis, eu teria visto diminuir o número dos homens que descem todos os dias ao reino sombrio, e cuja lista comum, segundo os registros de *Minos*, que pessoalmente verifiquei, é constantemente a mesma que outrora”.

O Doutor *Cigna* voltou-se para mim: “Sem dúvida, ouviu falar nestas descobertas? disse-me êle; conhece a de *Harvey* sobre a circulação do sangue; a do imortal *Spallanzanni* sôbre digestão, de que presentemente conhecemos todo o mecanismo?” E fêz uma longa enumeração de tôdas as descobertas, que se referem à medicina, e da infinidade de remédios que se devem à química; finalmente, fêz um discurso acadêmico a favor da medicina moderna.

“Poderei eu acreditar, respondi-lhe, que êstes grandes homens ignorem tudo quanto acabais de lhes dizer, e que as suas almas, livres das prisões da matéria, encontrem ainda alguma coisa obscura em tôda a natureza?” “Ah! em que êrro laborais! exclamou o

quência deram-lhe o cognome de olímpico; Aspásia, mulher grega, célebre pela sua formosura, pelo seu talento e pelo seu espirito; João Francisco Cigna, célebre médico italiano, fundador da Academia das Ciências de Turim, em 1770. (Nota do “Clube do Livro”).

proto-médico do Peloponeso; os mistérios da natureza são tão ocultos para os mortos como para os vivos. Aquêlê que criou e que dirige tudo é só quem sabe o grande segrêdo a que os homens em vão pretendem chegar! Eis o que sabemos de certo sôbre as margens do Stige; e, acreditai-me, acrescentou êle, dirigindo a palavra ao doutor, despojai-vos. dêsse resto de espírito de classe que trouxestes da mansão dos mortais; e já que os trabalhos de mil gerações e tôdas as descobertas dos homens não puderam alongar de um instante só a existência dêles; já que o barqueiro negro *Caronte* passa todos os dias na sua barca uma quantidade igual de sombras, não nos fatiguemos mais em defender uma arte que, entre os mortos onde estamos, nem mesmo aos médicos seria útil”. Assim falou o famoso *Hipócrates*, no meio do meu grande espanto.

O Doutor *Cigna* sorriu; e como os espíritos não podem recusar-se à evidência, nem calar a verdade, não sômente foi do parecer de *Hipócrates*, mas confessou êle próprio, corando, que sempre lhe tinha parecido isso.

Péricles, que se havia aproximado da janela, soltou um profundo suspiro, cuja causa adivinhei. Estava lendo um número do *Monitor* que anunciava a decadência das artes e das ciências; via sábios ilustres deixarem as suas especulações sublimes para inventarem novos crimes; e estremecia, ouvindo uma horda de canibais, comparando-se com os heróis da genero-

sa Grécia, a fazerem morrer no cadafalso, sem vergonha e sem remorso, velhos veneráveis, mulheres, crianças, e cometendo a sangue frio os crimes mais atrozes e mais inúteis.

Platão, que tinha ouvido, sem dizer nada, a nossa conversação, vendo-a de repente terminada por um modo inesperado, tomou a palavra, então. “Compreendo, disse-nos êle, como as descobertas feitas pelos vossos grandes homens em todos os ramos da física são inúteis para a medicina, que não poderá nunca mudar o curso da natureza, senão à custa da vida dos homens; mas, não sucederá o mesmo, sem dúvida, às investigações que se têm feito em política. As descobertas de *Locke* sobre a natureza do espírito humano, a invenção da imprensa, as observações acumuladas pelo estudo da história, tantos livros profundos que têm derramado a ciência até entre o povo; tantas maravilhas finalmente hão-de ter sem dúvida contribuído para tornar melhores os homens, e essa república feliz e sensata que eu tinha imaginado, e que o século em que eu vivia me tinha feito considerar um sonho impraticável, existe, sem dúvida, hoje, no mundo?” A esta pergunta, o honesto doutor baixou os olhos e apenas respondeu com lágrimas; depois, ao passo que as enxugava com o seu lenço, fêz involuntariamente rodar a cabeleira, de modo que lhe ficou tapada uma parte da cara. “Deuses imortais, disse *Aspásia*, soltando um grito penetrante, que extrava-

gante figural com que então foi uma descoberta dos vossos grandes homens que vos fêz imaginar dêste modo o pentear-vos à custa do crânio alheio?"

Aspásia, a quem as dissertações dos filósofos faziam bocejar, tinha pegado num jornal de modas que estava em cima da pedra do fogão e folheava-o havia algum tempo, quando a cabeleira do médico lhe fêz soltar esta exclamação; e como a cadeira estreita e vacilante em que ela sentava lhe desse muito incômodo, tinha pôsto sem cerimônia as duas pernas nuas, ornadas de ataduras, sôbre a cadeira de palha que estava entre mim e ela, e apoiava um cotovêlo sôbre um dos largos ombros de *Platão*.

"Não é um crânio, respondeu-lhe o doutor, pegando na cabeleira e atirando-a ao fogo, é uma cabeleira, minha senhora, e não sei dizer porque não atirei com êste ridículo adôrno às chamas de Tártaro, quando cheguei ao meio da sociedade; mas, os ridículos e os preconceitos são tão inerentes à nossa miserável natureza, que chegam a seguir-nos ainda algum tempo para lá do túmulo." Eu tinha um prazer especial em ver o doutor abjurar assim completamente a sua medicina e a sua cabeleira.

"Asseguro-lhe, doutor, disse-lhe *Aspásia*, que a maior parte dos penteados que estão representados no caderno que estou folheando mereciam a mesma sorte da sua cabeleira, tão extravagantes são todos!

A formosa Ateniense divertia-se extremamente a percorrer aquelas estampas, e admirava-se com razão da variedade e da extravagância dos enfeites modernos. Uma figura entre outras impressionou-a: era a de uma mulher nova representada com um penteado muito elegante, e que *Aspásia* achou simplesmente um pouco alto de mais; mas, a peça de gaze que lhe cobria o peito era duma amplidão tão extraordinária, que apenas se lhe divisava metade do rosto. *Aspásia*, não sabendo que essas formas prodigiosas eram apenas obra do amidon, não pôde eximir-se de testemunhar um espanto que teria redobrado em sentido inverso se a gaze fôsse transparente.

“Mas, dizei-nos, atalhou ela, por que é que as mulheres de hoje parecem antes ter roupa para se esconderem que para se vestirem: apenas deixam ver a cara, por onde se lhes pode reconhecer o sexo, tão desfiguradas são as formas do seu corpo pelas pregas extraordinárias dos estofos! De tôdas as figuras que estão representadas nestas fôlhas, nenhuma deixa a descoberto o peito, os braços e as pernas: como é que os vossos juvenís guerreiros não tentaram ainda destruir semelhante costume? Aparentemente, acrescentou ela, a virtude das mulheres de hoje, que se mostra em todo o seu vestuário, excede muito a das minhas contemporâneas?” Acabando de dizer estas palavras, *Aspásia* olhava para mim e parecia-me pedir uma resposta. Fingi não perceber, e para tomar

um ar distinto, impeli para cima das brasas, com as tenazes, os restos da cabeleira do doutor, que tinham escapado ao incêndio. Percebendo, em seguida, que uma das fitas que ligavam o borzeguim de *Aspásia* estava desatada: "Há-de dar-me licença, formosíssima senhora;" e, assim falando, baixei-me com presteza, estendendo as mãos para a cadeira, onde julgava estar vendo aquelas duas pernas que fizeram outrora perder a cabeça a grandes filósofos.

Persuado-me que nesse momento fôra atacado de verdadeiro sonambulismo, porque o movimento de que estou falando foi muito real: mas, *Rosina*, que efetivamente descansava em cima da cadeira, tomou êste movimento para si, e saltando com ligeireza para os meus braços, tornou a mergulhar nos infernos as sombras famosas evocadas pelo meu roupão de viagem.

Delicioso país da imaginação, tu, que o Ser benfazejo por excelência entregou aos homens para os consolar da realidade, é preciso deixar-te. É hoje que certas pessoas de quem dependo pretendem restituir-me à liberdade. Como se ma tivessem tirado! como se estivesse no poder dêles arrebatá-la um só instante, e impedirem-me de percorrer à minha vontade o vasto espaço sempre aberto diante de mim! Proibiram-me de percorrer uma cidade, um ponto; mas deixaram-me o universo inteiro: a imensidade e a eternidade estão às minhas ordens.

É hoje, portanto, que fico livre, isto é que volto a ser metido em ferros! Vai de novo pesar sôbre mim o jugo dos negócios, não darei mais um passo que não seja medido pelas conveniências e pelo dever. E muito feliz serei, se nenhuma deusa caprichosa me fizer esquecer aquelas ou êste, e se puder escapar a êste novo e perigoso cativeiro!

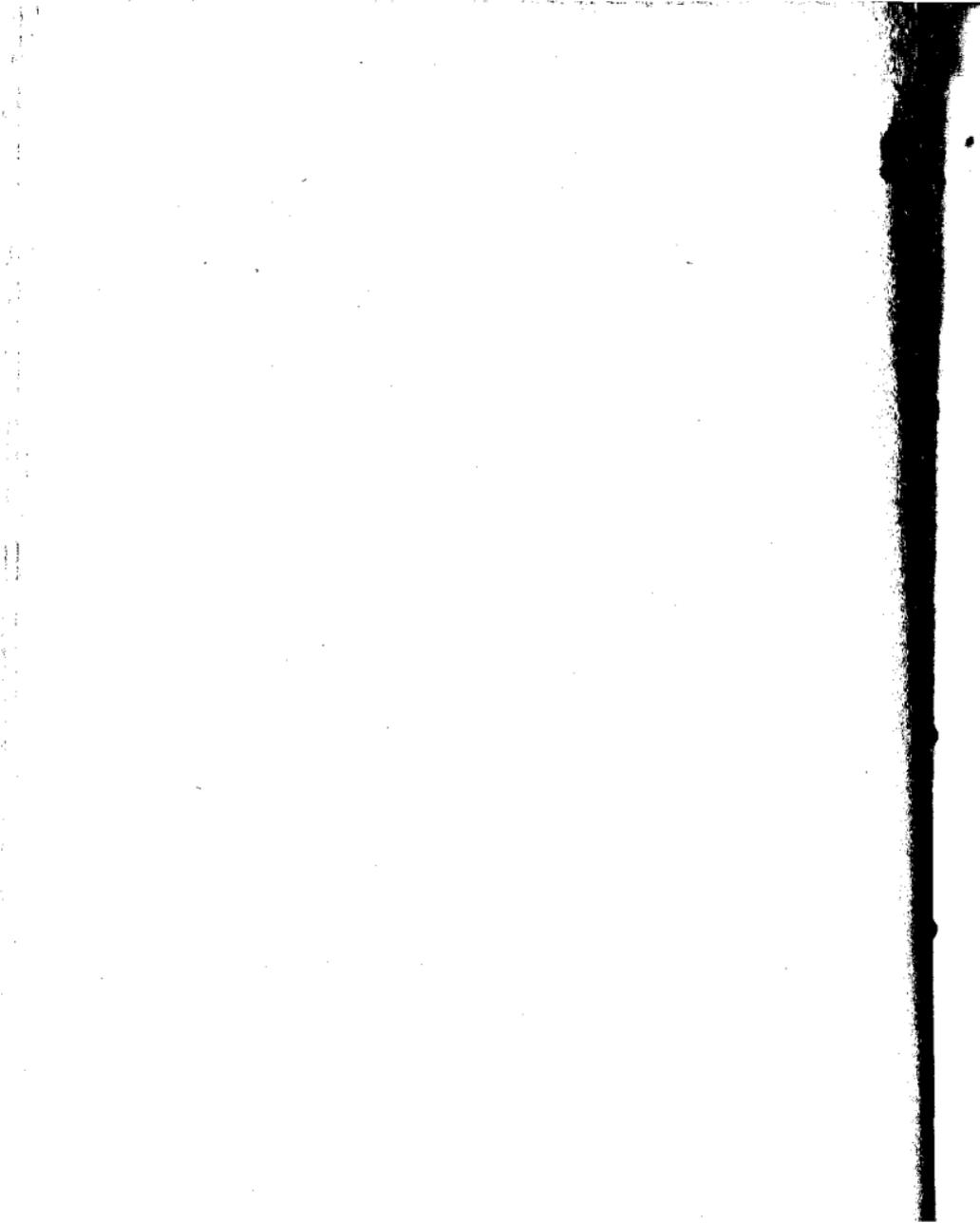
Por que não me deixariam terminar a minha viagem? Foi então para me castigarem que me confinaram no meu quarto, nesta região deliciosa que encerra todos os bens e tôdas as riquezas do mundo? Foi o mesmo que se degradassem um rato para um celeiro.

Contudo, nunca percebi com mais clareza que sou *duplo*. Enquanto lastimo a perda dos meus gozos imaginários, sinto-me consolado por fôrça; arrasta-me um poder secreto; diz-me êle que tenho necessidade do ar do céu, e que a solidão se parece com a morte. Eis-me vestido e preparado; abre-se a porta: vagueio sob os pórticos espaçosos da Rua do Pó; diante dos meus olhos, volteiam mil fantasmas agradáveis. Sim, é bem verdade estar vendo esta casa, esta porta, esta escada; estou tremendo de prazer.

Do mesmo modo que se sente um ante-gôsto ácido, quando se corta um limão para o comer.

Ó minha bêsta, minha pobre bêsta, toma cuidado de ti!

EXPEDIÇÃO NOTURNA
À RODA DO MEU QUARTO



CAPÍTULO I

Para derramar algum interêsse sôbre o novo quarto em que fiz uma expedição noturna, devo dizer aos curiosos o modo como êle me coube em partilha. Continuamente distraído das minhas occupações na casa barulhenta em que morava, havia muito tempo que eu procurava na vizinhança um retiro mais solitário, quando um dia, percorrendo uma notícia biográfica acêrca do Sr. de Buffon, li que êste homem célebre tinha escolhido nos seus jardins um pavilhão isolado, que não continha nenhum outro móvel senão a poltrona e a secretária em que escrevia, nem outra obra senão o manuscrito em que trabalhava.

As quimeras em que me ocupo oferecem um confronto tão disparatado com os trabalhos imortais de Buffon, que o pensamento de imitá-lo, mesmo neste ponto, nunca me teria passado pelo espírito, se não fôsse um acidente que me determinou. Um criado, limpando a poeira dos móveis, julgou ver muita num quadro pintado a pastel que eu tinha concluído havia pouco, e limpou-o de tal modo com um pano, que efetivamente consegui desembaraçá-lo de todo o pó que eu ali havia disposto com muito cuidado. Depois de ter-me irritado extremamente contra êsse homem que estava ausente, e de lhe não ter dito nada, quando

êle voltou, segundo o meu costume, pus-me imediatamente em campo, e voltei para casa com a chave de um pequeno quarto, que tinha alugado num quinto andar da rua da *Providência*. Mandei transportar para lá nesse mesmo dia os materiais das minhas occupações favoritas, e aí passei depois a maior parte do meu tempo, ao abrigo do barulho doméstico e dos limpaquadros. Decorriam as horas para mim como se fôsem minutos naquele reduto isolado, e mais duma vez os meus devaneios me fizeram esquecer aí a hora do jantar.

Ó deleitosa solidão! conheci os encantos com que inebrias os amantes. Infeliz daquele que não pode estar sozinho um dia na sua vida sem experimentar o tormento do tédio, e que prefere, se assim se pôde dizer, conversar com tolos a conversar consigo mesmo!

Todavia, confessarei que gosto da solidão nas grandes cidades; mas, salvo o caso de ser obrigado por qualquer circunstância grave, como uma viagem à roda do meu quarto, não quero ser eremita senão de manhã; à noite, gosto de tornar a ver caras humanas. Os inconvenientes da vida social e os da solidão destroem-se assim mutuamente, e êstes dois modos de existência embelezam-se um pelo outro.

Contudo, são tais a inconstância e a fatalidade das coisas dêste mundo, que a própria vivacidade dos prazeres, que eu gozava na minha nova morada, deveriam ter-me feito prever de quão pouca dura seriam.

A revolução francesa, que transbordava para todos os lados, acabava de subir os Alpes e precipitava-se sobre a Itália. Fui arrastado pela primeira vaga até Bolonha. Conservei o meu eremitério, para o qual fiz transportar tôda a minha mobília, até virem tempos mais felizes. Havia alguns anos que estava sem pátria, e uma bela manhã fui informado de que estava sem emprêgo. Depois de um ano inteiro consumido a ver homens e coisas que nada me importavam e a desejar coisas e homens que já não via, voltei para Turim. Era preciso tomar um partido. Saí da hospedaria, onde me tinha recolhido, com a tenção de ir fazer entrega do meu quarto ao senhorio e de me desfazer dos móveis.

Ao entrar no meu eremitério, tive sensações difíceis de escrever: tudo ali tinha conservado a ordem, isto é a desordem em que eu o tinha deixado: os trastes amontoados de encontro às paredes, as minhas penas ainda no tinteiro sêco, e achei em cima da mesa uma carta principiada.

Estou ainda em minha casa, pensei eu com verdadeira satisfação. Cada objeto me recordava algum acontecimento da minha vida, e todo o meu quarto estava repleto de recordações. Em vez de voltar para a hospedaria, resolvi passar a noite no meio das minhas propriedades. Mandeí buscar a mala e fiz ao mesmo tempo o projeto de partir no dia seguinte sem

tomar conselho, nem me despedir de ninguém, abandonando-me sem reserva à Providência.

CAPÍTULO II

Enquanto fazia estas reflexões, glorificando-me de um plano de viagem bem combinado, decorria o tempo, e o meu criado não voltava. Era um homem a quem a necessidade me havia feito tomar para meu serviço havia algumas semanas, e sôbre a fidelidade do qual havia concebido algumas suspeitas. A idéia de que êle pudesse ter fugido com a minha mala acudiu-me de repente ao espírito e foi bastante para correr logo à hospedaria: não foi sem tempo. Mal eu torneava a esquina da rua, onde ficava a hospedaria, vi-o sair precipitadamente da porta, precedido de um carregador com a mala. Êle próprio levava o meu cofre debaixo do braço; e, em vez de se dirigir para o meu lado, encaminhou-se para a esquerda, numa direção oposta à que devia tomar. Era, pois, manifesta a sua intenção. Alcancei-o com facilidade, e, sem nada lhe dizer, fui algum tempo andando ao lado dêle, sem ser reconhecido. Se quisessem pintar a expressão de espanto, de temor levada ao mais alto grau no rosto humano, poderia êle servir de modelo perfeito no momento em que deu por mim ao seu lado. Tive todo o vagar para fazer êsse estudo; porque êle

ficou tão desconsertado com a minha inesperada aparição e com a seriedade com que o estava fitando, que continuou a algum tempo a caminhar comigo sem dizer palavra, como se estivéssemos passeando juntos. Por fim, balbuciou o pretexto de ter uma coisa a fazer numa das ruas daquele lado; mas, fí-lo entrar no bom caminho e voltamos para casa, onde o despedi.

Foi só então que me decidi a fazer uma nova viagem no meu quarto, durante a última noite que nêle devia passar, e no mesmo instante me ocupei dos necessários preparativos.

CAPÍTULO III

Havia muito tempo que eu desejava tornar a ver o país que outrora tinha percorrido tão deliciosamente, e cuja descrição me não parecia completa. Alguns amigos que a conheceram solicitavam-me que continuasse, e sem dúvida a isso me teria decidido mais cedo se não tivesse estado separado dos meus companheiros de viagem. Voltava saudoso à minha carreira. Ah! voltava sozinho. Ia viajar sem o meu querido *Joannetti* e sem a amável *Rosina*. Até o meu primeiro quarto tinha sofrido a mais desastrosa revolução; que digo eu! não existia já, o seu recinto fazia então parte dum horrível casebre enegrecido pelas chamas, e tôdas as invenções mortíferas da guerra se tinham reunido

para destruí-lo de alto a baixo (1). A parede onde estivera pregado o retrato de *madame de Hautcastel* tóra atravessada por uma bomba. Finalmente, se por felicidade eu não tivesse feito a minha viagem antes desta catástrofe, os sábios dos nossos dias nunca teriam tido conhecimento daquele quarto notável. Do mesmo modo, sem as observações de Hiparco, ignorariam hoje que existiu outrora uma estréla a mais nas Pleiades, estréla que desapareceu depois dêsse famoso astrónomo.

Já, forçado pelas circunstâncias, tinha eu abandonado havia algum tempo meu quarto, e transportado para outro ponto os meus penates. Dirão que a desgraça não é grande. Mas, como substituir *Joannetti* e *Rosina*? Ah! isso é que não é possível. *Joannetti* tinha-se-me tornado tão necessário, que a sua perda nunca será reparada para mim. Quem pode, de resto, bisonjear de viver sempre com as pessoas que estima? Semelhantes aos enxames de mosquitos que se vêm redomoinhar nos ares durante as noites de verão, os homens encontram-se por acaso e por bem pouco. E muito felizes são se, no seu movimento rápido, tão destros como os mosquitos, não quebram as cabeças de encontro uns aos outros!

Uma noite, estava-me deitando. *Joannetti* servia-me com o seu zêlo ordinário, e parecia até mais atento.

(1) Este quarto era na cidade de Turim, e esta nova viagem foi feita pouco tempo depois da cidade ser tomada pelos Austro-Russos.

Quando levou a luz, fitei os olhos nêle, e vi uma alteração bem pronunciada na sua fisionomia. E, entretanto, eu podia lá imaginar que *Joannetti* que servia pela última vez? Não conservarei o leitor numa incerteza mais cruel do que a verdade. Prefiro dizer-lhe sem rodeios que *Joannetti* casou nessa mesma noite, e que me deixou no dia imediato.

Mas, não o acusem de ingratidão por ter abandonado seu amo tão bruscamente. Havia muito tempo que eu lhe conhecia a intenção, e tinha cometido o êrro de me opor. Um officioso veio pela manhã cêdo à minha casa trazer-me essa notícia, e tive tempo, antes de *Joannetti* me aparecer, de me zangar e de sossegar, o que lhe poupou as censuras que êle esperava. Antes de entrar no meu quarto, afetou falar alto para alguém desde a escada, a fim de me fazer crer que não tinha mêdo; e, armando-se com todo o descaramento que podia entrar numa boa alma como a sua, apresentou-se com ar deliberado. Vi-lhe imediatamente na cara tudo quanto se lhe passava na alma, e não lhe quis mal algum. Os maus gracejadores de hoje em dia têm de tal modo atemorizado as criaturas sôbre os perigos do casamento, que um recém-casado se assemelha muitas vêzes a um homem que acaba de dar uma queda espantosa sem lhe succeder mal algum e que está ao mesmo tempo perturbado de mêdo e de satisfação, o que lhe dá um ar ridículo.

Não era, pois, para admirar que as ações do meu fiel servidor se ressentissem da extravagância da sua situação.

“Com que então estás casado, meu caro *Joannetti*?” disse-lhe eu rindo. Ele não se tinha precavido senão contra a minha cólera, de modo que todos os seus preparativos foram perdidos. Recaiu de repente no seu estado ordinário, e talvez um pouco mais abaixo, porque se pôs a chorar. “Então, que quer, senhor! disse-me êle com a voz alterada; eu tinha dado a minha palavra”. “Não tens que te desculpar, fizeste muito bem, meu amigo; e desejo que tenhas sempre motivos para estar contente com tua mulher e contigo mesmo principalmente! desejo que tenhas filhos que se te assemelhem! temos, pois, de nos separar!” “É verdade, senhor; a nossa tenção é a de nos irmos estabelecer em Asti”. “E quando me deixas?” Neste ponto, *Joannetti* baixou os olhos de um modo embaraçado e respondeu dois tons mais baixo: “Minha mulher encontrou um carvoeiro da terra dela que se vai hoje embora com o carro vazio. Era boa ocasião; mas... entretanto... será quando o patrão quiser... que ainda assim uma ocasião destas não se apanha tão facilmente”. “Mas, então, já, tão depressa?” disse-lhe eu. Um sentimento de saudade e de afeição de envolta com uma forte dose de despeito fêz-me conservar o silêncio por um momento. “Não, de nenhum modo, respondi-lhe com bastante dureza, não te demoro mais; podes ir

embora já neste momento, uma vez que te faz arranjo". *Joannetti* descorou. "Sim, vai-te embora meu amigo, vai ter com tua mulher; e faz sempre por seres tão bom e tão honrado para ela como foste para comigo". Fizemos as nossas contas; disse-lhe adeus com tristeza; e elle saiu.

Aquêlê homem servia-me havia quinze anos. Um instante separou-nos. Nunca mais o tornei a ver.

Passeando no meu quarto, refletia naquella repentina separação. *Rosina* tinha seguido *Joannetti* sem êle dar por tal. Um quarto de hora depois, abriu-se a porta; *Rosina* entrou. Vi a mão de *Joannetti* que a empurrava para dentro do quarto; a porta tornou a fechar-se, e senti o coração confranger-se... Já não entra em minha casa! Alguns minutos bastaram para tornar estranhos um ao outro dois velhos companheiros de quinze anos. Ó triste, triste condição da humanidade, não poder nunca achar nem um único objeto estável, onde colocar a mínima das suas afeições!

CAPÍTULO IV

Rosina também vivia tão longe de mim. É fora de dúvida que saberás com algum interêsse, minha querida *Maria*, que na idade de quinze anos, era ella ainda um animal muito amável, e que a mesma superioridade de intelligência, que outrora a distinguia de

tôda a sua espécie, lhe servir igualmente para suportar o pêso da velhice. Por minha vontade, não me separaria dela nunca; mas, quando se trata da sorte dos amigos, deve-se consultar apenas o próprio prazer ou o próprio interêsse? O interêsse de Rosina era deixar a vida ambulante que levava comigo e saborear enfim nos seus velhos dias um repouso que o seu dono já não esperava. A sua avançada idade obrigava-me a fazê-la transportar para onde quer que eu fôsse. Entendi dever conceder-lhe os seus *Inválidos*. Uma religiosa beneficente encarregou-se de cuidar dela até aos seus últimos dias; e sei que nesse retiro gozou tôdas as vantagens que as suas boas qualidades, a sua idade e a sua reputação lhe tinham tão justamente merecido.

E visto que tal é a natureza dos homens, que a felicidade parece não ser feita para êles, pois que o amigo ofende o seu amigo sem querer, e os próprios amantes não podem viver sem questões e arrufos; finalmente, visto que, desde Licurgo até aos nossos dias, todos os legisladores têm sossobrado nos seus esforços para tornar feliz os homens, terei ao menos a consolação de ter feito a felicidade de um cão.

CAPÍTULO V

Agora, que já fiz conhecer ao leitor os últimos traços da história de *Joannetti* e de *Rosina*, resta-me apenas dizer uma palavra da alma e da bêsta para

estar perfeitamente em regra com êles. Estes dois personagens, sobretudo o último, não desempenharão um papel tão interessante na minha viagem. Um amável viajante que seguiu a mesma carreira que eu (2), é de opinião que devem estar fatigados. Ah! tem carradas de razão. Não é porque a minha alma tenha perdido coisa alguma da sua atividade, pelo menos tanto quanto ela a pode perceber; mas, as suas relações com a *outra* mudaram. Esta não tem já a mesma vivacidade nas suas réplicas; não tem já... como hei de explicar isto!... Ia dizer a mesma presença de espírito, como se uma bête a pudesse ter! Como quer que seja, e sem entrar numa explicação embaraçosa, direi simplesmente que, arrastado pela confiança que me testemunhava a jovem Alexandrina, eu lhe tinha escrito uma carta bastante terna, quando recebi dela uma resposta polida, mas fria, que terminava por êstes próprios termos: "Tenho a certeza, senhor, que conservarei sempre para consigo os sentimentos da mais sincera estima". Justo céu! exclamei imediatamente; eis-me perdido. Depois dêsse dia fatal, resolvi nunca mais apresentar a ninguém o meu sistema da alma e da bête. Consequentemente, sem fazer distinção entre êstes dois sêres e sem os separar, fá-los-ei passar, dando um dêles curso ao outro, como certos mercadores

(2) Refere-se à "*segunda viagem à roda do meu quarto*", por um anônimo, capítulo primeiro.

às suas mercadorias, e viajarei com êles conjuntamente, sem separações, para evitar todo inconveniente.

CAPÍTULO VI

Seria inútil falar das dimensões do meu novo quarto. Assemelha-se tanto ao primeiro, que qualquer pessoa se confundiria à primeira vista se, por uma precaução do arquiteto, o teto se não inclinasse obliquamente para o lado da rua, e não deixasse ao telhado a direção que exigem as leis da hidráulica para o esgotamento da chuva. Recebe a luz por uma abertura única de dois pés e meio de largo por quatro de alto, elevada seis a sete pés próximadamente acima do soalho e a que se chega subindo uns degraus.

A elevação da minha janela acima do chão é uma dessas circunstâncias felizes que podem ser igualmente devidas ao acaso ou ao gênio do arquiteto. A luz quase perpendicular que ela derramava no meu reduto dava a êste um aspecto misterioso. O antigo templo do Panteon recebe a luz quase do mesmo modo. Além disso, nenhum objeto do exterior podia distrair-me. Semelhante aos navegadores que, perdidos no vasto oceano, não vêem mais que céu e mar, também eu não via mais que o céu e o meu quarto, sendo os objetos externos mais próximos sôbre os quais se podiam fixar os meus olhares... a lua ou a estrêla da manhã o que me colocava numa relação imediata com o céu, e dava

aos meus pensamentos um vôo elevado que êles nunca poderiam ter se eu tivesse escolhido o meu quarto ao rés-do-chão.

A janella de que falei eleva-se sôbre o telhado formando uma graciosa trapeira; a sua altura sôbre o horizonte era tão grande, que quando os primeiros raios do sol vinham iluminá-la, ainda era escuro na rua. Dêste modo, eu gozava de uma das mais deliciosas vistas que é impossível imaginar. Mas, o panorama mais belo cansa-nos depressa, quando se vê muitas vêzes; os olhos habitua-se, e não se faz caso dêle. A situação da minha janella preservava-me também dêste inconveniente, porque eu não via nunca o magnífico espetáculo do campo de Turim, sem subir quatro ou cinco degraus, o que me proporcionava prazeres sempre vivos, porque eram poupados. Quando, fatigado, queria dar a mim mesmo uma agradável recreação, terminava o dia subindo à minha janella.

No primeiro degrau, não se via ainda senão o céu; em breve começava a aparecer o templo colossal de Superga (3). A colina de Turim, sôbre a qual êle assenta, subia a pouco e pouco diante de mim, coberta de arvoredos e de ricos vinhedos, oferecendo com orgulho ao sol poente os seus jardins e palácios, ao passo que as habitações simples e modestas pareciam como

(3) Igreja elevada pelo rei Vítor-Amadeu I, em 1706, em voto feito à Virgem, para que os Franceses levantassem o cerco de Turim. Serve de sepultura aos príncipes da casa de Sabóia.

que esconder-se nos seus vales, para servirem de retiro aos sábios e favorecerem-lhes as meditações.

Deliciosa colina! muitas vêzes, viste-me procurar os teus retiros solitários e preferir as tuas veredas afastadas aos passeios brilhantes da capital; muitas vêzes, perdido nos teus labirintos de verdura, atento ao canto da cotovia matinal, com o peito cheio de uma vaga inquietação e do desejo ardente de me fixar por tôda a vida nos teus vales encantados. Saúdo-te, colina, deliciosa! estás retratada no meu coração! Possa o orvalho celeste tornar, se é possível, mais férteis os teus campos e os teus bosques mais copados! Possam os teus habitantes gozar pacificamente a sua felicidade, e serem-lhe as suas sombras favoráveis e salutares! Possa finalmente a tua feliz terra ser sempre o confortável asilo da verdadeira filosofia, da ciência modesta, da amizade sincera e hospitaleira que eu aí encontrei!

CAPÍTULO VII

Comecei a minha viagem precisamente às oito horas da tarde. O tempo estava *tranquilo* e prometia uma formosa noite. Tinha tomado as minhas precauções para não ser perturbado com visitas, que são raríssimas na altura em que eu morava e sobretudo nas circunstâncias em que estava então, e para poder estar só até à meia noite. Quatro horas eram de sobejo para a execução da minha empresa, visto não querer fazer

desta vez senão uma simples excursão à roda do meu quarto. Se a primeira viagem durou quarenta e dois dias, foi porque não estive na minha mão torná-la mais curta. Também me não quis sujeitar a viajar muito de carruagem, como da outra vez, por estar persuadido que um viajante pedestre vê muitas coisas que passam desapercibidas ao que vai na mala-posta. Resolvi, portanto, ir alternativamente, e segundo as circunstâncias, a pé ou a cavalo: novo método que ainda não fiz conhecer e de que em breve se há-de ver a utilidade. Finalmente, resolvi tomar apontamentos no caminho, e escrever as minhas observações à medida que as fôsse fazendo, para nada me esquecer.

A fim de estabelecer ordem na minha empresa, e de lhe dar uma nova probabilidade de êxito, entendi que era preciso começar por compor uma epístola dedicatória e escrevê-la em verso para torná-la mais interessante. Mas, dificuldades embaraçaram-me e determinaram-me a renunciar a essa idéia, apesar de toda a vantagem que esperava tirar dela. A primeira era a de saber a quem havia de dirigir a epístola, a segunda como teria de me haver para fazer versos. Depois de ter maduramente refletido no caso, não tardei em compreender que era razoável, em primeiro lugar, fazer a minha epístola o melhor que pudesse, e procurar em seguida alguém a quem ela pudesse convir. No mesmo instante, pus mãos à obra, e trabalhei durante mais de uma hora, sem poder atinar com uma rima para o primeiro verso que tinha feito e que desejava

conservar, porque me parecia ter saído bastante feliz. Lembrei-me, então, muito a propósito de ter lido, em qualquer parte, que o célebre Pope (4), não compunha nunca coisa interessante sem ser obrigado a declamar muito tempo em voz alta, e a agitar-se em todos os sentidos no seu gabinete para excitar a veia. No mesmo instante, tratei de imitá-lo. Peguei nas poesias de Ossian e recitei-as em voz alta, ao mesmo tempo que passeava a grandes pernadas para me guindar até ao entusiasmo.

Com efeito, vi que este método exaltava insensivelmente a minha imaginação e me dava um sentimento secreto de capacidade poética, que teria certamente aproveitado compor com bom êxito a minha epístola dedicatória em verso, se por desgraça me não tivesse esquecido da obliquidade do teto, a qual com o seu rápido descimento impediu que a minha cabeça pudesse ir tanto adiante como os meus pés na direção que eu havia tomado. Bati com tal força com a testa naquela maldito tabique, que o próprio telhado da casa estremeceu: os pardais que dormiam nos intervalos das telhas voaram espantados, e eu, com a violência do choque, recuei três passos.

(4) Refere-se a Alexandre Pope, poeta clássico inglês, falecido no século XVIII. (Nota do "Clube do Livro").

CAPÍTULO VIII

Enquanto assim andava passeando para excitar a minha veia, uma mulher nova e bonita que morava por baixo do meu andar, admirada do barulho que eu estava fazendo, e julgando talvez que era algum baile que se dava no meu quarto, mandou o marido aqui informar-se da causa do motim. Achava-me ainda atordoado com a pancada recebida, quando a porta se entre-abriu. Um homem idoso, de cara melancólica, avançou a cabeça, e percorreu todo o quarto com os seus olhares curiosos. Quando a surpresa de me ver só lhe consentiu que falasse: “Minha mulher está com enxaqueca, senhor, disse-me êle com expressão de zanga. Dê-me licença, portanto, para lhe observar que...” Imediatamente o interrompi, e o meu estilo ressentiu-se da elevação a que tinham chegado os meus pensamentos: “Respeitável mensageiro da minha bela vizinha, disse-lhe eu na linguagem dos bardos, porque brilham assim os teus olhos sob os espessos cílios, como dois meteoros na floresta negra de Cronla? É a tua formosa companheira um raio de luz, e mil vêzes eu desejaria morrer primeiro, do que perturbar o seu repouso mas, o teu aspecto, ó respeitável mensageiro!... o teu aspecto é sombrio como a abóbaba mais remota da caverna de Camora, quando as nuvens acumuladas da tempestade obscurecem a

face da noite, e pesam sôbre as campinas silenciosas de Morven”.

O vizinho que, aparentemente, nunca tinha lido as poesias de Ossian (5), tomou, fora de propósito, o acesso de entusiasmo que me animava por um acesso de loucura, e pareceu ficar bastante embaraçado. Como a minha intenção não era ofendê-lo, ofereci-lhe uma cadeira, e pedi-lhe que se sentasse, mas vi que se retirava mansamente, persignando-se e dizendo a meia voz: “*É matto, per Bacco, é matto!*” (6).

CAPÍTULO IX

Deixei-o sair sem querer profundar até que ponto tinha fundamento a sua observação, e sentei-me à minha secretária para tomar nota dêstes acontecimentos, como sempre faço; mas, apenas tinha aberto uma gaveta, onde esperava encontrar papel, imediatamente a fechei, perturbado por um dos sentimentos mais desagradáveis que se podem experimentar, o do amor próprio humilhado.

A espécie de surpresa que me tomou nesta ocasião só a comparo à que pode ter um viajante sequioso, quando, ao aproximar os lábios de uma fonte límpida, vê no fundo da água uma rã a contemplá-lo. Pois o que

(5) Ossian, herói e grande poeta irlandês do séc. III. (Nota do “Clube do Livro”).

(6) “*E’ louco, por Baco, é louco.*” (Nota do “Clube do Livro”).

vi não era mais do que as molas e o esqueleto de uma pomba artificial que, seguindo o exemplo de Architas eu outrora me tinha proposto a fazer voar nos ares.

Durante mais de três meses, sem descanso, me tinha aplicado à sua construção. Quando chegou o dia da experiência, coloquei-a à borda de uma mesa, depois de ter cuidadosamente fechado a porta, a fim de manter a descoberta secreta e causar uma surpresa amável aos meus amigos. Um fio mantinha imóvel o mecanismo. Quem poderia imaginar as palpitações do meu coração e as angústias do meu amor próprio, quando aproximei a tesoura para cortar a linha fatal?... Zut!... solta-se a mola da pomba e desenrola-se com barulho. Levanto os olhos para a ver passar; mas, depois de ter dado algumas voltas sôbre si mesma, cai e vai esconder-se debaixo da mesa! Rosina, que estava ali dormindo, foi-se afastando tristemente. Rosina, que nunca viu nem galinha, nem pombo, nem o mais pequeno pássaro, sem os atacar e perseguir, nem sequer condescendeu em olhar para a minha pomba a debater-se no chão... Foi êsse o golpe de misericórdia no meu amor próprio. Saí, e fui à janela tomar a fresca.

CAPÍTULO X

Tal foi a sorte da minha pomba artificial. Enquanto o gênio da mecânica a destinava a seguir a

água nos céus, o destino dava-lhe inclinações de toupeira.

Andava eu a passear triste e desalentado, como se fica sempre depois duma grande esperança desiludida, quando, levantando os olhos, avistei um bando de groux que voavam por cima da minha cabeça. Parei para examiná-los. Avançavam em ordem triangular, como a coluna inglêsa na batalha de Fontenoy. Via-os atravessarem o céu, de nuvem para nuvem. "Oh! como voam bem! dizia eu comigo; com que segurança parecem deslizar sôbre o trilho invisível que percorrem!" E, perdoem-me a confissão pela sinceridade dela: o horrível sentimento da inveja entrou uma vez, uma vez só no meu coração, e entrou por motivo duns groux. Segui-os com os meus olhares ciosos até aos confins do horizonte. Muito tempo, imóvel no meio da multidão que passeava, estive observando o movimento rápido das andorinhas, e espantava-me de as ver suspensas nos ares, como se nunca tivesse visto um tal fenómeno. Iluminava-me a alma o sentimento de uma admiração profunda, até então para mim desconhecida. Julgava estar vendo a natureza pela primeira vez. Ouvia com surprêsa o zumbir das moscas, o cantar das aves, e êsse barulho misterioso e confuso da criação viva que celebra involuntariamente o seu autor. Concerto inefável, ao qual só o homem tem o privilégio sublime de poder juntar hinos de reconhecimento! "Quem é o autor dêste brilhante mecanismo?" exclamei eu, no transporte que me animava. Quem

é aquêlê que, abrindo a sua mão criadora, soltou nos ares a primeira andorinha? Aquêlê que deu ordem a estas árvores para sairem da terra e levantarem para o céu os seus ramos? E tu, que avanças majestosamente debaixo da sombra delas, criatura deslumbrante, cujas feições impõem respeito e amor, quem te colocou sôbre a terra para a embelezares? Que pensamento foi o que desenhou as tuas formas divinas e que teve poder bastante para criar o sorriso e o olhar da beleza inocente?... E eu mesmo, que sinto palpitár o meu coração... qual é o fim da minha existência? Que sou, e donde venho, eu, o autor da pomba artificial centrípeta?..." Apenas acabei de pronunciar esta palavra bárbara, voltei de repente a mim, como um homem a quem, estando a dormir, tivessem deitado um balde d'água em cima, e reparei que muita gente me tinha rodeado para me examinar, enquanto o meu entusiasmo me fêz estar falando sòzinho. Vi, então, a formosa Geórgina que me precedia de alguns passos. Metade da sua face esquerda, carregada de vermelho, e que eu entrevia através dos cachos da sua cabeleira loura, acabou de me pôr ao corrente dos negócios dêste mundo, donde tinha por alguns momentos feito uma pequena ausência.

CAPÍTULO XI

Logo que me restabeleci um pouco da confusão em que me tinha lançado o aspecto da minha pomba

artificial, fêz-se sentir com bastante energia a dor da contusão que tinha recebido. Passei a mão pela testa, e reconheci existir nela uma nova protuberância, precisamente naquele ponto da cabeça onde o Doutor Gall colocou a protuberância poética. Mas, então, não pensei nisso, e só a experiência me devia demonstrar a verdade do sistema daquele homem célebre.

Depois de me ter recolhido alguns momentos para fazer um último esforço a favor da minha epístola dedicatória, peguei num lápis e meti mãos à obra. Qual não foi o meu espanto!... os versos corriam por si mesmos debaixo da pena; enchi dêles duas páginas em menos duma hora, e conclui desta circunstância que se o movimento era necessário à cabeça de Pope para compor versos, nada menos que uma cabeçada era preciso para fazer sair da minha. Contudo, não direi aos leitores os que então fiz, porque a rapidez prodigiosa com que se sucediam as aventuras da minha viagem impediu-me que lhes desse a última demão. Apesar desta reticência, é fora de dúvida que se deve considerar o acidente que me sucedeu como uma descoberta preciosa e de que os poetas deverão fazer bastante uso.

Estou efetivamente tão convencido da infalibilidade dêste novo método, que, no poema em vinte e quatro cantos que depois disso compus e que há-de ser publicado com *A Prisioneira de Pignerol* (7), não achei

(7) O autor parece ter renunciado depois a publicar a *Prisioneira de Pignerol*, por esta obra pertencer exclusivamente ao gênero do romance.

necessário até agora principiar os versos; mas, já passei a limpo quinhentas páginas de notas, que formam, como se sabe, todo o merecimento e todo o volume da maior parte dos poemas modernos.

Como estava pensando profundamente nas minhas descobertas e passeando no quarto, succedeu encontrar a cama, na qual me sentei, e como a mão pousou por acaso em cima do meu barrete de dormir, tomei o partido de o enfiar na cabeça e deitei-me.

CAPÍTULO XII

Havia um quarto de hora que estava na cama, e, contra o meu costume, não dormia ainda. À idéia da minha epístola dedicatória tinham succedido as reflexões mais tristes: a luz, que estava quase a acabar, lançava apenas um clarão inconstante e lúgubre do fundo do castiçal, e o quarto tinha o aspecto de um túmulo. Uma rajada de vento abriu a janela de repente, apagou a vela, e fechou a porta com violência. A côr negra dos meus pensamentos aumentou com a escuridão.

Todos os meus prazeres passados, tôdas as minhas mágoas presente vieram fundir-se a um tempo no meu coração, e encheram-me de saudades e amargura.

Apesar de fazer esforços contínuos para esquecer as minhas penas e baní-las do pensamento, succede-me algumas vêzes, quando não estou precavido, entrarem tôdas ao mesmo tempo na minha memória, como se

lhes abrissem uma adufa. Não me resta outro partido nessas ocasiões senão o de me abandonar à torrente que me arrasta, e as minhas idéias tornam-se então de tal modo negras, todos os objetos me parecem tão lúgubres, que acabo ordinariamente a rir da minha loucura; de maneira que o remédio se encontra na própria violência do mal.

Eu estava ainda em tôda a fôrça duma destas crises melancólicas, quando uma parte da rajada de vento que me abrira a janela e de passagem fechara a porta, depois de ter dado algumas voltas no quarto, folheado os meus livros e atirado ao chão uma fôlha volante da minha viagem, entrou finalmente nos cortinados da cama, e veio morrer na minha face. Senti a suave frescura da noite, tomando isto como um convite da sua parte, levantei-me imediatamente, e fui para cima da minha escada gozar a tranquilidade da natureza.

CAPÍTULO XIII

O tempo estava sereno: a via láctea, como uma nuvem ligeira, dividia o céu ao meio; de cada estrêla, partia um raio suave que vinha até mim, e quando examinava uma delas atentamente, parecia-me que as suas companheiras cintilavam com mais viveza para me atraírem os olhares.

É um encanto sempre novo para mim o de contemplar o céu estrelado, e não tenho que me acusar de

ter feito uma única viagem, nem mesmo dado um simples passeio noturno, sem pagar o tributo de admiração que devo às maravilhas do firmamento. Apesar de sentir tôda a impotência do meu pensamento nestas altas meditações, encontro um prazer inexprimível em me ocupar delas. Gosto de pensar que não é o acaso que conduz até aos meus olhos esta emanção dos mundos remotos, e cada estrêla derrama com a sua luz um raio de esperança no meu coração.

Pois quel tôdas essas maravilhas não teriam outra relação comigo senão a de brilharem diante dos meus olhos? E o meu pensamento que sobe até aonde elas estão, o meu coração que se emociona ao seu aspecto, ser-lhes-iam estranhos? . . .

Espectador efêmero de um espetáculo eterno, o homem levanta um instante os olhos para o céu, e fecha-os para sempre; mas durante êsse instante rápido que lhe é concedido, de todos os pontos do céu e desde os confins do universo, um raio consolador parte de cada mundo, e vem ferir-lhe os olhares, para lhe anunciar que existe uma relação entre a imensidade e êle, e que está associado à eternidade.

CAPÍTULO XIV

Um sentimento desagradável perturbava contudo o prazer que eu sentia, quando me entregava a estas meditações. Quão poucas pessoas, dizia eu, gozam ago-

ra comigo o espetáculo sublime que o céu ostenta inutilmente para os homens adormecidos! . . . Desculpemos ainda aquêles que dormem; mas, que custaria aos que andam passeando, aos que em turba saem do teatro, olhar um momento e admirar as brilhantes constelações que de tôdas as partes irradiam sôbre as suas cabeças? Não, os espectadores atento de Scapin ou de Jocrisse não se dignarão levantar os olhos; vão entrar brutalmente em suas casas, ou em outra parte, sem sonharem que o céu existe. Que excentricidade! . . . porque o podem ver muitas vêzes e de graça, não fazem caso dêle. Se o firmamento estivesse sempre velado para nós, se o espetáculo que êle nos oferece dependesse de um empresário, as primeiras poltronas em cima dos telhados teriam um preço extraordinário, e a minha trapeira havia de se disputada pelas damas de Turim.

“Oh! se eu fôsse soberano dum país, exclamei, tomado de justa indignação, havia de fazer tôdas as noites tocar os sinos, e obrigaria os meus vassallos de tôdas as idades, de todos os sexos e de tôdas as condições, a chegar às janelas e a olhar para as estrêlas”. Neste ponto, a razão, que, no meu reino, tem um direito muito contestado de reclamante foi contudo mais feliz que de costume nas representações que me apresentou a propósito do decreto inconsiderado que eu tencionava proclamar nos meus Estados. “Senhor, disse-me ela, vossa majestade não se dignaria abrir uma excepção a favor das noites chuvosas, visto como, neste caso, es-

tando o céu coberto...” “Está bom, está bom, respondi; não tinha pensado nisso: abrir-se-á uma excepção a favor das noites chuvosas”. “Senhor, acrescentou ela, creio que seria muito razoável exceptuar também as noites serenas, quando o frio é excessivo e sopra o nordeste, porque a execução rigorosa do decreto encheria os vossos ditosos súditos de defluxos e catarros”. Começava a ver muitas dificuldades na execução do meu projeto; mas, estava-me custando retroceder. “Bem, disse eu, é preciso escrever ao Conselho de Medicina e à Academia das Ciências para fixarem o grau do termómetro centígrado em que os meus vassallos poderão ser dispensados de chegar à janela mas quero, exijo absolutamente que a ordem seja executada com rigor”. “E, os doentes, Senhor?” “Esses, está bem de ver; estão exceptuados por sua natureza: a humanidade antes de tudo”. “Se eu não tivesse receio de fatigar vossa majestade, ainda lhe faria observar que se poderia (no caso em que vossa majestade o julgasse a propósito e isto não apresentasse grandes inconvenientes) acrescentar também uma excepção a favor dos cegos, porque, estando privados do órgão da vista...” “E então, ainda há mais alguém?” interrompi, com mau humor. “Perdão, Senhor; mas os amantes? O coração amoroso de vossa majestade teria ânimo de constrangê-los a olhar também para as estrêlas?” “Está bom, está bom, disse o rei; ponhamos isto de parte; havemos de pensar com

mais sossêgo. Há-de apresentar-me um relatório circunstanciado a êste respeito”.

Meu Deus!... meu Deus!... como é preciso refletir tanto antes de publicar um simples decreto de policial!

CAPÍTULO XV

As estrêlas mais brilhantes nunca foram as que eu contemplo com mais prazer; as menores, as que, perdidas num afastamento incomensurável, não aparecem senão como pontos imperceptíveis, foram sempre as minhas estrêlas favoritas. A razão é bem simples; conceber-se-á fâcilmente que fazendo percorrer à minha imaginação tanto caminho para o outro lado da esfera em que estão situadas, quanto o que os meus olhates percorreram desse lado para chegar até elas, acho-me transportado sem esforço a uma distância, onde poucos viajantes têm chegado antes de mim, e admiro-me, encontrando-me lá, de não estar ainda senão no comêço dêste vasto universo: porque seria ridículo, creio, pensar que existe uma barreira, além da qual principia o nada, como se o nada fôsse mais fácil de conceber do que a existência! Depois da última estrêla, imagino ainda outra, a qual também não pode ser a última. Marcando limites à criação, por mais afastados que sejam, o universo já me não aparece senão como um ponto luminoso, comparado com a imensidade do espaço vazio que o rodeia, com êste

horroroso e escuro nada, no meio do qual êle estaria suspenso como uma lâmpada solitária.

Aqui, tapei os olhos com as duas mãos, para afastar de mim tôda espécie de distração, e dar às minhas idéias a profundidade que um tal assunto exige; e, fazendo um esforço de cabeça sobrenatural, compus um sistema do mundo, o mais completo que até hoje tem aparecido. Ei-lo com todos os seus pormenores; é o resultado das meditações da minha vida inteira. "Creio que sendo o espaço..." Mas, isto merece um capítulo à parte; e, vista a importância da matéria, será êle o único da minha viagem a que porei título.

CAPÍTULO XVI

SISTEMA DO MUNDO

Creio, pois, que sendo o espaço infinito, a criação também o é, e que Deus criou na sua eternidade uma infinidade de mundos na imensidade do espaço.

A concepção de Xavier de Maistre acêrca da formação dos mundos, embora realizada há tanto tempo, quando os recursos científicos eram pequeníssimos, exprime a verdade científica contemporânea, pois já devassamos o infinito até à nebulosa de Andrômeda, que está a 930.000 anos-luz da terra e provamos estar o infinito povoado sucessivamente por galáxias ou universos-ilhas. Com o novo telescópio de Monte Palomar, na Califórnia, cujo espelho refletor tem 5 metros de diâmetro e seu tubo 18 metros de comprimento, poderemos ver, dentro em pouco, duas vêzes mais além das distâncias cósmicas atualmente vistas e saber se, realmente, o espaço é infinito, como o sonhava Xavier de Maistre. (Nota do "Clube do Livro").

CAPÍTULO XVII

Contudo, devo confessar de boa fé que não compreendo nada melhor que o meu sistema entre todos os outros sistemas nascidos até hoje da imaginação dos filósofos antigos e modernos; mas o meu tem a vantagem preciosa de estar contido em três linhas, apesar de ser enorme como é. O leitor indulgente terá a bondade de observar também que êle foi inteiramente composto no cimo duma escada. Tê-lo-ia, entretanto, embelezado com anotações e comentários, se no momento em que eu estava mais intensamente ocupado com o meu assunto, não tivesse sido distraído por uns sons deliciosos que vieram impressionar agradavelmente o meu ouvido. Uma voz como nunca ouvi outra tão melodiosa, sem exceptuar mesmo a de *Zeneida*, uma dessas vozes que estão sempre em unísono com as fibras do meu coração, cantava muito perto de mim uma "romanza" de que não perdi nem uma palavra e que jamais sairá da minha memória. Escutando com atenção, descobri que a voz partia duma janela mais abaixo da minha: infelizmente, não podia vê-la, porque o rebodo do telhado, acima do qual a minha trapeira se erguia, ocultava-a dos meus olhos. Todavia, o desejo de ver a sereia que me encantava com os seus acordes aumentava à proporção do encanto da "romanza", cujas palavras tocantes teriam arrancado lágrimas ao ente mais insensível. Dentro

em pouco, não podendo resistir mais à minha curiosidade, subi até ao último degrau, pus um pé na beira do telhado, e agarrando-me com uma das mãos ao umbral da janela, suspendi-me dêsse modo sôbre a rua, com grande risco de precipitar-me.

Vi, então, numa varanda, à minha esquerda, um pouco abaixo de mim, uma mulher nova, de roupão branco; apoiava na mão a cabeça formosa, inclinanda suficiente para deixar entrever, à luz dos astros, o mais interessante perfil, e a sua atitude parecia imaginada para apresentar em todo o seu esplendor, a um viajante aéreo como eu, um busto esbelto e bem contornado; um dos seus pés descalço, puxado negligentemente para trás, estava pôsto de modo que me era possível, apesar da escuridão, presumir-lhe as felizes dimensões, ao passo que uma bonita chinelinha, do qual êle estava separado, as determinava melhor ainda ao meu olhar curioso. Deixo-te imaginar, minha querida Sofia, qual era a violência da minha atitude. Não me atrevia a fazer a mínima exclamação, com mêdo de assustar a minha formosa vizinha, nem o mínimo movimento, com mêdo de cair à rua. Contudo, sempre me escapou um suspiro contra vontade; mas, ainda tive tempo de lhe suster metade; o resto foi levado por um zéfiro que ia passando, e tive todo o vagar para examinar a sonhadora, sustido naquela posição perigosa pela esperança de a ouvir cantar outra vez ainda. Mas, ai de mim! a sua "romanza" estava acabada, e o

meu mau destino fêz-lhe guardar o mais teimoso silêncio. Por fim, depois de ter esperado muito tempo, julguei poder arriscar-me a dirigir-lhe a palavra: tratava-se, apenas, de achar um cumprimento digno dela e dos sentimentos que me tinha inspirado. Oh! como lastimei então não ter terminado a minha epístola dedicada em verso! como eu a teria colocado a propósito nesta ocasião! A minha presença de espírito não me abandonou no apêrto. Inspirado pela doce influência dos astros e pelo desejo mais poderoso ainda de fazer boa figura perante uma beleza, depois de ter tossido ligeiramente, para a prevenir e para tornar mais brando o som da minha voz: "Está uma noite muito bonita", disse-lhe eu no tom mais afetuoso que me foi possível.

CAPÍTULO XVIII

Parece-me estar ouvindo daqui Madame de Hautcastel, que me não desculpa nada, pedir-me explicações da "romanza" de que falei no capítulo precedente. Pela primeira vez na minha vida, encontro-me na dura necessidade de lhe recusar alguma coisa. Se eu inscrisse êsses versos na minha viagem, não deixaria de haver quem me supusesse autor dêles, o que me havia de atrair, sôbre a necessidade das cabeçadas, mais de um epigrama mordaz que quero evitar. Continuarei, portanto, a relação da minha aventura com a minha amável vizinha, aventura cuja catástrofe inesperada,

assim como a delicadeza com que eu a conduzi, são do verdadeiro gênero que deve interessar tôdas as classes de leitores. Mas, antes de saber o que ela me respondeu, e como foi recebido o cumprimento engenhoso que lhe dirigi, devo responder de antemão a certas pessoas que se julgam mais eloquentes do que eu, e que me hão-de condenar impiedosamente por ter principiado a conversar de um modo tão trivial sob o seu ponto de vista. Provar-lhes-ei que, se eu tivesse feito espírito nesta ocasião importante, teria faltado abertamente às regras da prudência e do bom gosto. Todo homem que entra em conversa com uma mulher bela, dizendo-lhe uma frase espirituosa ou fazendo um cumprimento, por muito lisonjeiro que êste possa ser, deixa entrever pretensões que não devem aparecer senão quando principiam a ser fundadas. Além disso, se faz espírito, é evidente que pretende brilhar, e consequentemente que pensa menos na sua bela do que em si próprio. Ora, as mulheres querem que se ocupem delas; e embora não façam sempre exatamente as mesmas reflexões que acabo de escrever, possuem um bom senso delicado e natural o qual lhes diz que uma frase trivial, dita só pelo motivo de entabular conversa e de nos aproximarmos dela, vale mil vêzes mais do que um dito de espírito inspirado pela vaidade, e mais ainda (isto há-de parecer espantoso) do que uma epístola dedicatória em verso. Mais ainda, sustento (mesmo que tomem êste meu sentir à conta de paradoxo), que êste espírito li-

geiro e brilhante da conversação não é mesmo necessário na ligação mais longa, se foi verdadeiramente o coração que a formou; e, apesar de tudo quanto as pessoas que só têm tido meias paixões possam dizer dos longos intervalos que deixam entre si os sentimentos vivos do amor e da amizade, o dia é sempre curto quando o passamos ao lado da nossa boa amiga, e o silêncio é tão interessante como a discussão.

Digam, porém, o que quiserem à minha dissertação, o que é certíssimo é que não achei nada melhor para dizer à beira do telhado em que me encontrava, do que as palavras em questão. Ainda mal as havia pronunciado, e logo a minha alma se transportou tôda inteira aos tímpanos dos meus ouvidos para apanhar até a mínima entoação dos sons que eu esperava ouvir. A formosa vizinha levantou a cabeça para me ver! Os seus longos cabelos desenrolaram-se como um véu, e serviram de fundo a um rosto encantador, que refletia a luz misteriosa das estrêlas. Já a sua bôca estava entreaberta, as suas meigas palavras encaminhavam-se-lhe para os lábios... Mas, ó céus! Qual não foi a minha surpresa e o meu terror!... Ouviu-se, um barulho sinistro: "Que está fazendo aí, senhora? A esta hora? Venha para dentro!" disse uma voz máscula e cheia no interior do quarto.

Fiquei petrificado.

CAPÍTULO XIX

Tal deve ser o barulho que há-de espantar os culpados, quando se abrem de repente diante dêles as portas abrasadas do Tártaro; ou tal ainda deve ser a que fazem, sob as abóbadas infernais, as sete cataratas do Styge, de que os poetas se esqueceram de falar (7).

CAPÍTULO XX

Uma estrêla cadente atravessou neste momento o céu e desapareceu quase de repente. Os meus olhos, que a claridade do meteoro tinha atraído um instante, voltaram de novo a fixar-se na varanda, onde não viram mais nada senão a chinelinha. A nuíha vizinha, com a precipitação da sua retirada, ti-

(7) Na mitologia grega, o Styge é o rio dos infernos. O verdadeiro Styge chama-se, hoje, "Mavro-Nero" (A água Negra ou "Drako-Nero" (a água do Dragão). É uma torrente do norte da Arcádia que, depois de ter desaparecido por algum tempo debaixo da penedia, corre numa garganta pitoresca a este de Kalavryta. A sua água gelada, de reflexos enegrecidos, inspira ainda aos aldeões terror supersticioso. Já nos poemas homéricos, o Styge é considerado como rio infernal. Nas suas margens, erravam durante cem anos os fantasmas dos que não fôsssem sepultados, segundo mandavam os ritos; uma vez atravessado o rio infernal, não se podia regressar. A água do Styge tornava invulnerável quem nela fôsse mergulhado e foi o caso de Aquiles que não teria sido morto se sua mãe, para o mergulhar nessa água, não o houvesse agarrado pelos calcanhares. — (Nota do "Clube do Livro").

uha-se esquecido de levá-la. Contemplei muito tempo aquêlé bonito molde de um pé digno do einzel de Praxiteles, com uma comoção de que não ousaria confessar tôda a fôrça; mas, embora isto pareça bastante singular, e eu não possa explicá-lo a mim mesmo, o que é fato é que um encanto invencível me impedia de afastar dali os meus olhares, apesar de todos os esforços que fazia para os fitar em outros objetos.

Conta-se que, quando uma serpente fita com os olhos um rouxinol, a ave infeliz, vítima de um encanto irresistível, é obrigada a aproximar-se do réptil voraz. As suas asas rápidas apenas lhe seivem para a conduzir à sua perda e cada esforço que faz para se afastar a aproxima do inimigo que a persegue com o seu olhar inevitável.

Tal era sôbre mim o efeito daquela chinela, sem contudo eu poder dizer com certeza qual dos dois, a chinela ou eu, era a serpente, visto como, segundo as leis da física, a atração devia ser recíproca. É certo que esta influência funesta não era um ludíbrio da minha imaginação. Eu era tão realmente e tão fortemente atraído, que por duas vêzes estive a ponto de largar a mão e de me deixar cair. Contudo, como a varanda para onde eu queria ir não ficava exatamente por baixo da minha janela, mas sim um pouco ao lado, vi perfeitamente que a fôrça de gravitação inventada por Newton vindo a combinar-se com a atração oblíqua da chinela me fariam seguir na minha

queda uma diagonal, de modo que eu iria cair em cima de uma guarita que, da altura em que eu estava, me não parecia maior que um ôvo, e assim erraria totalmente o meu alvo. . . Agarrei-me, pois, com mais fôrça ainda à janela, e, fazendo um esforço de resolução, consegui levantar os olhos e olhar para o céu.

CAPÍTULO XXI

Teria muita dificuldade em explicar e definir exactamente a espécie de prazer que experimentava nesta circunstância. Tudo o que posso afirmar, é que êsse prazer não tinha nada de comum com aquêlê outro que me fizera sentir, alguns momentos mais cêdo, o aspecto da via láctea e do céu estrelado. Todavia, como nas situações mais embaraçosas da minha vida sempre gostei de compreender o que se passa na minha alma, quis nessa ocasião fazer uma idéia bem nítida do prazer que pode sentir um homem de bem, quando contempla a chinela de uma dama, comparado com o prazer que lhe faz sentir a contemplação das estrêlas. Para êste efeito, escolhi no céu a constelação mais aparente. Era, se me não engano, a cadeira de Cassiopéia que ficava por cima da minha cabeça, e pus-me a olhar alternadamente a constelação e a chinela, a chinela e a constelação. Vi então que estas duas sensações eram de natureza inteiramente diferente: uma estava na minha cabeça, ao passo que

a outra me parecia ter a sua sede na região do coração. Mas, o que não confessarei sem sentir algum pejo, é que a atração que me puxava para a chinela encantada absorvia tôdas as minhas faculdades. O entusiasmo que me tinha causado, algum tempo antes, o aspecto do céu estrelado não existia já senão com muito pouca energia, e em breve desapareceu completamente, quando ouvi abrir-se a janela que deitava para a varanda e distingui um pé pequenino, mais branco que alabastro, a avançar delicadamente e a apanhar a chinelinha. Quis, então, falar; mas, não tendo tido tempo para me preparar como da primeira vez, não tornei a encontrar a minha ordinária presença de espírito, e ouvi a janela fechar-se antes de eu ter imaginado qualquer coisa que fôsse conveniente dizer.

CAPÍTULO XXII

Os capítulos precedentes bastarão, segundo espero, para responder vitoriosamente a uma recriminação de *Madame de Hautcastel* a qual não teve escrúpulos de denegrir a minha primeira viagem, com o pretexto de não haver nela ocasião para o amor. A esta nova viagem, já ela não poderia fazer a mesma censura; e, ainda que a minha aventura com a minha amável vizinha não tenha ido muito longe, posso assegurar que encontrei nela mais satisfação do que em mais do que outra circunstância, em que tinha ima-

ginado ser muito feliz, por falta de objeto de comparação. Cada qual goza a vida a seu modo; mas, eu julgaria faltar ao que devo à benevolência do leitor, se lhe deixasse ignorar uma descoberta que, mais do que qualquer outra coisa contribuiu até aqui para o minha felicidade (com a condição, bem entendido, disto ficar entre nós); porque não se trata de nada menos do que de um novo método de amar, muito mais vantajoso do que o precedente, sem ter nenhum dos seus inconvenientes numerosos. Como esta invenção é especialmente destinada às pessoas que quiserem adotar o meu novo modo de viajar, creio dever consagrar alguns capítulos à sua instrução.

CAPÍTULO XXIII

Eu tinha observado, no decurso da minha vida, que, quando estava apaixonado, segundo o método ordinário, as minhas sensações não correspondiam nunca às minhas esperanças, e a minha imaginação via-se desiludida em todos os seus planos. Refletindo nisto com atenção, pensei que, se me fôsse possível estender o sentimento que me leva ao amor individual sôbre todo o sexo objeto dêle, conquistaria novos gozos, sem nenhum modo comprometer-me. Que censura, efetivamente, se poderia fazer a um homem que fôsse provido de um coração bastante enérgico para amar tôdas as mulheres amáveis do universo?

Sim, minha senhora, amo-as tôdas, e não sòmente aquelas que conheço ou que espero encontrar, mas tôdas as que existem sòbre a superfície da terra. Mais ainda, amo tôdas as mulheres que existiram e as que hão-de existir, sem contar um número muito maior ainda que a minha imaginação tira do nada: tôdas as mulheres possíveis, finalmente, estão compreendidas no vasto círculo das minhas afeições.

Por quê injusto e extravagante capricho havia eu de encerrar um coração como o meu nos limites apertados de uma sociedade? Que digo! Por quê havia de circunscrever o seu vôo aos limites de um reino ou mesmo de uma república?

Sentada ao pé de um carvalho batido pela tempestade, uma jovem viúva indiana casa os seus suspiros com o bramir dos ventos desencadeados. As armas do guerreiro que ela amava estão suspensas sòbre a sua cabeça, e o som lúgubre que fazem ouvir, quando batem umas contra as outras, traz-lhe ao coração a lembrança da sua felicidade passada. Entretanto, o raio sulca as nuvens, e a luz lívida dos relâmpagos reflete-se nos seus olhos imóveis. Enquanto a fogueira que deve consumi-la se ergue, só, sem consolação, no pasmo do desespêro, ela espera uma horrorosa morte, que um preconceito cruel lhe faz preferir à vida.

Que melancólico e doce gôzo não é o do homem sensível que se aproxima dessa *infeliz* para a conso-

lar! Enquanto sentado sôbre a relva, ao lado dela, procuro dissuadí-la do horrível sacrifício, e que, misturando os meus suspiros com os seus e as minhas lágrimas com as suas lágrimas, procuro distraí-la das suas dôres, tôda a cidade corre a casa de *Madame d'A...*, cujo marido acaba de morrer de uma apoplexia. Resolvida, também, a não sobreviver à sua desgraça, insensível às lágrimas e aos rogos dos seus amigos, deixa-se morrer de fome; e desde esta manhã, em que imprudentemente lhe vieram dar aquela notícia, a infeliz ainda não comeu senão um biscoito, e não bebeu senão um cálice de vinho de Málaga. Não dou a esta mulher desolada senão a simples atenção necessária para não infringir as leis do meu sistema universal, e depressa me afasto de sua casa, porque sou naturalmente ciumento, e não quero comprometer-me com uma afinidade de consoladores, nem com as pessoas excessivamente fáceis de consolar.

As belezas infelizes têm particularmente direitos sôbre o meu coração, e o tributo de sensibilidade que lhes devo não diminui o interêsse que consagro às que são felizes. Esta disposição varia os meus prazeres até ao infinito, e permite-me passar alternadamente da melancolia para a alegria e de um repouso sentimental para a exaltação.

Muitas vêzes, também, formo intrigas amorosas na história antiga, e apago linhas inteiras nos velhos registros do destino. Quantas vêzes não detive a mão

parricida de Virgínio e não salvei a vida à sua filha infortunada, vítima ao mesmo tempo do excesso do crime e do da virtude! Este acontecimento enche-me de terror, quando me acode ao pensamento; não me admiro nada de que tenha sido origem de uma revolução.

Tenho esperança de que as pessoas razoáveis, assim como as almas compadecidas, me serão gratas por eu ter harmonizado esta questão amigavelmente; e todo homem que tem um certo conhecimento do mundo há-de concordar comigo que, se tivessem deixado o decênviro, êste homem apaixonado não teria deixado de prestar justiça à virtude de Virgínia: os parentes meter-se-iam de permeio; o pai Virgínio, por fim, acalmar-se-ia, e o casamento havia de fazer-se com tôdas as formalidades exigidas, por lei.

Mas, que seria feito, no meio disto, do infeliz amante abandonado? Pois bem, o amante, que ganhou êle com essa morte? Ora, já que quereis apiedar-vos com a sua sorte, informar-vos-ei, minha querida Maria, que, seis meses depois da morte de Virgínia, não somente êle estava consolado, mas muito felizmente casado, e que depois de ter tido muitos filhos, perdeu a mulher e casou de novo, seis semanas depois, com a viúva de um tribuno do povo. Estas circunstâncias, ignoradas até agora, foram descobertas e decifradas num manuscrito palimpsesto da biblioteca Ambrosiana por um sábio antiquário italia-

no. Aumentarão infelizmente com uma página a mais a história abominável e já excessivamente longa da república romana.

CAPÍTULO XXIV

Depois de ter salvo a interessante Virgínia, fujo modestamente ao seu reconhecimento; e, desejoso sempre de prestar serviço às belas, aproveito a escuridão de uma noite chuvosa, e vou furtivamente abrir o túmulo de uma jovem vestal, que o senado romano teve a barbaridade de mandar enterrar viva, por ter deixado extinguir-se o fogo sagrado de Vesta, ou talvez antes por se haver nêlle ligeiramente queimado. Caminho em silêncio nas ruas escuras de Roma com o encanto íntimo que precede as boas ações, sobretudo quando estas não são desprovidas de perigo. Evito cuidadosamente o Capitólio, com medo de acordar os gansos, e, deslizando por entre os guardas da porta Colina, chego com felicidade ao túmulo sem ser pressentido.

Com o rumor que faço, levantando a pedra que o cobre, a infeliz ergue a cabeça desgrenhada do chão úmido em que se deita. Vejo-a, ao clarão da lâmpada sepulcral, espalhar em torno de si os olhares desvairados: no seu delírio, a vítima infeliz julga estar já nas margens do Cocito: "O' Minos! exclama, ó Juiz inexorável! amei, é verdade, na terra, contra as

leis severas de Vesta. Se os deuses são tão bárbaros como os homens, abre, abre para mim os abismos do Tártaro! Amava e amo ainda”. “Não, não, ainda não estás no reino dos mortos; vem, jovem infeliz, reaparece sôbre a terra, renasce para a luz e para o amor”. Nisto, pego-lhe na mão gelada já pelo frio do sepulcro; levanto-a nos braços, aperto-a de encontro ao peito, e arranco-a enfim daquelle horrível lugar, palpitante tôda ela de susto e de reconhecimento.

Podeis afoitamente crer, senhora, que nenhum interesse pessoal foi o móvel desta boa ação. A esperança de interessar em meu favor a bela ex-vestal não entra por coisa alguma, em tudo quanto pratico por ela; porque se assim fôsse entrava no antigo método: posso assegurar, palavra de viajante, que, enquanto durou o nosso passeio, desde a porta Colina até ao lugar, onde se encontra agora o túmulo dos Cipíões, apesar da escuridão profunda, e nos momentos mesmo em que a sua fraqueza me obrigava a sustê-la nos braços, nunca deixei de tratá-la com as atenções e com o respeito devidos às suas desgraças, e escrupulosamente a restitui ao seu amante, que a esperava no caminho.

CAPÍTULO XXV

Outra vez, conduzido pelos meus devaneios, achei-me por acaso assistindo ao rapto das Sabinas:

vi com muita surpreza que os Sabinos tomavam o caso de modo muito diferente daquele por que o conta a história. Não entendendo nada no meio daquela confusão, ofereci o meu auxílio a uma mulher que fugia; e não pude deixar de rir, acompanhando-a, quando ouvi um Sabino furioso exclamar com o tom de desespero: “Deuses imortais! por quê não trouxe eu a minha mulher à festa!”

CAPÍTULO XXVI

Além da metade do gênero humano a que consagro tão viva afeição, dí-lo-ei, e querer-me-ão acreditar? o meu peito é dotado de tal capacidade de ternura, que todos os seres vivos e as próprias coisas inanimadas têm dela uma boa parte. Amo as árvores que me dão a sua sombra, e os pássaros que chilreiam nos ramos, e o pio noturno da coruja, e o fragor das torrentes: amo tudo... amo a lua!

Está rindo, minha senhora: é fácil pôr no ridículo os sentimentos que se não experimentam; mas, os corações parecidos com o meu compreender-me-ão.

Sim, prendo-me por verdadeiro afeto a tudo o que me cerca. Amo os caminhos por onde passo, a fonte onde bebo: não me separo sem alguma pena do ramo que arranquei ao acaso numa sebe: olho para ele ainda depois de o ter abandonado; tínhamos já feito conhecimento: tenho saudade das fôlhas que

caem, e até do zéfiro que passa. Onde está agora aquêlê que agitava os teus cabelos pretos, Elisa, quando, sentada ao pé de mim, à beira do rio, na véspera da nossa eterna separação, me fitavas num silêncio triste? Onde está o teu olhar? Onde aquêlê instante doloroso e querido?

O' tempo! divindade terrível! não é a tua foice cruel que me espanta; o que eu temo são os teus hediondos filhos, a indiferença e o esquecimento, que fazem uma longa morte dos três quartos da nossa existência.

Ah! aquêlê zéfiro, aquêlê olhar, aquêlê sorriso, estão tão longe de mim como as aventuras de Ariadna (8); no fundo do meu coração não existem já senão saudades e vãs lembranças; triste mistura sôbre a qual a minha vida sobrenada ainda, como um navio desconjuntado pelo temporal flutua algum tempo sôbre o mar agitado!...

CAPÍTULO XXVII

Até que, introduzindo-se a água a pouco e pouco pelos rombos do costado, o pobre navio desapareça en-

(8) Filha de Minos, rei de Creta. Apaixonou-se por Teseu, a quem deu um fio que, fixado por uma das pontas à entrada do labirinto, permittiu a sua saída, após ter vencido o minotauro. Teseu raptou Ariadna, abandonando-a em seguida na ilha de Naxos. Foi amada depois por Baco. Esta poética história da mitologia grega simboliza a ingratição do homem e a inconstância da mulher. — (Nota do "Clube do Livro").

gulido no abismo; as ondas cobrem-no, a tempestade, a bonança, e a andorinha do mar molha a ponta da asa na planície solitária e tranqüila do Occano.

CAPÍTULO XXVIII

Vejo-me obrigado a terminar aqui a explicação do meu novo método de amar, pois percebo que vou caindo no escuro. Não será, contudo, fora de propósito acrescentar ainda alguns esclarecimentos sobre esta descoberta, que não convém geralmente nem a toda gente, nem a todas as idades. Não aconselharia a ninguém que o pusesse em uso aos vinte anos. O próprio inventor não usava d'ele nessa época da sua vida. Para tirar do método o maior partido possível, é necessário ter experimentado todas as mágoas da vida sem estar desanimado, e todos os gozos sem estar desgostoso. Ponto difícil! é sobretudo útil naquella idade em que a razão nos aconselha que renunciemos aos hábitos da mocidade, e pode servir de intermediário e de passagem insensível entre o prazer e a prudência. Esta passagem, como todos os moralistas têm observado, é muito difícil. Poucos homens têm a nobre coragem de a atravessar com galanteria; e muitas vêzes, depois de terem dado o passo, aborrecem-se na outra margem, e tornam a passar o fôssco, de cabelos grisalhos e para sua vergonha. E' isto que eles evitarão sem custo pela minha nova maneira de

cultivar o amor. Com efeito, não sendo a maior parte dos nossos prazeres senão um jôgo da imaginação, é essencial dar a esta um pasto inocente para a afastar dos objetos a que devemos renunciar, pouco mais ou menos como se mostram brinquedos aos meninos, quando se lhes não quer dar bolos. Dêsse modo, há tempo de nos afirmarmos no terreno da prudência, imaginando não estar lá ainda, chegando a ocupá-lo pelo caminho da loucura, o que lhe facilitará singularmente o acesso a muita gente.

Creio, pois, não me ter enganado na esperança de ser útil ao pegar na pena, e só tenho agora que defender-me do natural movimento de amor próprio que legitimamente eu poderia sentir por desvelar aos homens semelhantes verdades.

CAPÍTULO XXIX

Tôdas estas confidências, minha querida Sofia, espero que te não terão feito esquecer a posição incômoda em que me deixaste sôbre a minha janela. A emoção que me tinha causado o aspecto do lindo pé da minha vizinha durava ainda, e eu tinha recaído mais que nunca sob o encanto perigoso da chinela, quando um acontecimento imprevisto me veio tirar do perigo em que estava de me precipitar do quinto andar na rua. Um morcego que pairava em volta da casa, e que, vendo-me imóvel tanto tempo, me tomou ao que pa-

rece por uma chaminé, pousou de repente sôbre mim e agarrou-se-me a uma orelha. Senti na cara a horrível frescura das suas asas úmidas. Todos os ecos de Turim responderam ao grito furioso que contra minha vontade soltei. As sentinelas ao longe gritaram: quem vem lá? e ouvi na rua a marcha precipitada de uma patrulha.

Abandonei sem muito custo a vista da varanda, que não tinha já nenhuma atração para mim. Colhe-me o frio da noite. Um ligeiro arrepio percorreu-me da cabeça aos pés; e, conchegando o meu roupão para me aquecer, vi com grande mágoa, que esta sensação de frio, junta com o insulto do morcego, tinha sido suficiente para mudar de novo o curso das minhas idéias. A chinela mágica não teria tido naquele momento mais influência sôbre mim do que a cabeleira de Berenice ou qualquer outra constelação. Calculei imediatamente quão pouco razoável seria passar a noite exposto à intempérie do ar, em vez de seguir a vontade da natureza, que nos determina o sono. A minha razão, que neste momento estava sòzinha atuando em mim, fêz-me ver isto tão bem demonstrado como uma proposição de Euclides. Por fim, fiquei repentinamente privado de imaginação e de entusiasmo, e entregue sem socorro à triste realidade. Deplorável existência! tanto valia ser uma árvore sêca numa floresta, ou então um obelisco no meio de uma praça pública!

Que duas estranhas máquinas, exclamei eu, que são a cabeça e o coração do homem! Levado alterna-

damente por êstes dois móvois das suas ações para dois caminhos contrários, o último que êle segue parece-lhe sempre o melhor! Ó loucura do entusiasmo e do sentimento! diz a fria razão; ó fraqueza e incerteza da razão! diz o sentimento. Quem poderá jamais, quem ousará decidir entre êles?

Pensei que seria bom ir tratar a questão imediatamente, e decidir de uma vez para sempre a qual dêstes guias conviria confiar-me para todo o resto da minha vida. Daqui por diante seguirei a minha cabeça ou o meu coração?

Examinemos.

CAPÍTULO XXX

Dizendo estas palavras, percebi uma dor surda no pé que assentava sôbre o degrau da escada. Além disso estava muito cansado da posição difficil em que me tinha conservado até então. Baixei-me devagarinho para me sentar; e deixando ponder as pernas para a direita e para a esquerda da janela, comecei a minha viagem a cavallo. Preferi sempre êste modo de viajar a qualquer outro, e gosto apaixonadamente de cavalos; contudo, de todos os que tenho visto, ou de que tenho ouvido falar, aquêle cuja posse eu desejaria com mais ardor seria o cavallo de pau de que se fala nas *Mil e uma Noites*, sôbre o qual se podia viajar nos arcs, e que partia como um relâmpago quando se girava a pequena manivela que êle tinha entre as orelhas.

Ora, pode-se notar que o meu cavalo parece-se muito com o das *Mil e uma Noites*. Pela sua posição, o viajante a cavalo na sua janela comunica de um lado com o céu, e goza o espetáculo imponente da natureza; os meteoros e os astros estão à sua disposição: do outro, o aspecto da sua morada e os objetos que ela contém chamam-no à idéia da sua existência e fazem-no cair em si mesmo. Um único movimento da cabeça substitui a manivela encantada, e basta para operar na alma do viajante uma mudança tão rápida como extraordinária. Alternadamente habitante da terra e dos céus, o seu espírito e o seu coração percorrem todos os gozos que é dado ao homem experimentar.

Pressenti com antecipação todo o partido que podia tirar do meu cavalo. Quando me senti bem firme na sela e arranjado o melhor possível, certo de nada ter a recear dos ladrões, nem das quedas do animal, convenci-me de que a ocasião era muito favorável para me consagrar ao exame do problema que tinha de resolver, com respeito à preeminência da razão ou do sentimento. Mas, a primeira reflexão que fiz a êste respeito fêz-me estacar de repente. Que competência posso ter para me nomear juiz de semelhante causa? disse eu para mim em voz baixa; eu, que, na minha consciência, dou antecipadamente a sentença a favor do sentimento? Mas, por outro lado, se excluo as pessoas cujo coração predomina sobre a cabeça, então quem devo consultar? Um geômetra? ora! essa gente está vendida à razão. Para decidir êste ponto, era

preciso encontrar um homem que tivesse recebido da natureza uma dose igual de razão e de sentimento, e que no momento da decisão essas duas faculdades estivessem perfeitamente em equilíbrio... coisa impossível! Mais fácil seria equilibrar uma república.

O único juiz competente seria, pois, aquêlo que não tivesse nada de comum, nem com uma nem com o outro, um homem finalmente sem cabeça e sem coração. Esta estranha consequência revoltou a minha razão; o meu coração, pelo seu lado, protestou não haver tomado nenhuma parte nela. Contudo, parecia-me ter raciocinado com acerto, e teria, nessa ocasião, feito a pior idéia das minhas faculdades intelectuais, se não tivesse refletido que, nas especulações da alta metafísica, como aquela de que se trata, filósofos de primeira ordem têm sido muitas vêzes levados, por uma série de raciocínios seguidos, a consequências horrorosas, que influíram sôbre a felicidade da sociedade humana. Consolei-me, pois, pensando que ao menos o resultado das minhas especulações não faria mal a ninguém. Deixei a questão indecisa, e resolvi, para o resto dos meus dias, seguir alternativamente a minha cabeça ou o meu coração, conforme um dêles predominasse sôbre o outro. Creio, efetivamente, ser êste o melhor método. E verdade que com êle não tenho feito grande fortuna até aqui, dizia de mim para mim. Deixá-lo; vou descendo o caminho rápido da vida, sem temores e sem projetos, ora rindo, ora chorando; e, às

vêzes, rindo e chorando ao mesmo tempo, ou então cantarolando qualquer velho estribilho para me distrair ao longo do caminho. Outras vêzes, apanho um malmequer à borda de um valado; arranco-lhe as fôlhas a uma e uma, dizendo: "Mal-me-quer, bem-me-quer, muito, pouco, nada",. A última fôlha traz quase sempre um nada. Com efeito, Elisa já me não ama.

Enquanto assim me vou entretendo, a geração inteira dos vivos vai passando: semelhante a uma onda imensa, em breve irá quebrar-se comigo sôbre a praia da eternidade; e como se a tempestade da vida não fôsse bastante impetuosa, como se ela nos impelisse com excessiva solidão para as barreiras da existência, as nações em massa degolam-se a correr e antecipam o termo fixado pela natureza. Conquistadores, arrastados também pelo rápido turbilhão do tempo, distraem-se, derrubando nos campos homens aos milhares. Que é isso, meus senhores, que fazeis? Esperai!... tôda essa pobre gente ia em breve morrer da sua morte natural. Pois não vedes a onda que sobe? olhai como espuma já próximo da praia... Esperai, em nome do céu, um instante só, e vós, e os vossos inimigos, e eu, e os mal-me-queres, tudo isto vai acabar! Haverá admiração proporcional a semelhante demência. Vamos, é ponto resolvido; daqui em diante, eu próprio, não mais desfolharei mal-me-queres.

CAPÍTULO XXXI

Depois de me ter imposto para o futuro uma regra de conduta prudente, por meio de uma lógica luminosa, como se viu nos capítulos precedentes, restava-me um ponto muito importante a decidir a respeito da viagem que eu ia empreender. Efetivamente, não está feito tudo, quando a gente se põe de carruagem ou a cavalo; é preciso saber também para onde se quer ir. Eu estava tão cansado das investigações metafísicas com que acabava de me ocupar, que antes de me decidir sobre a região do globo a que daria preferência, quis descansar algum tempo não pensando em nada. É um modo de existir também na minha invenção, e que muitas vezes me tem sido de grande vantagem; mas, não é licito a toda gente saber usar dêle: porque, se é fácil dar profundidade às idéias, ocupando-se intensamente de um assunto, não o é tanto suspender de repente o pensamento como se pára o balanço de um pêndulo. Molière ridiculizou com muita sem-razão um homem que se divertia a fazer círculos na água de um poço; pois eu, pela minha parte, inclino-me muito a crer que êsse homem era um filósofo que tinha o poder de suspender a ação da sua inteligência para repousar, operação das mais difíceis que possa executar o espírito humano. Bem sei que as pessoas que receberam esta faculdade sem a ter

desejado, e que ordinariamente não pensam em nada, acusar-me-ão de plágio e hão-de reclamar prioridade de invenção; mas, o estado de imobilidade intelectual de que pretendo falar é inteiramente outro, diverso daquele que elles desfrutam e de que Necker fez a apologia (9). O meu é sempre voluntário e não pode ser senão momentâneo; para gozar d'êlé em tôda a sua plenitude, fechei os olhos, apoiando-me com as duas mãos sôbre a janela, como um cavaleiro fatigado se apoia no cepinho da sela, e em breve a lembrança do passado, o sentimento do presente e a previsão do futuro se aniquilaram na minha alma.

Como êste modo de existência favorece poderosamente a invasão do sono, depois de meio minuto de gôzo, senti que a cabeça me caia sôbre o peito; abri no mesmo instante os olhos, e as minhas idéias retomaram o seu curso; circunstância que prova evidentemente que a espécie de letargia voluntária de que se trata é bem diferente do sono, porque eu fui despertado pelo próprio sono; acidente que com certeza nunca succedeu a ninguém.

Levantando os olhos para o céu, vi a estrêla polar quase por cima da cabeça; o que me pareceu de bom agouro no momento em que eu ia empreender uma longa viagem. Durante o intervalo do repouso, que

(9) "*Sôbre a felicidade dos tolos*", 1872.

acabava de gozar, a minha imaginação tinha recuperado tôda a sua fôrça, e o meu coração estava pronto para receber as mais doces impressões; de tal modo êste passageiro aniquilamento do pensar pode aumentar a sua energia! O fundo de mágoa que a minha situação precária no mundo me fazia surdamente experimentar foi substituído de repente por um sentimento vivo de esperança e de coragem; senti-me capaz de afrontar a vida e tôdas as probabilidades de infortúnio ou de felicidade que ela arrasta consigo.

Astro brilhante! exclamei, no êxtase delicioso que me arrebatava, produção incompreensível do pensamento eterno! tu que, só, imóvel nos céus, velas desde o dia da criação sôbre metade de terra! tu que diriges o navegante sôbre os desertos do Oceano e de quem um só olhar tem restituído muitas vêzes a esperança e a vida ao marinheiro batido pelo temporal! se ainda nenhuma vez, quando uma noite serena me tem permitido contemplar o céu, eu deixei de te procurar entre as tuas companheiras, acompanha-me agora, luz celeste! Ah! a terra abandona-me: sê hoje meu conselho e meu guia, ensina-me qual é a região do globo, onde me devo fixar!

Durante esta invocação, a estrêla parecia irradiar com mais vivacidade e comprazer-se no céu, convidando-me a aproximar-me da sua influência protetora.

Não acredito nos pressentimentos; mas creio numa providência divina que conduz os homens por

meios desconhecidos. Cada instante da nossa existência é uma criação nova, um ato da vontade onipotente. A ordem inconstante que produz as formas sempre novas e os fenômenos inexplicáveis da nuvem é determinada para cada instante até na menor parcela d'água que a compõe; os acontecimentos da nossa vida não poderiam ter outra causa, e atribuí-los ao acaso seria o remate da loucura. Posso mesmo assegurar que algumas vèzes me succedeu entrever os fios imperceptíveis com que a Providência faz atuar os maiores homens como se fôsem bonecos, enquanto êles estão imaginando que conduzem o mundo; um pequeno movimento de orgulho que ela lhes insufla no coração basta para fazer morrer exércitos inteiros, e para voltar do avêso uma nação. Como quer que seja, eu cria tão firmemente na realidade do convite que havia recebido da estrêla polar, que no mesmo instante tomei o partido de me dirigir para o norte; e, embora não tivesse naquelas regiões afastadas nenhum ponto de preferênciã, nem nenhum alvo determinado, quando parti de Turim, no dia seguinte, sai pela porta *Palácio*, que fica ao norte da cidade, persuadido de que a estrêla polar não me abandonaria.

CAPÍTULO XXXII

Estava neste ponto da minha viagem, quando fui obrigado a descer precipitadamente do meu cavallo.

Não teria feito menção desta particularidade, se em consciência não devesse instruir as pessoas, que queiram adotar êste modo de viajar, dos pequenos inconvenientes que êle apresenta, depois de lhes ter exposto as suas imensas vantagens.

Como as janelas, em geral, não foram primitivamente inventadas para o novo destino que lhes dei, os arquitetos que as constroem não se lembram de lhes dar a forma cômoda e arredondada dum selim à inglesa. O leitor inteligente, espero que há-de compreender, sem mais explicação, a causa dolorosa que me obrigou a fazer uma paragem. Desci com bastante custo, e dei algumas voltas a pé no comprimento do quarto para me desentorpecer, refletindo sôbre o misto de penas e de prazeres de que a vida é salpicada, assim como sôbre a espécie de fatalidade que torna os homens escravos das mais insignificantes circunstâncias. Findo o que, tornei novamente a montar a cavallo, munido de uma almofada de penas: o que me não teria atrevido a fazer alguns dias antes, com mêdo de ser apupado pela cavalaria; mas, tendo encontrado na véspera, às portas de Turim, uma partida de Cossacos que chegavam em cima de tais almofadas das margens do Palus-Maeotides e do mar Cáspio, entendi que, sem infringir as leis da equitação, que muito respeito, podia adotar o mesmo uso.

Livre da sensação desagradável que deixei adivinhar, pude ocupar-me sem inquietação do meu plano de viagem.

Uma das dificuldades que mais me amofinava porque me atacava a consciência era o saber se eu fazia bem ou mal em abandonar a minha pátria, metade da qual me havia ela própria abandonado (10). Um passo dessa ordem parecia importante demais para a êle me abalançar de leve. Pondo-me a reflexionar sôbre esta palavra *pátria*, percebi que não fazia dela uma idéia bem clara. "A minha pátria? Em que consiste a pátria? Será uma reunião de casas, de campos, de rios? Não quero crê-lo. É talvez a minha família, os meus amigos que constituem a minha pátria? Mas, êsses já a deixaram. Ah! já sei; é o govêrno? mas êsse está mudado. Meu Deus! onde pois está a minha pátria?" Passei a mão pela testa num estado de inquietação inexprimível. O amor da pátria é de tal modo enérgico, as saudades que eu próprio sentia só com o pensamento de abandonar a minha provavam-me de tal modo essa realidade, que preferia ficar a cavalo o resto da minha vida a ter de me apear antes de deixar completamente resolvida esta dificuldade.

Vi em breve que o amor da pátria depende de muitos elementos reunidos, isto é, do longo hábito que o

(10) O autor servia no Piemonte, quando a Sabóia, onde tinha nascido, foi reunida à França.

homem adquire, desde a infância, dos indivíduos, da localidade e do govêrno. Não se tratava, pois, senão de examinar em que é que estas três bases contribuem, cada uma pela sua parte, para constituirem a pátria.

A ligação aos nossos compatriotas, em geral, depende do govêrno, e não é outra coisa senão o sentimento da fôrça e da felicidade que êle nos dá em comum; porque a verdadeira ligação se limita à família e a um pequeno número de indivíduos por quem somos rodeados imediatamente. Tudo o que quebra o hábito ou a felicidade de se encontrarem torna os homens inimigos: uma cadeia de montanhas forma, de um e outro lado, ultramontanos que se não estimam; os habitantes da margem direita de um rio julgam-se muito superiores aos da margem esquerda, e êste pela sua parte zombam dos seus vizinhos. Esta disposição nota-se até nas grandes cidades divididas por um rio, apesar das pontes que reúnem as suas margens. A diferença de língua afasta muito mais ainda os homens do mesmo govêrno: finalmente, a própria família, na qual reside a nossa verdadeira afeição, está muitas vêzes dispersa pela pátria; muda continuamente na forma e no número; além disso, pode ser transportada. Não é, pois, nem nos nossos compatriotas, nem na nossa família que reside absolutamente o amor da pátria.

A localidade contribui pelo menos tanto como os indivíduos para a afeição que temos ao nosso país natal. Apresenta-se a êste respeito uma questão muito inte-

ressante: nota-se, em todos os tempos, que os montanhese são, de todos os povos, aquêles que mais afeiçoados são à sua terra, e que os povos nômades habitam em geral as grandes planícies. Qual pode ser a causa desta diferença na afeição dêstes povos à localidade? Se me não engano é esta: nas montanhas, a pátria tem uma fisionomia; nas planícies não tem nenhuma. É uma mulher sem cara, que se não poderia amar apesar de tôdas as boas qualidades que tivesse. Com efeito, o que resta da sua pátria local ao habitante de uma aldeia de madeira, quando depois da passagem do inimigo a aldeia é incendiada e as árvores cortadas? O infeliz em vão procura na linha uniforme do horizonte algum objeto conhecido que lhe possa dar lembrança: nenhum existe. Cada ponto do espaço apresenta-lhe o mesmo aspecto e o mesmo interêsse. Este homem é nômade por êsse fato, a não ser que o hábito do govêrno o retenha; mas, a sua habitação será aqui ou acolá, não importa onde; a sua pátria é em tôda parte, onde o govêrno tem a sua ação; terá apenas meia-pátria. O montanhês prende-se aos objetos que tem debaixo dos olhos desde a infância, e que têm formas visíveis e indestrutíveis; de todos os pontos do vale, vê e reconhece o seu campo na vertente do monte. O ruído da torrente que referve entre as rochas nunca é interrompido; o atalho que conduz à vila forma a volta ao pé dum rochedo imutável de granito. Ele vê em sonhos o contôrno das montanhas que traz pintado no seu coração, como, de-

pois de ter olhado por muito tempo para os vidros luminosos duma janela, se continua a vê-los com os olhos fechados: o quadro que tem gravado na memória faz parte dêle mesmo e não se apaga nunca. Finalmente, até as próprias recordações se fixam à localidade; mas é preciso que ela tenha objetos, cuja origem seja ignorada e dos quais se não possa prever o fim. Os edifícios antigos, as pontes velhas, tudo o que tem o caráter de grandeza e de longa duração substitui em parte as montanhas na afeição das localidades! contudo os monumentos da natureza têm mais poder sobre o coração. Para dar a Roma um sobrenome digno dela, os orgulhosos Romanos chamaram-na a cidade das sete colinas. O hábito adquirido nunca mais se pode destruir. O montanhês, na idade madura, não se afeiçoa já às localidades duma grande cidade, o habitante das cidades não poderia nunca tornar-se um montanhês. Daí provém talvez que um dos maiores escritores dos nossos dias, que pintou com gênio os desertos da América, achou os Alpes mesquinhos e o monte Branco consideravelmente pequenino.

A parte do govêrno é evidente: é êle a primeira base da pátria. É êle que produz a afeição recíproca dos homens, e que torna mais enérgica a que êles têm naturalmente à localidade; êle só, pelas recordações de felicidade ou de glória, pode arraigá-los ao solo que os viu nascer.

O governo é bom? a pátria está em tôda a sua força; torna-se vicioso? a pátria está doente; muda? a pátria morre. É então uma pátria nova, e cada qual é senhor de adotá-la ou de escolher outra.

Quando tôda a população de Atenas deixou esta cidade sôbre a fé de Temístocles, os Atenienses abandonaram a sua pátria, ou levaram-na consigo nos seus navios?

Quando Coriolano...

Meu Deus! em que discussão me envolvil ia-me esquecendo que estou a cavalo na minha janela.

CAPÍTULO XXXIII

Eu tinha uma parenta velha de muito espírito, cuja conversação era a mais interessante que se pode conceber; mas, a sua memória, ao mesmo tempo inconstante e fértil, fazia-a passar muitas vêzes de episódios em episódios, e de digressões em digressões, a ponto de se ver obrigada a implorar o socôrro dos seus ouvintes. "Mas, que é que eu lhes queria contar?" dizia ela, e muitas vêzes também os seus ouvintes se tinham esquecido, o que lançava tôda a sociedade num embaraço inexprimível. Ora, deve-se ter notado que o mesmo acidente me sucede com frequência nas minhas narrações, e devo concordar, com efeito, que o plano e a ordem da minha viagem são exatamente copiados

da ordem e do plano das conversações da minha tia; mas, não peço mão forte a ninguém, porque já percebi que o meu assunto volta por seu próprio pé, e exatamente no instante em que menos o espero.

CAPÍTULO XXXIV

As pessoas que não aprovam a minha dissertação sobre a pátria devem estar prevenidas de que, havia algum tempo, que o sono se apoderara de mim, apesar de todos os esforços que eu fazia para combatê-lo. Entretanto, não estou bem certo agora se nesse momento adormeci de veras, e se as coisas extraordinárias que vou contar foram efeito de um sonho ou de uma visão sobrenatural.

Vi descer do céu uma nuvem brilhante, que se aproximava de mim a pouco e pouco, e que cobria, como se fôsse um véu transparente, uma formosa donzela de vinte e dois para vinte e três anos. Em vão, procuraria expressões para descrever o sentimento que o seu aspecto me fêz experimentar. A sua fisionomia, radiante de bondade e de benevolência, tinha o encanto das ilusões da mocidade, e era meiga como os sonhos do futuro; o seu olhar, o o seu pacífico sorriso, tôdas as suas feições, enfim, realizavam a meus olhos o ser ideal que o meu coração procurava havia tanto, e que eu já tinha perdido a esperança de algum dia encontrar.

Enquanto a contemplava num êxtase delicioso, vi brilhar a estréla polar entre os anéis da sua negra cabeleira, agitada pelo vento norte, e no mesmo instante palavras consoladoras se fizeram ouvir. Que digo eu? palavras! era a expressão misteriosa do pensamento celesste que desvendava o futuro à minha intelligência, enquanto os meus sentidos eram encadeados pelo sono; era uma comunicação profética do astro favorável que eu acabava de invocar, e da qual vou tentar exprimir o sentido numa língua humana.

“A tua confiança em mim não será iludida, dizia uma voz, cujo timbre fazia lembrar o som das harpas eólias. Olha, vê os campos que te reservei; eis o bem a que aspiram em vão os homens que pensam ser a felicidade um cálculo, e que pedem à terra o que se não pode obter senão do céu”. A estas palavras, o meteoro recolheu-se à profundidade dos céus, a divindade aérea perdeu-se nas brumas do horizonte; mas, ao afastar-se, lançou sôbre mim uns olhares que encheram o meu coração de tranquilidade e de esperança.

Imediatamente, ardendo em desejos de segui-la, piquei de ambos os lados com tôda a minha fôrça e, como me tinha esquecido de pôr esporas, bati com o calcanhar direito contra o ângulo de uma telha com tanta violência que a dor me acordou em sobressalto.

CAPÍTULO XXXV

Este acidente foi de uma vantagem real para a parte geológica da minha viagem, porque me deu ocasião de conhecer exatamente a altura do meu quarto acima das camadas de aluvião que formam o solo sobre que está edificada a cidade de Turim.

O meu coração palpitava com fôrça, e eu acabava de lhe contar três pancadas e meia desde o instante em que tinha espicaçado o meu cavalo, quando ouvi o barulho da minha chinela que tinha caído à rua, o que, fazendo o cálculo do tempo que gastam os corpos graves na sua queda acelerada, e daquele que tinham empregado as ondulações sonoras do ar para chegarem desde a rua até ao meu ouvido, fixa a altura da minha janela em noventa e quatro pés, três linhas e nove décimos de linha desde o nível do pavimento de Turim, supondo que o meu coração agitado pelo sonho batia cento e vinte vêzes por minuto, o que não pode estar muito afastado da verdade. Não foi senão com respeito à ciência que depois de ter falado da chinela interessante da minha formosa vizinha me atrevi a fazer menção da minha: por isso, previno que este capítulo não foi absolutamente escrito senão para os sábios.

CAPÍTULO XXXVI

A brilhante visão que eu tivera fêz-me sentir mais vivamente, quando acordei, todo o horror do isolamento em que me encontrava. Passei os olhares em tórno de mim e apenas vi telhados e chaminés. Ah! suspenso no quinto andar, entre o céu e a terra, rodeado por um oceano de pezares, de desejos e de inquietações, não me prendia já à existência senão um incerto clarão de esperança: apoio fantástico do qual vêzes sem conta experimentei a fragilidade. Em breve, entrou a dúvida no meu coração ainda todo mortificado pelas desilusões da vida, e acreditei firmemente que a estrêla polar tinha zombado de mim. Injusta e culpada desconfiança, de que o astro me puniu com dez anos de espera! Oh! se eu tivesse podido então prever que tôdas aquelas promessas seriam cumpridas e que eu encontraria um dia na terra o ente adorado de quem apenas me tinha sido dado entrever a imagem no céu! Querida Sofia, se eu tivesse podido saber que a minha felicidade excederia tôdas as esperanças! . . . Mas, não antecipemos os acontecimentos: volto ao meu assunto, não querendo inverter a ordem metódica e severa a que me sujeitei na redação da minha viagem.

CAPÍTULO XXXVII

O relógio da torre de S. Filipe deu lentamente meia noite. Contei uma após outra cada martelada do sino, e a última arrancou-me um suspiro. "Aí está, disse eu para mim, um dia que acaba de se desprender da minha vida; e, conquanto as vibrações decrescentes do som do bronze palpitem ainda no meu ouvido, a parte da minha viagem que precedeu a meia noite está já tão longe de mim como a viagem de Ulisses ou a de Jasão. Neste abismo do passado, os instantes e os séculos têm a mesma extensão; e o futuro terá mais realidade? São dois nada entre os quais me encontro em equilíbrio como sôbre o corte de uma lâmina. Na verdade, o tempo parece-me qualquer coisa tão inconcebível, que tenho quase tentações de acreditar que êle não existe realmente, e que o que assim se chama não passa de ser uma punição do pensamento.

Estava muito satisfeito por ter acabado esta definição do tempo, tão tenebrosa como o próprio tempo, quando um outro relógio deu meia noite, o que me causou um sentimento desagradável. Conservo, sempre, uma reserva de mau humor, quando me tenho inutilmente ocupado de um problema insolúvel, e achei muito deslocada esta segunda advertência do sino a um filósofo como eu. Mas, experimentei decididamente um verdadeiro rancor, alguns segundos depois,

quando ouvi de longe um terceiro sino, o do convento dos Capuchos, situado da outra banda do Pó, dar também meia noite, como se fôsse por malícia.

Quando a minha tia chamava uma antiga criada de quarto, um pouco rabugenta, e que ela contudo estimava muito, nunca se contentava, na sua impaciência, em tocar uma vez, mas puxava sem descanso o cordão da campainha, até a criada aparecer. “Então, veja lá se aparece, Senhora Branca!” E esta, zangada por ver tanta pressa, vinha muito devagarinho, e respondia com muito azedume, antes de entrar na sala: “Lá vai, minha senhora, lá vai”. Tal foi também o sentimento de mau humor que eu tive, quando ouvi o sino indiscreto dos Capuchos bater meia noite pela terceira vez. “Bem sei, gritei eu, estendendo as mãos para o lado do relógio; sim, bem sei, bem sei que é meia noite: sei-o até demais.”

Foi, sem dúvida alguma, por um conselho insidioso do espírito maligno que os homens encarregaram esta hora de dividir os seus dias. Encerrados nas suas habitações, dormem ou divertem-se, enquanto ela corta um fio da sua existência; no dia imediato, levantam-se alegremente, sem se lembrarem, nem por sombras, que têm um dia mais. Em vão, a voz profética do bronze anuncia-lhes a aproximação da eternidade, em vão repete-lhes tristemente cada hora que acaba de decorrer; nada ouvem, ou, ouvem, não compreendem. Ó meia noite!... hora terrível!... Eu não sou supersticioso,

mas esta hora inspirou-me sempre uma espécie de temor, e tenho pressentimento de que, se alguma vez chegasse a morrer, havia de ser à meia noite. Pois eu hei-de morrer um dia? O que, hei-de morrer? eu que falo, eu que me sinto, e que me apalpo, eu posso morrer? Custa-me alguma coisa a acreditá-lo porque, enfim, que os outros morram, não há nada mais natural: é uma coisa que se está vendo todos os dias, a gente os vê passar, habitua-se a isso; mas morreremos nós também! morreremos em pessoal é um pouco forte. E vós, meus senhores, que estais tomando estas reflexões como disparates, ficai sabendo que é êsse o modo de pensar de tôda gente, e o vosso também. Ninguém cuida que deve morrer. Se existisse uma raça de homens imortais haviam de assustar-se mais com a idéia da morte do que nós.

Há nisto alguma coisa que eu não sei explicar bem. Como é que os homens, sem cessar agitados pela esperança e pelas quimeras do futuro, se inquietam tão pouco do que êste futuro lhe oferece de certo e de inevitável? Não será talvez a própria natureza beneficente que nos terá dado êste feliz descuido, a fim de podermos cumprir em paz o nosso destino? Creio efetivamente que se pode ser homem muito honrado sem acrescentar aos males reais da vida a inclinação de espírito que nos leva às reflexões lúgubres, e sem povoar a imaginação com fantasmas negros. Finalmente, creio que

é permitido rir, ou pelo menos sorrir, tôdas às vêzes que se apresente para isso uma ocasião inocente.

Assim acabou a meditação que o relógio de S. Filipe me tinha inspirado. Teria prosseguido nela, se me não tivesse sobrevindo algum escrúpulo sôbre a severidade da moral que eu acabava de estabelecer. Mas, não querendo profundar esta dúvida, assobieei a ária das *Loucuras de Espanha*, a qual tem a propriedade de mudar o curso das minhas idéias, quando vão por mau caminho. O efeito foi tão rápido, que terminei imediatamente o meu passeio a cavallo.

CAPÍTULO XXXVIII

Antes de entrar no meu quarto, lancei um olhar sôbre a cidade e o campo sombrio de Turim, que eu ia deixar talvez para sempre, e dirigi-lhes os meus últimos adeuses. Nunca, a noite me tinha parecido tão bela: nunca, o espetáculo que tinha debaixo dos olhos me havia interessado tão vivamente. Depois de ter saudado o monte e o templo de Superga, despedi-me das tôres, do campanários, de todos os objetos conhecidos, que nunca tinha imaginado me pudessem causar saudades tão intensas, e do ar e do céu, e do rio, cujo surdo murmúrio parecia responder aos meus adeuses. Ah! se eu soubesse pintar o sentimento,

terno e ao mesmo tempo cruel, que enchia o meu coração e tôdas as recordações da mais bela metade da minha vida decorrida, que se agrupavam em tórno de mim, como espíritos sutís, para me reterem em Turim! Mas, ai de nós! as lembranças da felicidade passada são as rugas da alma! Quando se é infeliz, é necessário expulsá-las do pensamento como fantasmas sarcásticos que vêm insultar a nossa situação presente: vale mil vêzes mais então abandonar-nos às ilusões enganosas da esperança, e sobretudo fazer boa cara a má fortuna e evitar o introduzir alguém na confiança das próprias desgraças. Observei, nas viagens ordinárias que tenho feito entre os homens, que à fôrça de ser infeliz, a gente acaba por se tornar ridículo. Nestes momentos horríveis, nada é mais conveniente do que o novo modo de viajar cuja descrição se acaba de ler. Fiz, então, uma experiência decisiva: não somente consegui esquecer o passado, mas até tomar valorosamente o meu partido sôbre as penas presentes. O tempo as levará, disse eu para me consolar; êle leva tudo, e nada esquece, quando passa; e, ou queiramos detê-lo, ou o afastemos, como se diz, com o ombro, os nossos esforços são igualmente vão e nada mudam ao seu curso invariável. Apesar de em geral me inquietar muito pouco com a sua rapidez, há tais circunstâncias, tais filiações de idéias que ma fazem recordar de um modo vivaz. Quando os homens se calam, quando o demônio do ruído está mudo no meio do seu templo,

no meio de uma cidade adormecida, é então que o tempo levanta a sua voz e se faz ouvir à minha alma. O silêncio e a escuridão tornam-se seus intérpretes, e desvendam-me a sua marcha misteriosa; não é já um ser da razão que o meu pensamento não pode abranger, os meus próprios sentidos o percebem. Vejo-o no céu impelindo diante de si as estrêlas para o ocidente. Ei-lo conduzindo os rios para o mar e rolando com os nevoeiros ao longo da colina... Escuto: os ventos gemem sob o esforço das suas asas rápidas, e o sino distante estremece à sua passagem terrível.

“Aproveitemos, aproveitemos o seu curso, exclamei eu. Quero empregar útilmente os instantes que êle me vai roubar”. Querendo tirar partido desta boa resolução, no mesmo momento me inclinei para diante para me arremessar corajosamente na carreira, fazendo com a língua um certo estalido que em todos os tempos foi destinado a estimular os cavalos, mas que é impossível escrever segundo as regras da ortografia:

ghl ghl ghl

e terminei a minha excursão a cavallo por uma galopada.

CAPÍTULO XXXIX

La levantar o pé direito para descer, quando senti uma forte pancada no ombro. Dizer que me não assustei com êste acidente seria atraçoar a verdade, e é

esta a ocasião de fazer observar ao leitor e de lhe provar, sem excessiva vaidade, quão difficil seria a qualquer outro que não fôsse eu executar semelhante viagem. Supondo ao novo viajante mil vêzes mais recursos e talentos para a observação do que os que eu posso ter, poderia êle lisonjear-se de encontrar aventuras tão singulares, tão numerosas, como as que me succederam no espaço de quatro horas, e que se ligam evidentemente com o meu destino? Se alguém duvida disto, procure adivinhar quem foi que me bateu.

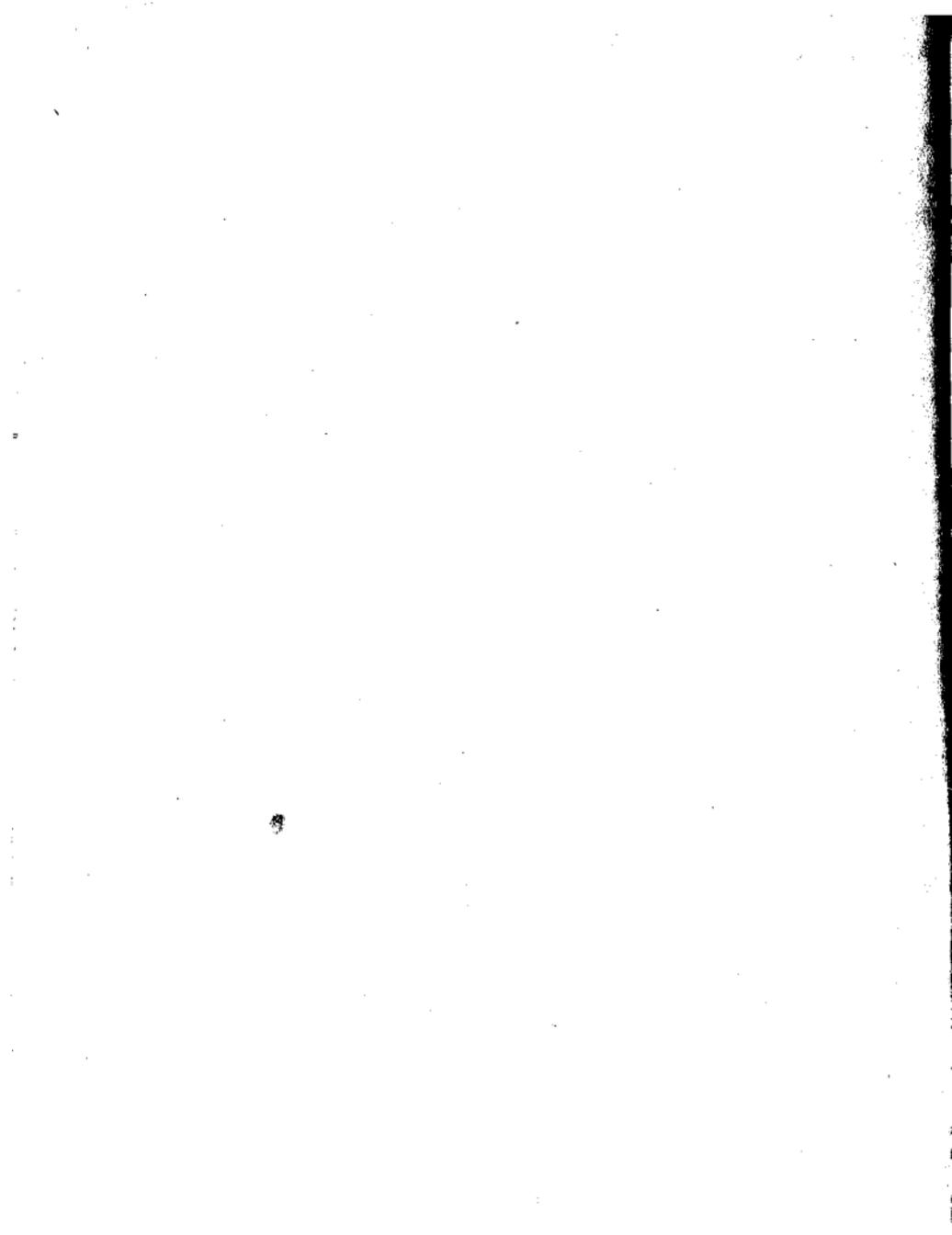
No primeiro momento da minha perturbação, não refletindo na situação em que me encontrava, julguei que o meu cavalo tinha tropeçado ou que me tinha levado de encontro a uma árvore. Deus sabe quantas idéias funestas me ocorreram durante o curto espaço de tempo que levei a voltar a cabeça para olhar o interior do meu quarto. Vi, então, como acontece muitas vêzes nas coisas que parecem mais extraordinárias, que a causa da minha surprêsa era inteiramente natural. A mesma lufada de vento que, no princípio da minha viagem, tinha aberto a janela e fechado a porta de passagem, e de que uma parte se havia introduzido entre as cortinas da minha cama, tornara, então, a entrar no quarto com fragor. Abriu a porta bruscamente e saiu pela janela, impelindo a vidraça contra o meu ombro, o que me causou a surprêsa que acabo de referir.

Lembrar-se-ão que foi pelo convite que essa lufada de vento me veio fazer que deixei a minha cama.

A pancada que neste momento acabava de levar era t^oda a evidência um novo convite para meter-me nela, convite a que entendi ter obrigação de ceder.

É belo, sem dúvida, estar assim numa relação familiar com a noite, com o céu e com os meteoros, e saber tirar partido da influência d'êles. Ah! as relações que se é forçado a ter com os homens são muito mais perigosas! Quantas v^{ez}es, não tenho sido vítima da minha confiança nestes senhores! Aqui mesmo dizia eu alguma coisa a êsse respeito numa nota que suprimi, pois me succedeu ficar mais comprida do que todo o texto, o que teria alterado as justas proporções da minha viagem, da qual o pequeno volume vem a ser o maior merecimento.

FIM



CLUBE DO LIVRO

VOLUMES PUBLICADOS

1 9 4 3

- Julho — O GUARANI — José de Alencar.
Agosto — MANON LESCAUT — Abade Prévost.
Setembro — PAIS E FILHOS — I. Turgueneff.
Outubro — UMA PÁGINA DE AMOR — Paula Mantegazza.
Novembro — O ABISMO — Charles Dickens.
Dezembro — AMOR DE PERDIÇÃO — Camilo Castelo Branco.

1 9 4 4

- Janeiro — MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS — Manuel Antônio de Almeida.
Fevereiro — ILHAS DO PACÍFICO — Jack London.
Março — OS COSSACOS — Leon Tolstol.
Abril — FRUTA DO MATO — Afrânio Peixoto.
Maio — TARTARIN DE TARASCON — A. Daudet.
Junho — O CASTELO DE LOURPS — J. Huysmans.
Julho — QUINCAS BORBA — Machado de Assis.
Agosto — TAVA'I — Maria Concepción L. Chaves.
Setembro — MADAME BOVARY — Gustave Flaubert.
Outubro — O TRONCO DO IPÊ — José de Alencar.
Novembro — O ROMANCE DE UMA MULHER — Guy de Maupassant.
Dezembro — UMA LENDA DE MONTROSE — Walter Scott.

1 9 4 5

- Janeiro — A MARCHA — Afonso Schmidt.
Fevereiro — EUGENIA GRANDET — Honoré de Balzac.
Março — NOVELAS EXTRAORDINÁRIAS — Edgar Põe.
Abril — O PRESIDENTE NEGRO — Monteiro Lobato.
Maio — A NOVELA DE UMA MÓDIA — Teófilo Gautier.
Junho — O JOGADOR — F. Dostoiewski.
Julho — O PRINCIPE DE NASSAU — Paulo Setubal.
Agosto — O FANTASMA DE CANTERVILLE — Oscar Wilde.
Setembro — SALAMBO — Gustave Flaubert.
Outubro — SENHORA — José de Alencar.
Novembro — UM HOMEM ACABADO — Giovanni Papini.
Dezembro — O NOVENTA E TRÊS — Victor Hugo.

1 9 4 6

- Janeiro — MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS — Machado de Assis.
Fevereiro — UM COMEÇO DE VIDA — Honoré de Balzac.
Março — AVENTURAS DE GORDON PYM — Edgar Põe.
Abril — DENTE DE OURO — Menotti del Picchia.
Maio — A SÓPLICA — Emilio Zola.
Junho — O ETERNO MARIDO — Fédor Dostoiewski.
Julho — NAVIOS ILUMINADOS — Ranulpho Prata.
Agosto — O RETRATO DE DORIAN GRAY — Oscar Wilde.
Setembro — A VOZ DOS SINOS — Charles Dickens.
Outubro — TIL — José de Alencar.
Novembro — VIAGEM A RODA DO MEU QUARTO — Xavier de Maistre.

VOLUMES A PUBLICAR

- Dezembro — OS HOMENS DO MAR — Victor Hugo.